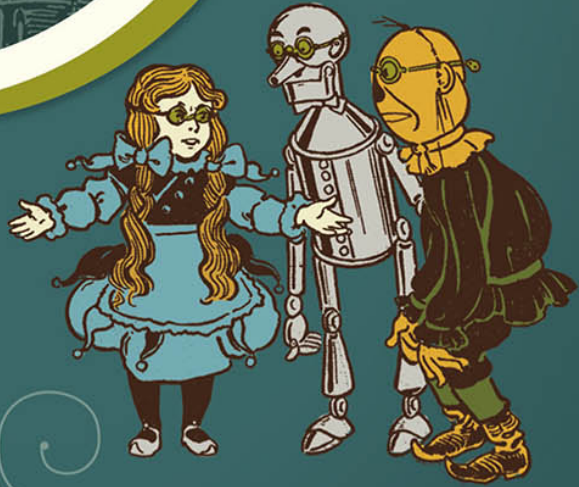


L. FRANK BAUM

O MÁGICO DE



 ZAHAR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O MÁGICO DE OZ

L. FRANK BAUM

Inclui ilustrações originais de W.W. DENSLOW

Tradução:
Sérgio Flaksman



*Este livro é dedicado à minha grande amiga e companheira: minha esposa.
L.F.B.*

Sumário

Apresentação

Introdução

1. O ciclone
2. O encontro com os Munchkins
3. Como Dorothy salvou o Espantalho
4. A estrada pela floresta
5. O resgate do Lenhador de Lata
6. O Leão Covarde
7. A viagem em busca do Grande Oz
8. O campo das papoulas da morte
9. A Rainha dos Ratos do Campo
10. O Guarda dos Portões
11. A maravilhosa Cidade das Esmeraldas de Oz
12. Em busca da Bruxa Má
13. A salvação
14. Os Macacos Alados
15. O segredo de Oz o Terrível
16. Os poderes mágicos do Grande Impostor
17. Como o balão levantou voo
18. Rumo ao sul
19. Atacados pelas árvores que lutam
20. O delicado País de Louça
21. O Leão se torna Rei dos Animais
22. O País dos Quadlings
23. A Bruxa Boa concede o desejo de Dorothy

24. De volta em casa

Apresentação

© *Mágico de Oz*, de L. Frank Baum, está para os Estados Unidos assim como *Alice no País das Maravilhas* para a Inglaterra, ou os contos dos irmãos Grimm para a Alemanha. Desde o início, por sinal, o livro foi comparado ao clássico de Lewis Carroll – e não sem um fundo de verdade. Baum criticava o nonsense do autor de *Alice*, mas gostava do fato de estar sempre acontecendo alguma coisa, não raro algo inusitado ou meio maluco, o que levava as crianças a serem arrebatadas, e deliciadas, pela história. Era esse entusiasmo que o americano procurava inspirar com suas narrativas. Não encontramos em seus livros os horrores tão comuns aos contos dos irmãos Grimm, que o assustavam quando pequeno; nem histórias de princesas, casamentos ou longas passagens narrativas, que o aborreciam. No lugar disso, o que temos são personagens definidos e moldados mais por ações e reações do que por descrições elaboradas, e uma incrível capacidade de criar atmosferas. Com um texto certo, que ele pouco revisava, e no qual quase nunca desperdiça uma palavra, Baum escrevia para crianças, mas nunca de modo infantil. Talvez por isso a história enganadoramente simples das aventuras de Dorothy na maravilhosa Terra de Oz tenha sido um best-seller ao longo de todo o século XX, traduzido para praticamente todos os idiomas, e comece o século XXI no mesmo caminho.

Lyman Frank Baum nasceu em 15 de maio de 1856, em Chittenango, no estado de Nova York, cidadezinha pacata que, mesmo em 2010, não contava mais que 5.080 habitantes. Foi uma criança sensível e de imaginação fértil, que veio a ter muitos e diversos interesses. Adulto, era antes de mais nada um homem de família. Forçado pelo trabalho a passar longos períodos afastado da mulher e dos quatro filhos, seus momentos preferidos em casa eram quando lia para as crianças ou contava-lhes histórias que ele mesmo criava ou reinventava. Após tentativas profissionais diversas, começou a escrever incentivado pela sogra, que acreditava sobretudo em sua grande habilidade narrativa.

Repletas de imagens, as histórias de Baum praticamente pedem para ser ilustradas. Após um primeiro livro em colaboração com o então estreante Maxfield Parrish, escolheu W.W. Denslow como parceiro para o segundo título. O terceiro, *O Mágico de Oz*, foi publicado em agosto de 1900. Não havia nada parecido no mercado infantil. Eram inovadoras não apenas as ilustrações de Denslow, que desde o princípio mereceram elogios do público e da crítica, mas também o humor, a fantasia, a verdade e a integridade da natureza humana nos personagens de Baum. De fato, quando terminou de escrever o livro, ele sabia que tinha criado algo especial. Segundo o editor original da obra, George M. Hill, 10 mil exemplares foram vendidos em duas semanas, e 80 mil impressos em seis meses.

A parceria com Denslow encerrou-se em 1901, e ambos continuaram explorando, separadamente e não sem brigas, os personagens e a Terra de Oz. Baum escreveu mais treze livros da série, além de ter participado ativamente da primeira montagem do musical para a Broadway, que ficou em cartaz por oito anos. A força do texto e dos lugares criados por Baum fez da es-trada de tijolos amarelos um longo caminho mesmo após sua morte, em 6 de maio de 1919. Outros títulos de Oz foram escritos postumamente com autorização de sua viúva. Em 1939, a MGM, um dos principais estúdios de Hollywood, lançou a primeira adaptação de sucesso de *O Mágico de Oz* para o cinema, que transformou a jovem Judy Garland numa estrela. Em 1978, dirigido por Sidney Lumet, estreou *The Wiz*, nova adaptação para a tela grande, que apresentava um olhar urbano sobre a obra e trazia Michael Jackson no papel do Espantalho.

Admirado e reverenciado por autores como Arthur C. Clarke, F. Scott Fitzgerald, Salman Rushdie e Gore Vidal, entre muitos outros, *O Mágico de Oz* é um clássico indiscutível entre crianças, jovens e adultos.



Introdução

○ FOLCLORE, AS LENDAS, os mitos e os contos de fadas têm acompanhado as crianças através dos tempos, pois todo jovem saudável sente um amor instintivo por histórias fantásticas, maravilhosas e manifestamente irreais. Nenhuma outra criação humana trouxe mais felicidade aos corações infantis que as fadas aladas de Andersen e Grimm.

Ainda assim, o conto de fadas tradicional, depois de servir a muitas gerações, hoje pode ser classificado como “histórico” na biblioteca infantil; pois chegou a hora de novos “contos maravilhosos”, de que se eliminaram os gênios, as fadas e os anões estereotipados, junto com os incidentes medonhos e sinistros imaginados por seus autores para indicar a moral assustadora de cada história. A educação moderna inclui a moral; por isso, a criança moderna procura apenas diversão em suas histórias fantásticas, dispensando alegremente todos os incidentes desagradáveis.

Com essa ideia em mente, a história do *O Mágico de Oz* foi escrita apenas para o prazer das crianças de hoje. Pretende ser um conto de fadas modernizado, em que a admiração e a alegria se conservam e os sofrimentos e pesadelos são deixados de fora.

L. FRANK BAUM
Chicago, abril de 1900

CAPÍTULO 1

O ciclone

DOROTHY VIVIA NO MEIO das grandes pradarias do Kansas, com seu tio Henry, que cuidava de uma fazenda, e a tia Em, mulher dele. A casa em que eles moravam era pequena, porque a madeira para a sua construção precisava ser trazida de carroça desde muito longe. Eram quatro paredes, um chão e um teto, que formavam uma única peça; e nesta peça ficavam um fogão a lenha com uma aparência bem enferrujada, um armário para os pratos, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. O tio Henry e a tia Em ocupavam uma cama de casal num dos cantos, e Dorothy, uma cama menor em outro. A casa não tinha sótão e nem porão – tirante um buraco não muito grande cavado na terra, que chamavam de abrigo de ciclone, onde a família poderia se esconder para o caso de aparecer um desses imensos redemoinhos de vento, tão fortes que são capazes de esmagar qualquer casa ou construção que encontrem no caminho. Ao abrigo se chegava por um alçapão que ficava no meio do piso da casa; do alçapão descia uma escada até o abrigo estreito e escuro.

Quando Dorothy chegava à porta de casa e olhava em volta, só via a pradaria cinzenta de todos os lados. Nenhuma árvore ou casa interrompia a paisagem totalmente plana que, em todas as direções, se estendia até onde a vista alcança. O sol tinha transformado a terra cultivada numa extensão sempre igual, toda cortada por rachaduras. Nem mesmo a relva era verde, porque o sol queimou as pontas das folhas e elas ficaram da mesma cor cinza que se via em toda parte. A casa antes era pintada, mas o sol tinha descascado a tinta e as chuvas tinham lavado o que sobrou, e agora a casa era tão cinzenta e sem cor como todo o resto.

Quando tia Em veio morar ali, era jovem e bonita. Mas ela também foi modificada pelo sol e pelo vento, que apagaram a centelha que brilhava nos seus olhos, hoje de um cinza neutro. Desbotaram o rubor das suas faces e dos seus lábios, que também ficaram acinzentados. Era magra e seca, e não sorria mais. Quando Dorothy, que era órfã, chegou à casa dela, tia Em ficava tão surpresa com o riso da menina que gritava e levava a mão ao peito toda vez que a voz alegre de Dorothy chegava aos seus ouvidos; e

olhava admirada para a menina, ao ver que ela conseguia encontrar algum motivo para rir.

Já o tio Henry nunca ria. Trabalhava duro do amanhecer até a noite, e não tinha ideia do que significava a alegria. Também era todo cinza, da longa barba grisalha às botas grosseiras que usava. Tinha uma aparência solene e severa, e quase nunca dizia nada.

Era Totó quem fazia Dorothy rir, e não deixava a menina crescer tão cinzenta quanto tudo que existia à sua volta. Totó não era cinza; era um cachorrinho preto, com o pelo longo e sedoso e olhinhos negros que reluziam satisfeitos dos dois lados de seu focinho preto, miúdo e engraçado. Totó brincava o dia inteiro; Dorothy brincava com ele e adorava o cachorrinho.

Mas hoje não estavam brincando. O tio Henry, sentado na porta da casa, olhava ansioso para o céu, que se mostrava ainda mais cinzento que o normal. Dorothy sentou-se ao lado dele na porta, com Totó no colo, e também olhava para o céu. Tia Em lavava os pratos.

De muito longe, ao norte, ouviram um gemido prolongado do vento, e tanto tio Henry como Dorothy viram que daqueles lados o capim alto se abaixava em ondas diante da tempestade que se aproximava. Em seguida ouviram um assobio agudo no ar, vindo do sul, e quando viraram os olhos nessa direção viram que o capim, naquele lado, também formava ondas.

De repente, o tio Henry se levantou.

– Está vindo um ciclone, Em – disse ele à mulher. – Vou ver se os animais estão bem.



E saiu correndo na direção dos currais onde ficavam as vacas e os cavalos. Tia Em largou o trabalho que fazia e veio até a porta. Um olhar bastou para ela ver que o perigo estava bem próximo.

– Depressa, Dorothy! – gritou ela. – Corra para o abrigo!

Totó pulou dos braços de Dorothy e se escondeu debaixo da cama, e a menina correu para ir buscar o cãozinho. Tia Em, muito assustada, abriu o alçapão e desceu a escada até o abrigo estreito e escuro. Dorothy finalmente pegou Totó e saiu ao encontro da tia. Quando estava na metade do caminho, ouviu-se um grito fortíssimo do vento e a casa sacudiu com tanta força que Dorothy perdeu o equilíbrio e caiu sentada no chão.

E então uma coisa muito estranha aconteceu.

A casa rodopiou duas ou três vezes e começou a levantar voo devagar. Dorothy teve a sensação de que subia no ar a bordo de um balão.

Os ventos do sul e do norte se encontraram no ponto exato onde ficava a casa, precisamente no centro do ciclone. No meio do ciclone, o olho do furacão, o ar geralmente quase não se move, mas a pressão imensa que o vento criava em toda a volta fez a casa subir cada vez mais, até chegar ao

ponto mais alto do ciclone; e bem no alto ela continuou enquanto era carregada para cada vez mais longe, por muitos e muitos quilômetros, como uma pena planando no ar.

Escureceu muito e o vento soprava com sons horríveis à volta dela, mas Dorothy descobriu que viajava até com um certo conforto. Depois dos primeiros rodopios, e de um outro momento em que a casa sacudiu com força, sentiu-se embalada, como um bebê no seu berço.

Totó é que não gostou nem um pouco daquilo. Corria de um lado para o outro da sala, parando aqui e ali e latindo alto; mas Dorothy ficou sentada bem quieta no chão, esperando para ver o que viria em seguida.

Num certo momento, Totó chegou perto demais do alçapão e caiu no buraco, e primeiro a menina achou que tinha perdido seu animalzinho. Mas logo ela viu uma das orelhas do cachorro aparecendo de dentro do buraco, porque a pressão muito forte do ar não deixou que ele caísse. Ela se arrastou até a abertura, pegou Totó pela orelha e puxou o cachorro de volta para dentro; em seguida, fechou o alçapão para que nenhum acidente tornasse a suceder.



Horas e horas se passaram, e aos poucos Dorothy foi perdendo o medo; mas sentia uma grande solidão, e o vento uivava com tanta força à sua volta que quase ficou surda. Num primeiro momento, ela se perguntou se a casa

iria se despedaçar quando tornasse a cair no chão; mas, com o passar das horas, como nada de terrível acontecia, parou de se preocupar e resolveu esperar com toda a calma para ver o que o futuro iria lhe trazer. Finalmente, arrastou-se pelo chão até a sua cama e deitou nela; Totó foi atrás e se estendeu ao seu lado.

Apesar do balanço da casa e do barulho do vento, em pouco tempo Dorothy fechou os olhos e adormeceu profundamente.

O encontro com os Munchkins

DOROTHY FOI ACORDADA por um choque, tão repentino e forte que, se não estivesse deitada na cama macia, poderia ter se machucado. Deitada, só levou um susto e se perguntou o que teria acontecido; Totó encostou o narizinho frio no rosto dela e ganiu com a maior tristeza. Dorothy sentou-se na cama e percebeu que a casa não se mexia mais; e nem estava mais escuro, porque a luz do sol entrava pela janela e inundava o cômodo único da casinha. A menina pulou da cama e, com Totó seguindo de perto, correu para abrir a porta.

Deu um gritinho de espanto e correu os olhos ao redor, olhos que se arregalavam cada vez mais com as coisas incríveis que contemplavam.

O ciclone tinha depositado a casa com grande delicadeza – na medida em que um ciclone pode ser delicado – no meio de um campo de uma beleza extraordinária. Havia lindos trechos de relvado verde à toda volta, com árvores imponentes carregadas de frutos coloridos e saborosos. Tufos de flores cresciam de todo lado, e aves de plumagem rara e brilhante cantavam e agitavam as asas nos ramos de árvores e arbustos. Um pouco mais adiante ficava um riacho, que corria e cintilava entre margens verdes, murmurando com uma voz que soava muito grata para uma menina que tinha vivido tanto tempo nas pradarias secas e cinzentas.

Enquanto devorava com os olhos aquelas estranhas e magníficas paisagens, Dorothy reparou que vinha caminhando na sua direção um grupo formado pelas pessoas mais esquisitas que já tinha visto na vida. Não eram tão grandes como os adultos com que estava acostumada; mas tampouco eram muito pequenos. Na verdade, pareciam ter mais ou menos a mesma altura de Dorothy, que era alta para a idade dela, só que pareciam muitos e muitos anos mais velhos.

Três deles eram homens e a outra uma mulher, e todos se vestiam de um modo fora do comum. Usavam chapéus redondos em ponta com mais ou menos um palmo e meio de altura, trazendo em volta da aba sinetas que tilintavam baixinho quando andavam. Os chapéus dos homens eram azuis; o da mulherzinha era branco, e ela usava um vestido branco que descia em

pregas dos seus ombros; o tecido era salpicado de estrelinhas, que brilhavam ao sol como diamantes. Os homens vestiam azul, no mesmo tom dos chapéus, e usavam botas bem envernizadas, com uma barra azul no alto do cano. Os homens, pensou Dorothy, deviam ser mais ou menos da idade do tio Henry, pois dois deles usavam barba. Mas a mulherzinha parecia muito mais velha: seu rosto era todo enrugado, seus cabelos, quase brancos, e caminhava com uma certa dificuldade.



Quando essas pessoas chegaram perto da casa, com Dorothy sempre de pé na porta, pararam e conversaram baixinho entre elas, como se estivessem com medo de avançar mais. Mas a velhinha caminhou até Dorothy, fez-lhe uma reverência profunda e disse, com uma voz muito doce:

– Bem-vinda, nobre feiticeira, ao País dos Munchkins. Queremos lhe agradecer por ter matado a Bruxa Má do Leste, libertando o nosso povo da escravidão.

Dorothy ouviu espantadíssima essas palavras. O que aquela velhinha queria dizer com aquela história de ela ser uma feiticeira, e de ter matado a Bruxa Má do Leste? Dorothy era uma garota inocente e inofensiva, que tinha sido arrastada por um ciclone para muito longe de casa, e nunca tinha matado nada e nem ninguém a vida inteira.

Mas a mulherzinha dava todos os sinais de estar esperando uma resposta; e Dorothy lhe disse, hesitando muito:

– É muita bondade sua; mas deve ter havido algum engano. Eu não matei ninguém.

E a velhinha respondeu com uma risada:

– A sua casa, pelo menos, matou, o que é a mesma coisa. Olhe só! – continuou ela, apontando para um dos cantos da casa. – Ali estão os dois pés dela, ainda aparecendo debaixo dessa peça de madeira.

Dorothy olhou e deu um grito de espanto. Realmente, bem debaixo do canto onde se apoiava a viga principal da casa, viam-se dois pés, calçando sapatos de prata de bico bem fino.

– Minha nossa! Minha nossa! – gritou Dorothy, torcendo as mãos de aflição. – A casa deve ter caído em cima dela. O que a gente pode fazer?



– Não há nada mais a fazer – disse calmamente a velhinha.

– Mas quem era ela? – perguntou Dorothy.

– A Bruxa Má do Leste, como eu já disse – explicou a mulherzinha. – Os Munchkins foram todos escravos dela por muitos e muitos anos, e eram obrigados a trabalhar dia e noite o tempo todo. Agora estão livres, e muito gratos a você pelo favor que fez.

– Quem são os Munchkins? – perguntou Dorothy.

– As pessoas que moram neste País do Leste, e antes eram dominadas pela Bruxa Má.

– A senhora também é Munchkin? – perguntou Dorothy.

– Não; mas sou amiga deles, apesar de morar no País do Norte. Quando viram que a Bruxa do Leste tinha morrido, os Munchkins mandaram me avisar e eu vim na mesma hora. Eu sou a Bruxa do Norte.

– Ora vejam! – exclamou Dorothy. – Uma bruxa de verdade?

– Sim, é claro – respondeu a velhinha. – Mas sou uma bruxa boa, e todo mundo gosta de mim. Só não sou tão poderosa quanto era a Bruxa Má que reinava por aqui, senão eu mesma teria libertado os seus escravos.

– Mas sempre achei que todas as bruxas eram más – disse a menina, que sentia um pouco de medo por se ver diante de uma bruxa de verdade.

– Ah, não, este é um erro dos maiores. Só havia quatro bruxas em toda a Terra de Oz, e duas delas, as que vivem no Norte e no Sul, são boas. E sei que isso é verdade, porque uma delas sou eu mesma. As do Leste e do Oeste é que eram bruxas más; mas agora você matou uma delas e sobrou só uma bruxa má em toda a Terra de Oz: a que vive no Oeste.

E Dorothy disse, depois de pensar um bocado:

– Mas tia Em me contou que todas as bruxas morreram há muitos e muitos anos.

– Quem é tia Em? – perguntou a velhinha.

– A minha tia que mora no Kansas, de onde eu vim.

A Bruxa do Norte deu a impressão de refletir por algum tempo, com a cabeça baixa e os olhos postos no chão. Em seguida, levantou os olhos e disse:

– Não sei onde fica o Kansas, pois nunca ouvi falar desse país. Mas me diga, são terras civilizadas?

– Ah, sim! – respondeu Dorothy.

– Então isso explica tudo. Nas terras civilizadas, acho que não sobrou nenhuma bruxa; nem mágicos, nem feiticeiras e nem bruxos. Mas a Terra de Oz nunca foi civilizada, porque vivemos separados do resto do mundo. E é por isso que ainda temos bruxas, feiticeiros e magos.

– Quem são os mágicos? – perguntou Dorothy.

– O próprio Oz é o Grande Mágico – respondeu a Bruxa, baixando sua voz a um murmúrio. – Ele é mais poderoso que todos os outros juntos, e vive na Cidade das Esmeraldas.

Dorothy já ia fazer outra pergunta, mas exatamente nesse instante os Munchkins, que até então estavam parados em silêncio, deram um grito e apontaram para o canto da casa onde antes estava estendida a Bruxa Má.

– O que foi? – perguntou a velhinha.

Depois ela olhou, e começou a rir. Os pés da bruxa morta tinham sumido completamente, e agora só tinham ficado os seus sapatos de prata.

– Ela estava tão velha – explicou a Bruxa do Norte – que secou depressa com o calor do sol. E desapareceu. Mas os Sapatos de Prata são seus, e você pode usar.

Abaixou-se e pegou os Sapatos, e depois de espanar a poeira que os cobria entregou o par a Dorothy.

– A Bruxa do Leste tinha muito orgulho desses sapatos – disse um dos Munchkins – e eles têm algum poder mágico; mas nunca soubemos qual era.

Dorothy levou os Sapatos para dentro de casa e pôs em cima da mesa.

Em seguida, saiu de novo e se dirigiu aos Munchkins:

– Estou ansiosa para voltar para a minha tia e o meu tio, porque sei que eles devem estar preocupados comigo. Podem me ajudar a encontrar o caminho?

Os Munchkins e a Bruxa primeiro trocaram olhares, depois olharam para Dorothy e abanaram a cabeça.

– No Leste, não muito longe daqui – disse um deles –, fica um deserto imenso, que ninguém jamais conseguiu atravessar e sair vivo.

– É a mesma coisa no Sul – disse outro. – Já estive lá e vi. O Sul é a terra dos Quadlings.

– E eu ouvi dizer – disse o terceiro homem – que a mesma coisa acontece no Oeste. E que essa região, onde vivem os Winkies, é governada pela Bruxa Má do Oeste, que escraviza todo mundo que passa por lá.

– Eu vivo no Norte – disse a velhinha. – E além de lá fica o mesmo deserto que cerca toda esta Terra de Oz. Infelizmente, minha querida, acho que você vai ter de ficar conosco.

Nisso Dorothy começou a soluçar, pois se ver no meio de tanta gente estranha a fazia sentir-se muito só. E suas lágrimas pareceram comover os generosos Munchkins, que imediatamente pegaram seus lenços e começaram a chorar também. Quanto à velhinha, tirou o chapéu, que equilibrou virado para cima na ponta do nariz, enquanto contava “um, dois, três” numa voz solene. Na mesma hora o chapéu se transformou numa lousa, em que aparecia escrito em letras imensas de giz:

“DOROTHY DEVE IR PARA A CIDADE DAS ESMERALDAS.”



A velhinha tirou a lousa de cima do nariz e, depois de ler as palavras escritas, perguntou:

– O seu nome é Dorothy, querida?

– É – respondeu a menina, erguendo os olhos e enxugando as lágrimas.

– Então você precisa ir para a Cidade das Esmeraldas. Talvez Oz possa ajudar você.

– E onde fica essa cidade? – perguntou Dorothy.

– Fica exatamente no centro de toda essa terra, e é governada por Oz, o Grande Mágico de quem eu lhe falei.

– E ele é um homem bom? – perguntou Dorothy, ansiosa.

– É um bom mágico. Se é ou não um homem não sei dizer, porque nunca estive com ele em pessoa.

– E como eu chego lá? – perguntou Dorothy.

– Caminhando. É uma longa viagem, atravessando às vezes regiões agradáveis e às vezes regiões horríveis e escuras. Mas vou usar todas as artes mágicas que conheço para manter você a salvo.

– E não quer vir comigo? – perguntou a garota, para quem a velhinha se transformara na única amiga que possuía.

– Não, não posso – respondeu ela. – Mas lhe darei o meu beijo. E ninguém se atreve a fazer mal a uma pessoa que foi beijada pela Bruxa do Norte.

Aproximou-se de Dorothy e deu-lhe um beijo suave na testa. No ponto onde tocaram a pele da menina, seus lábios deixaram uma marca redonda e brilhante, como Dorothy descobriu logo depois.

– A estrada para a Cidade das Esmeraldas é toda calçada de tijolos amarelos – disse a Bruxa. – Você não tem como se perder. Quando estiver com Oz, não tenha medo: conte a sua história e peça a ajuda dele. Adeus, minha querida.

Os três Munchkins fizeram uma reverência profunda diante de Dorothy, e lhe desejaram uma boa viagem antes de saírem andando pelo meio das árvores. A Bruxa fez um gesto amigável com a cabeça para Dorothy, rodopiou três vezes em torno do calcanhar esquerdo e na mesma hora desapareceu, para grande surpresa do pequeno Totó, que ficou latindo muito alto: com ela por perto, nem havia tido coragem de rosnar.

Mas Dorothy, sabendo que ela era uma bruxa, já esperava que desaparecesse sem aviso, e não ficou nem um pouco impressionada.

Como Dorothy saíu do Espantão

QUANDO DOROTHY FICOU SOZINHA, começou a sentir fome. Então foi até o armário e cortou uma fatia de pão, que cobriu de manteiga. Deu um pouco para Totó e, pegando um balde na prateleira, foi até o riacho encher de água pura e cristalina. Totó correu na direção das árvores e começou a latir para os pássaros pousados nos seus ramos. Dorothy foi atrás dele, e viu frutos tão deliciosos presos aos galhos que colheu alguns, descobrindo que eram exatamente o que estava querendo para reforçar o seu desjejum.

Em seguida voltou para a casa, e tomando ela e Totó uma boa quantidade da água fresca e transparente, começou a se preparar para a viagem à Cidade das Esmeraldas.

Dorothy só tinha um outro vestido, que por acaso estava limpo e pendurado num prego ao lado da sua cama. Era de guingão, quadriculado de branco e azul e, mesmo com o azul meio desbotado de tantas lavagens, ainda era um belo vestido. A menina se lavou com todo o cuidado, pôs o vestido limpo e amarrou sua touca cor-de-rosa na cabeça. Pegou uma cestinha, que encheu com o pão do armário, e cobriu com um pano branco. Em seguida, olhou para os seus pés e percebeu como os sapatos estavam velhos e gastos.

– Não vão aguentar uma viagem mais longa, Totó – disse ela.

Totó olhou para ela com seus olhinhos pretos e balançou a cauda para mostrar que entendia o que ela queria dizer.

Nesse exato momento, Dorothy viu em cima da mesa os Sapatos de Prata que tinham sido da Bruxa do Leste.

– Será que ficam bons nos meus pés? – perguntou a Totó. – Seriam perfeitos para uma longa caminhada, porque não se gastam com o uso.

Tirou seus velhos sapatos de couro e experimentou os de prata, que couberam como se tivessem sido feitos sob medida para ela.

Finalmente ela pegou a cesta.

– Venha, Totó – disse ela. – Vamos à Cidade das Esmeraldas perguntar ao grande Oz como podemos voltar para o Kansas.

Fechou e trancou a porta, e guardou com todo o cuidado a chave no bolso do vestido. E assim, com Totó trotando calmamente ao seu lado, começou a sua jornada.

Havia inúmeros caminhos nas proximidades, mas ela não demorou muito para encontrar a estrada calçada com tijolos amarelos. Pouco depois, já caminhava a passos firmes na direção da Cidade das Esmeraldas, com os Sapatos de Prata produzindo um tinido alegre no leito duro e amarelo da estrada. O sol brilhava, os passarinhos cantavam lindamente e Dorothy nem se sentia tão mal quanto seria de se esperar de uma garota de repente arrancada do lugar onde vivia e transportada para uma terra desconhecida.

Ficou surpresa, enquanto andava, de ver como aquela região era bonita. As cercas dos dois lados da estrada eram novas, pintadas de um azul alegre, e para além delas se estendiam plantações de cereais, hortaliças e legumes em abundância. Era óbvia a competência dos Munchkins como agricultores, capazes de manter lavouras muito produtivas. De tempos em tempos ela passava por uma casa, e as pessoas saíam para olhar e se curvar à sua passagem: todos sabiam que havia sido graças a ela que a Bruxa Má tinha sido destruída, e eles, libertados da escravidão. As casas dos Munchkins eram habitações curiosas, pois tinham forma circular, com um telhado que era uma cúpula arredondada. Todas eram azuis, pois naquele País do Leste a cor favorita era o azul.

Lá pelo fim da tarde, quando Dorothy já estava cansada de andar e começava a pensar em onde poderia passar a noite, chegou a uma casa bem maior que as outras. No gramado à frente da casa muitos homens e mulheres dançavam. Cinco pequenos violinistas tocavam o mais alto que podiam, e todos riam e cantavam. Uma imensa mesa ali perto estava coberta de frutas e nozes deliciosas, além de tortas, bolos e muitas outras guloseimas.

Todos cumprimentaram Dorothy com alegria, e convidaram a menina para jantar e passar a noite naquela casa; pois ali morava um dos Munchkins mais ricos de todo o país, e seus amigos estavam reunidos para comemorar o fim da servidão à bruxa malvada.

Dorothy jantou muito bem e foi servida pelo próprio Munchkin rico, que se chamava Boq. Depois sentou-se num banco e ficou olhando as danças.

Ao ver seus Sapatos de Prata, Boq disse:

– Você deve ser uma grande feiticeira.

– Por quê? – perguntou a menina.

– Porque está usando os Sapatos de Prata e matou a Bruxa Má. Além disso, o seu vestido tem a cor branca, e só bruxas e feiticeiras usam branco.

– Meu vestido é quadriculado de azul e branco – disse Dorothy, alisando as pregas da roupa.

– E é muita delicadeza da sua parte usar uma roupa assim – disse Boq. – O azul é a cor dos Munchkins, e o branco é a cor das feiticeiras; assim ficamos sabendo que você é uma feiticeira amiga.

Dorothy não soube o que dizer, porque todo mundo parecia achar que era mesmo uma feiticeira, enquanto ela sabia perfeitamente que era só uma garota comum que, por acaso, um ciclone havia carregado para uma terra estranha.

Quando ela se cansou de assistir às danças, Boq levou Dorothy para dentro da casa, onde lhe deu um quarto com uma linda cama. Os lençóis eram de tecido azul, e deitada neles Dorothy dormiu profundamente até de manhã, com Totó enrodilhado no tapetinho azul ao lado dela.

Comeu muito bem no café, e ficou acompanhando um minúsculo bebê Munchkin, que brincava com Totó puxando seu rabo e rindo de um modo que Dorothy achou muito engraçado. Totó despertava a curiosidade de todo mundo, pois nunca antes tinham visto um cachorro.

– Quanto ainda falta até a Cidade das Esmeraldas? – perguntou a menina.

– Não sei dizer – respondeu Boq em tom triste – porque nunca estive lá. Aqui todo mundo prefere ficar longe de Oz, a não ser que você tenha alguma coisa a tratar com ele. Mas a Cidade das Esmeraldas fica muito longe, e você vai levar muitos dias. Nosso país é rico e agradável, mas você vai precisar passar por lugares hostis e perigosos antes de chegar ao fim da sua jornada.

Isto deixou Dorothy um pouco preocupada, mas ela sabia que só o grande Oz podia ajudá-la a voltar para o Kansas, então teve a coragem de resolver que não daria meia-volta.



Despediu-se dos seus amigos e saiu andando novamente pela estrada de tijolos amarelos. Depois de percorrer vários quilômetros, achou melhor parar para um descanso. Subiu na cerca ao lado da estrada e sentou-se no alto. Havia um enorme milharal do outro lado da cerca, e não muito longe ela viu um Espantalho, preso no alto de uma estaca fina para afastar os corvos do milho maduro.

Dorothy apoiou o queixo na mão e, pensativa, ficou contemplando o Espantalho. A cabeça da criatura era um saco pequeno estofado de palha, com olhos, uma boca e um nariz pintados no pano para representar um rosto. Um velho e pontudo chapéu azul, que tinha sido de algum Munchkin, se empoleirava na sua cabeça, e o resto do Espantalho era um conjunto de roupas azuis, gastas e desbotadas, que também tinham sido preenchidas com palha. Os pés calçavam velhas botas com uma barra azul, iguais às que todos os homens usavam naquela região, e a figura se erguia acima dos pés de milho graças a uma comprida estaca enfiada em suas costas.

Enquanto Dorothy olhava interessada para o rosto pintado do Espantalho, ficou surpresa de ver um dos olhos piscar lentamente para ela. Num primeiro momento pensou que estivesse enganada, pois nenhum dos espantalhos do Kansas piscava o olho; mas em seguida a figura fez um simpático aceno de cabeça para ela. Então Dorothy desceu da cerca e caminhou até o Espantalho, enquanto Totó corria em volta da estaca sem parar de latir.

– Bom dia – disse o Espantalho, numa voz bem rouca.

– Você falou? – perguntou a menina admirada.

– Claro – respondeu o Espantalho. – Como vai?

– Estou muito bem, obrigada – respondeu educadamente Dorothy. – E você, como tem passado?

– Não estou me sentindo muito bem – disse o Espantalho com um sorriso.

– É muito chato passar noite e dia empoleirado aqui para espantar os corvos.



– Mas você não pode descer? – perguntou Dorothy.

– Não, por causa dessa estaca que sustenta as minhas costas. Se você me fizesse o favor de me soltar dela, eu ficaria muito agradecido.

Dorothy esticou os dois braços e levantou o Espantalho, até ele se soltar da estaca. Como tinha sido recheado de palha, ele era muito leve.

– Muito obrigado – disse o Espantalho, depois que foi posto no chão. – Agora eu me sinto um novo homem.

Dorothy ficou intrigada, porque era estranho ouvir um homem estofado de palha falando, além de ver aquela figura gesticular e andar ao lado dela.

– E você, quem é? – perguntou o Espantalho, depois de se espreguiçar e bocejar. – E aonde está indo?

– Meu nome é Dorothy – respondeu a menina. – Estou indo até a Cidade das Esmeraldas, pedir ao grande Oz que me mande de volta para o Kansas.

– Onde fica a Cidade das Esmeraldas? – perguntou ele. – E quem é Oz?

– Ora, mas você não sabe? – devolveu ela, espantada.

– A verdade é que não; não sei de nada. É que eu sou recheado de palha, e por isso não tenho cérebro – respondeu ele, em tom triste.

– Ah – disse Dorothy. – Eu sinto muito você ser assim.

– Você acha – perguntou ele – que se eu fosse com você até a Cidade das Esmeraldas o grande Oz podia me dar um cérebro?

– Não sei dizer – respondeu ela. – Mas você pode vir comigo, se quiser. Se Oz não lhe der um cérebro, pelo menos não vai ficar pior do que está agora.

– Isso lá é verdade – disse o Espantalho. E continuou – O fato é que eu não me incomodo de ter as pernas, o corpo e os braços recheados de palha, porque assim eu não me machuco. Se alguém pisar no meu pé ou me enfiar um alfinete, não faz diferença, porque eu não sinto nada. Mas não quero que as pessoas digam que eu sou burro, e se a minha cabeça continuar recheada de palha em vez de miolos, como a sua, como é que eu vou conseguir aprender alguma coisa?

– Eu entendo – disse a menina, que estava com pena dele de verdade. – Se você quiser vir comigo, eu peço a Oz para fazer o que puder no seu caso.

– Obrigado – respondeu o Espantalho, agradecido.

Caminharam de volta para a estrada de tijolos amarelos. Dorothy ajudou o Espantalho a passar por cima da cerca, e os dois saíram andando rumo à Cidade das Esmeraldas.

No começo, Totó não gostou daquela novidade, mais uma pessoa. Farejou todo o homem estofado como se desconfiasse que pudesse trazer um ninho de ratos na palha, e volta e meia rosnava para o Espantalho com uma expressão de poucos amigos.

– Não se incomode com ele – disse Dorothy para o novo amigo. – Ele nunca morde.

– Ah, nem tenho medo – respondeu o Espantalho. – Ele não tem como machucar a palha. Deixe eu carregar essa cesta para você. Não me

incomoda nem um pouco, porque eu nunca fico cansado.

E continuou, enquanto caminhava ao lado dela:

– Vou lhe contar uma coisa que ninguém sabe. Só existe uma coisa que me mete medo.

– O que é? – perguntou Dorothy. – O fazendeiro Munchkin que fabricou você?

– Não – respondeu o Espantalho. – Um fósforo aceso.

A estrada da pedra floresta

ALGUMAS HORAS MAIS TARDE a estrada foi ficando mais acidentada, e caminhar se tornou tão difícil que o Espantalho tropeçava toda hora nos tijolos amarelos, que aqui eram muito irregulares. Às vezes estavam quebrados ou faltavam alguns, deixando buracos que Totó pulava e Dorothy contornava. Quanto ao Espantalho, como não tinha miolos, andava sempre reto, e assim enfiava o pé nos buracos e caía de cara nos tijolos. Só que nunca se machucava: Dorothy pegava o boneco de palha no chão e o ajudava a se levantar de novo, enquanto ele ria alegremente com ela da sua própria falta de jeito.

Ali as plantações não eram nem de longe tão bem-cuidadas quanto as de antes. As casas eram mais espaçadas e as árvores frutíferas também, e quanto mais eles avançavam mais a terra ficava triste e solitária.

Ao meio-dia eles se sentaram ao lado da estrada, perto de um riachinho; Dorothy abriu a cesta e tirou um pedaço de pão. Ofereceu para o Espantalho, mas ele recusou.



– Nunca sinto fome – disse ele. – Sorte a minha. Porque a minha boca é só pintada, e se eu abrisse um buraco nela para poder comer, a palha que me recheia sairia toda, o que iria estragar o formato da minha cabeça.

Dorothy viu que era assim mesmo, então só fez que sim com a cabeça e continuou a comer seu pão.

– Conte alguma coisa sobre você e a terra de onde você veio – pediu o Espantalho quando ela acabou o almoço.

Então ela contou como era a sua vida no Kansas, como tudo por lá era cinzento, e como o ciclone tinha carregado a casinha para aquela estranha Terra de Oz. O Espantalho ouviu com atenção, e disse:

– Não entendo como você pode querer ir embora deste lindo lugar e voltar para a terra seca e cinzenta que você chama de Kansas.

– Isso porque você não tem cérebro – respondeu a garota. – Por mais que as nossas casas sejam tristes e cinzentas, nós, as pessoas de carne e osso, preferimos viver nelas do que em qualquer outro lugar, mesmo o mais lindo do mundo. Não existe lugar igual à casa da gente.

O Espantalho suspirou.

– Claro que eu não entendo – disse ele. – Se as suas cabeças fossem recheadas de palha como a minha, o mais provável é que todos vocês vivessem nos lugares mais bonitos, e aí o Kansas ficaria sem nenhum morador. Ainda bem para o Kansas que vocês têm cérebro.

– Não quer me contar uma história, enquanto a gente descansa? – pediu a menina.

O Espantalho olhou para ela com ar de censura, e respondeu.

– Estou vivo há tão pouco tempo que na verdade não aprendi nada de nada. Só fui fabricado anteontem. Não sei de nada do que aconteceu no mundo antes disso. Felizmente, quando o fazendeiro fabricou a minha cabeça, uma das primeiras coisas que ele fez foi pintar minhas orelhas, e eu comecei a ouvir o que acontecia. Um outro Munchkin estava com ele, e a primeira coisa que eu ouvi foi o fazendeiro dizendo:

“– Que tal essas orelhas?

“– Uma está diferente da outra – respondeu o amigo.

“– Não tem importância – disse o fazendeiro. – São orelhas assim mesmo (o que era verdade). Agora eu vou fazer os olhos – e aí pintou meu olho direito. Assim que ele acabou, eu enxergava tanto o homem como tudo à minha volta com muita curiosidade, porque era a minha primeira visão do mundo.

“– O olho ficou muito bom – disse o Munchkin que acompanhava o fazendeiro. – Tinta azul é mesmo a melhor para pintar olhos.

“– Acho que vou fazer o outro um pouco maior – disse o fazendeiro. E quando o segundo olho ficou pronto eu estava enxergando muito melhor do que antes. Depois ele fez minha boca e meu nariz; mas eu não falei, porque

àquela altura eu não sabia para que servia uma boca. Eu me distraí muito vendo os dois fazerem o meu corpo, os meus braços e as minhas pernas. E quando finalmente prenderam a minha cabeça no corpo eu fiquei muito orgulhoso, porque achei que era um homem igual a todos os outros.

“– Este sujeito vai meter muito medo nos corvos – disse o fazendeiro. – Parece um homem direitinho.

“– Ora, mas é mesmo um homem – disse o outro, e eu concordei com ele. O fazendeiro me pôs debaixo do braço e me carregou para o milharal, onde me prendeu numa estaca alta, como você me encontrou. Logo ele e o amigo se afastaram e eu fiquei sozinho.

“Não gostei de ser abandonado daquela maneira. Tentei sair andando atrás deles, mas meus pés não encostavam no chão e fui forçado a ficar preso na estaca. Era uma vida muito solitária, porque eu não tinha nada em que pensar, já que tinha sido fabricado tão pouco tempo antes. Muitos corvos e outras aves apareceram sobrevoando o milharal, mas assim que me viam batiam asas e iam embora, achando que eu era um Munchkin, o que me agradou muito e me fez achar que era uma pessoa importante. Um pouco mais tarde, um corvo velho passou perto de mim, e depois de me examinar com todo o cuidado se empoleirou no meu ombro e disse:

“– Imagine o fazendeiro tentar me enganar dessa maneira tão tosca. Qualquer corvo com algum juízo percebe que você é recheado de palha – então ele pousou no chão abaixo dos meus pés e comeu todo o milho que queria. Os outros corvos, vendo que eu não lhe fazia mal, vieram comer o milho também, e dali a pouco tempo um bando tinha se formado à minha volta. Fiquei triste com isso, porque mostrava que no fim das contas eu nem era um Espantalho tão bom assim, mas o velho corvo me consolou, dizendo: – Se você tivesse miolos na cabeça seria um homem tão bom quanto os outros, e melhor que alguns deles. Um bom cérebro é a única coisa que vale a pena ter neste mundo, tanto para os homens quanto para os corvos.



“Depois que os corvos foram embora fiquei pensando nisso, e resolvi que ia fazer o possível para conseguir um cérebro. Por sorte você apareceu e me tirou da estaca, e, pelo que disse, tenho certeza de que o grande Oz vai me dar um cérebro assim que nós chegarmos à Cidade das Esmeraldas.”

E Dorothy respondeu, com toda a sinceridade:

– Espero que sim, já que você quer tanto.

– Quero, sim – respondeu o Espantalho. – É muito ruim essa sensação de saber que você é burro.

– Bem – disse a garota –, então vamos. E entregou a cesta para o Espantalho.

Agora já não havia mais cercas na beira da estrada, e a terra era irregular e sem plantações. No final da tarde chegaram a uma grande floresta, onde as árvores eram tão altas, e cresciam tão perto umas das outras, que seus galhos se entrelaçavam por cima da estrada de tijolos amarelos. Estava quase escuro debaixo das árvores, porque os galhos não deixavam passar a luz do dia; mas os viajantes não pararam de andar, e entraram na floresta.

– Se a estrada entra na floresta, em algum lugar precisa sair – disse o Espantalho. – E como a Cidade das Esmeraldas fica na outra ponta da

estrada, temos de seguir por ela.

– Isso qualquer um sabe – disse Dorothy.

– Sem dúvida, e é por isso que eu sei – respondeu o Espantalho. – Se precisasse de um cérebro para descobrir, eu não teria dito nada.

Depois de mais ou menos uma hora a luz sumiu, e eles andavam aos tropeções no escuro. Dorothy não enxergava nada, mas Totó sim, porque alguns cachorros enxergam muito bem à noite. E o Espantalho declarou que via tão claramente como se fosse dia. Então ela segurou no braço dele, e assim conseguiu continuar avançando.

– Se você enxergar alguma casa, ou qualquer lugar onde a gente possa passar a noite, não deixe de me dizer – pediu ela. – Porque é muito desconfortável caminhar no escuro.

Pouco depois o Espantalho parou, e disse:

– Estou vendo uma casinha à nossa direita, feita de troncos e galhos de árvore. Vamos até lá?

– Vamos sim – respondeu a menina. – Estou muito cansada.

Então o Espantalho guiou Dorothy pelo meio das árvores até chegarem à casinha. Dorothy entrou e encontrou uma cama de folhas secas num canto. Deitou-se na mesma hora, e com Totó estendido ao seu lado caiu num sono profundo. O Espantalho, que nunca se cansava, ficou mesmo de pé num outro canto, esperando paciente a chegada da manhã.

O resga-te do Lenha-de-Lata

QUANDO DOROTHY ACORDOU, o sol brilhava por entre as árvores e Totó já estava há muito tempo perseguindo esquilos e passarinhos. Ela sentou na cama e olhou à sua volta. Lá estava o Espantalho, de pé no seu canto, esperando pacientemente por ela.

– Precisamos procurar por água – disse a menina.

– E por que nós queremos água? – perguntou o Espantalho.

– Para lavar a poeira da estrada do meu rosto, e para beber: assim o pão seco não fica preso na minha garganta.

– Deve ser meio incômodo ser feito de carne – disse o Espantalho, pensativo. – Porque a pessoa precisa dormir, comer e beber. Por outro lado, tem um cérebro, e poder pensar direito bem que vale todo o trabalho.

Saíram da casinha e caminharam entre as árvores até acharem uma fonte de água clara, onde Dorothy matou a sede, tomou banho e comeu seu desjejum. Viu que não lhe restava muito pão na cesta, e ficou satisfeita de pensar que o Espantalho não precisava comer nada, porque mal restava pão que desse para ela e Totó passarem o dia.

Depois que acabou de comer, e quando se preparava para voltar à estrada dos tijolos amarelos, Dorothy ficou espantada ao ouvir um gemido fundo bem perto de onde estava.

– O que foi isso? – perguntou ela, assustada.

– Não faço ideia – respondeu o Espantalho. – Mas podemos ir ver.

E nesse exato momento ouviram mais um gemido, e o som parecia vir de trás deles. Viraram-se e deram alguns passos pela floresta antes de Dorothy descobrir alguma coisa rebrilhando à luz de um raio de sol que passava pelo meio das árvores. Correu para esse lugar, e então parou de chofre, com um grito de surpresa.

Uma das árvores maiores tinha sido cortada a machadadas até um certo ponto e, ao lado dela, com o machado erguido nas mãos, via-se um homem todo feito de lata. Sua cabeça, suas pernas e seus braços eram ligados ao tronco por juntas de metal, mas ele estava perfeitamente imóvel, como se fosse incapaz de mover qualquer parte do corpo.

Dorothy olhou para ele muito admirada, assim como o Espantalho, enquanto Totó latia bem alto e tentava abocanhar as pernas de lata, que acabaram machucando os seus dentes.

– Foi você que gemeu? – perguntou Dorothy.

– Fui eu mesmo – respondeu o homem de lata. – Faz mais de um ano que estou gemendo aqui, mas até agora ninguém tinha escutado ou vindo me ajudar.

– E como eu posso ajudar? – perguntou ela baixinho, porque ficou comovida com a voz triste do homem.

– Pegue uma lata de óleo e lubrifique as minhas juntas – respondeu ele. – Enferrujaram tanto que não consigo mexer nenhuma delas. Mas se eu for lubrificado de cima a baixo, logo volto a ficar bem. Tenho uma lata de óleo numa prateleira na minha casinha.

Na mesma hora Dorothy correu até a casinha, encontrou a lata de óleo e depois voltou, perguntando ansiosa:

– Onde ficam as suas juntas?

– Primeiro ponha óleo no meu pescoço – respondeu o Lenhador de Lata.

Dorothy pingou óleo no pescoço, mas como ele estava muito enferrujado o Espantalho agarrou a cabeça de lata e começou a virar, sem fazer muita força, de um lado para o outro até ela se soltar, e a partir daí o próprio homem conseguiu movimentar a cabeça.

– Agora ponha óleo nas juntas dos meus braços – disse ele.

Dorothy lubrificou as juntas dos braços e o Espantalho dobrou cada um deles com todo cuidado, até se livrarem completamente da ferrugem e funcionarem como novos.

O Lenhador de Lata deu um sorriso de satisfação e baixou seu machado, que apoiou no tronco da árvore.

– Que alívio – disse ele. – Estou segurando esse machado no ar desde que enferrujei, e finalmente posso me livrar dele por um tempo. Agora, se você lubrificar as juntas das minhas pernas, volto a ficar inteirinho bem.

Então os dois puseram óleo nas suas pernas até ele conseguir mexer totalmente as duas; e ele não cansava de agradecer e agradecer pela sua libertação, pois dava a impressão de ser uma criatura muito bem-educada, e um homem muito grato.

– Eu podia ter ficado ali para sempre na mesma posição, se vocês não tivessem aparecido – disse ele. – O que quer dizer que vocês sem dúvida salvaram a minha vida. Como vieram parar aqui?

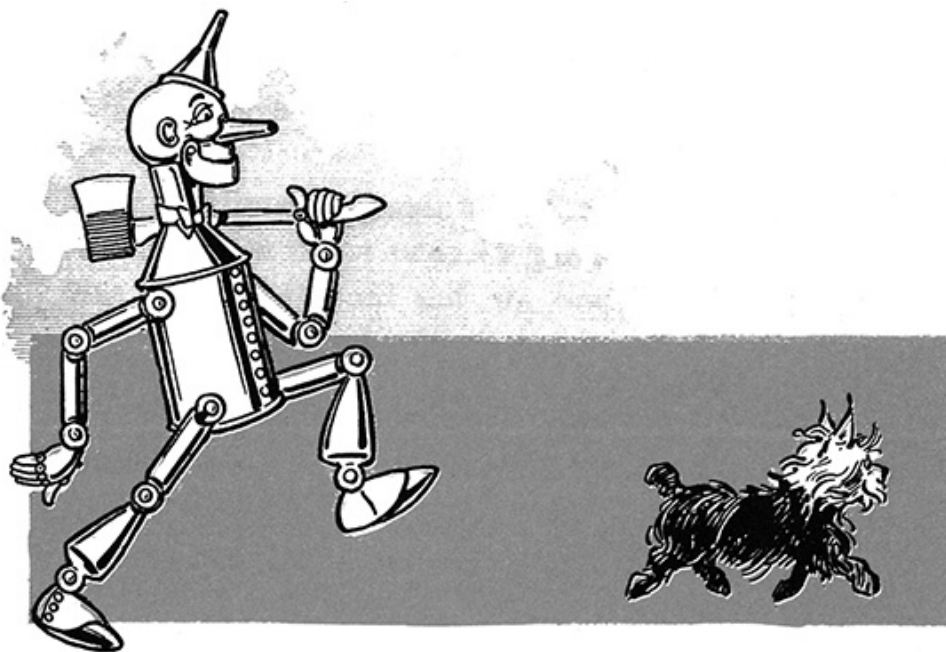
– Estamos a caminho da Cidade das Esmeraldas para ver o grande Oz – respondeu Dorothy. – E paramos na sua casinha para passar a noite.

– E por que vocês querem ver Oz? – perguntou ele.

– Quero que ele me mande de volta para o Kansas; e o Espantalho quer que ele arranje um cérebro para a sua cabeça – respondeu a menina.

O Lenhador de Lata pensou profundamente por alguns instantes. E então disse:

– Você acha que Oz podia me dar um coração?



– Ora, imagino que sim – respondeu Dorothy. – Deve ser tão fácil quanto arranjar um cérebro para o Espantalho.

– É verdade – respondeu o Lenhador de Lata. – Então, se vocês deixarem que eu venha junto, também vou à Cidade das Esmeraldas pedir a ajuda de Oz.

– Venha conosco! – respondeu animado o Espantalho. E Dorothy acrescentou que teria o maior prazer na companhia dele.

Então o Lenhador de Lata apoiou o machado no ombro e todos saíram andando pela floresta até chegarem à estrada calçada de tijolos amarelos.

O Lenhador de Lata pediu a Dorothy que guardasse a lata de óleo na cesta. E explicou:

– Se eu pegar chuva e tornar a ficar enferrujado, vou precisar muito da minha latinha de óleo.

E foi uma sorte seu novo amigo se juntar a eles, porque logo que começaram sua viagem chegaram a um lugar onde as árvores e os galhos cresciam tão emaranhados por cima da estrada que nenhum viajante poderia passar. Mas o Lenhador de Lata pôs-se a trabalhar com o seu machado, e usava a sua ferramenta tão bem que logo abriu uma passagem para todos.

Enquanto caminhavam, Dorothy ia tão concentrada nos seus pensamentos que nem percebeu quando o Espantalho tropeçou num buraco e saiu rolando até a beira da estrada. Tanto que ele foi obrigado a pedir gritando que ela o ajudasse a ficar de pé.

– Mas por que você não contornou o buraco? – perguntou o Lenhador de Lata.

– Por burrice – respondeu o Espantalho, sem se abalar. – Minha cabeça é recheada de palha, entende?, e é por isso que eu quero procurar Oz e pedir que ele me dê um cérebro.

– Ah, entendi – disse o Lenhador de Lata. – Mas no fim das contas não é o cérebro a melhor coisa do mundo.

– Você tem miolos? – perguntou o Espantalho.

– Não, minha cabeça é vazia – respondeu o Lenhador de Lata. – Mas antigamente eu tinha um cérebro, e também um coração. Como experimentei os dois, prefiro ter um coração.

– Por quê? – perguntou o Espantalho.

– Vou contar a minha história, e aí você vai entender.

Então, enquanto caminhavam pela floresta, o Lenhador de Lata contou a seguinte história:

– Nasci filho de um lenhador que derrubava árvores na floresta e vendia a madeira para viver. Quando eu cresci virei lenhador também, e depois que meu pai morreu fiquei tomando conta da minha velha mãe enquanto durou a vida dela. Depois resolvi que, em vez de morar sozinho, eu ia me casar, para não viver mais sozinho.

“Uma das moças Munchkin era tão linda que logo me apaixonei por ela de todo coração. Ela, pelo seu lado, prometeu que se casaria comigo assim que eu ganhasse dinheiro bastante para construir uma casa melhor para ela; e eu comecei a trabalhar mais do que nunca. Mas a moça vivia com uma velha que não queria que ela se casasse com ninguém, pois era muito preguiçosa e queria que a moça continuasse com ela, cozinhando e tomando conta da sua casa. Então a velha procurou a Bruxa Má do Leste, e prometeu lhe dar dois carneiros e uma vaca se ela conseguisse evitar o nosso

casamento. Na mesma hora a Bruxa pôs um feitiço no meu machado, e um belo dia, quando eu estava cortando uma árvore o mais depressa que podia, pois queria conseguir a casa nova e me casar o mais rápido possível, o machado escorregou das minhas mãos e cortou minha perna esquerda.

“Num primeiro momento achei que o golpe tinha sido terrível, porque sabia que um homem de uma perna só não podia trabalhar direito como lenhador. Então procurei um latoeiro e pedi que ele me fizesse uma perna nova de lata. A perna funcionou muito bem, depois que me acostumei com ela; mas a minha ideia enfureceu a Bruxa Má do Leste, porque ela tinha prometido à tal velha que eu não iria casar com a linda moça Munchkin. Quando comecei a trabalhar de novo, meu machado escorregou e cortou a minha perna direita. Voltei a procurar o latoeiro, e ele me fez uma nova perna de lata. Depois disso, o machado enfeitiçado cortou meus dois braços, um de cada vez; mas, sem perder a coragem, substituí os dois por braços de lata. A Bruxa Má fez o machado escorregar e cortar a minha cabeça, e num primeiro momento achei que dessa vez o meu fim tinha chegado. Mas o latoeiro por acaso estava passando bem na hora, e me fez uma cabeça nova de lata.

“Aí eu achei que tinha derrotado a Bruxa Má, e trabalhava cada vez mais; mas não sabia o quanto a minha inimiga podia ser cruel. Ela imaginou outro modo de matar o meu amor pela linda moça Munchkin, e fez meu machado escorregar de novo, cortando o meu corpo, que ficou separado em duas metades. Mais uma vez o latoeiro me ajudou e me fez um corpo de lata, prendendo a ele, com essas juntas, os meus braços, as minhas pernas e a minha cabeça, para eu poder me movimentar como antes. Mas, ai de mim! Agora eu não tinha mais coração, de maneira que perdi o meu amor pela moça Munchkin e parei de achar que me casar ou não com ela fazia alguma diferença. E ela ainda deve estar vivendo com a tal velha, esperando que eu um dia apareça à sua procura.

“Meu corpo brilhava tanto à luz do sol que eu me orgulhava muito dele, e agora não importava mais que o meu machado escorregasse, porque não podia mais me cortar. O perigo era um só: as minhas juntas enferrujarem. Mas eu tinha sempre uma latinha de óleo na minha casa, e cuidava de me lubrificar sempre que precisava. Mas chegou o dia em que eu me esqueci, e, quando caiu uma tempestade, antes que eu pudesse me dar conta do perigo elas já tinham enferrujado. E fiquei lá parado na floresta até vocês aparecerem. Foram tempos terríveis, mas durante o ano que passei ali tive

tempo para pensar que a maior perda que eu sofri foi a do meu coração. Enquanto eu estava apaixonado era o homem mais feliz do mundo; mas ninguém pode amar sem um coração, e por isso resolvi pedir a Oz que me dê um coração novo. Se ele me atender, eu volto para procurar a moça Munchkin e me casar com ela.”

Dorothy e o Espantalho vinham acompanhando a história do Lenhador de Lata com grande interesse, e agora sabiam por que ele queria tanto um novo coração.

– Mesmo assim – disse o Espantalho – vou pedir um cérebro em vez de um coração. Porque um burro, mesmo se tivesse um coração, não ia saber o que fazer com ele.

– E eu vou ficar com o coração – respondeu o Lenhador de Lata. – Porque um cérebro não faz ninguém feliz, e a felicidade é a melhor coisa do mundo.

Dorothy não disse nada, porque estava tentando descobrir qual dos seus dois amigos tinha razão, e concluiu que, se conseguisse voltar para o Kansas e a tia Em, dava no mesmo se o Lenhador não tivesse um cérebro e o Espantalho não tivesse coração, ou se os dois conseguissem o que queriam.

O que deixava a menina mais preocupada é que o pão estava quase acabando, e a próxima refeição dela e Totó iria deixar sua cesta vazia. Claro que nem o Lenhador nem o Espantalho comiam nada, mas ela não era feita de lata nem de palha, e só podia continuar viva se tivesse o que comer.

O Leão e o Cachorrinho

TODO ESSE TEMPO, Dorothy e seus companheiros atravessavam uma floresta bem fechada. A estrada ainda era calçada de tijolos amarelos, mas aqui eles estavam totalmente cobertos de galhos secos e folhas mortas das árvores, o que dificultava muito a caminhada.

Havia poucos pássaros nessa parte da floresta, pois os pássaros preferem sempre terreno aberto, onde encontram mais sol. Mas de vez em quando ouviam um rugido grosso vindo de algum animal selvagem escondido entre as árvores. O som fazia o coração da menina bater mais depressa, porque ela não sabia de onde vinha; mas Totó sabia, chegou mais perto de Dorothy e nem mesmo latia em resposta. E a menina perguntou ao Lenhador de Lata:

– Quanto tempo até sairmos da floresta?

– Não sei dizer – foi a resposta. – Eu nunca estive na Cidade das Esmeraldas. Meu pai foi lá uma vez, quando eu era menino, e me contou que era uma viagem longa por uma região perigosa, e que a paisagem fica linda quando chega perto da cidade onde mora Oz. Mas com a minha lata de óleo não tenho medo, e nada pode ferir o Espantalho, enquanto você ainda traz na testa a marca do beijo da Bruxa Boa, que protege você de todo mal.

– Mas e Totó? – perguntou a menina, ansiosa. – Como vai se proteger?

– Nós é que vamos precisar proteger o cachorrinho, se ele correr algum perigo – respondeu o Lenhador de Lata.

E assim que ele acabou de falar ouviu-se um rugido terrível saindo da floresta, e no momento seguinte um Leão imenso pulou para a estrada. Com uma patada ele fez o Espantalho sair rodopiando até a beira da estrada, e em seguida tentou cravar as garras afiadas no Lenhador de Lata. Só que, para grande surpresa do Leão, não conseguiu nem arranhar a lata, apesar de ter derrubado no chão o Lenhador, que ficou parado.

O pequeno Totó, agora que precisava enfrentar diretamente o inimigo, saiu correndo e latindo para o Leão, e a fera já abria a boca para morder o cachorrinho quando Dorothy, com medo de que Totó fosse morto e sem

pensar no perigo, correu para a frente e deu o tapa mais forte que conseguiu no focinho do Leão, enquanto gritava:

– Não se atreva a morder o Totó! Que vergonha! Um animal enorme como você, tentando morder um pobre cachorrinho!

– Eu não morde ninguém – respondeu o Leão, enquanto esfregava com a pata o ponto do focinho onde Dorothy tinha acertado o seu tapa.

– Não, mas bem que tentou – respondeu ela. – Você não passa de um grande covarde.

– Eu sei – disse o Leão, baixando a cabeça de vergonha. – Eu sempre soube. Mas o que eu posso fazer?

– Não sei. E pensar que você deu uma patada num homem recheado de palha como o pobre Espantalho!

– Ele é recheado de palha? – perguntou o Leão surpreso, enquanto via Dorothy pegar o Espantalho no chão, pô-lo de pé e lhe dar uns tapinhas para restaurar as suas formas.

– Claro que é recheado de palha – respondeu Dorothy, que ainda estava furiosa.

– Por isso é que foi tão fácil de derrubar – comentou o Leão. – Fiquei impressionado quando o vi rodopiando daquele jeito. E o outro, também é recheado de alguma coisa?

– Não – disse Dorothy. – Mas é feito de lata – e ajudou o Lenhador a se levantar.

– Foi por isso que ele quase me fez perder a ponta das minhas garras – disse o Leão. – Quando elas arranharam a lata, um arrepio me correu pelas costas. E que animalzinho é esse de que você gosta tanto?

– É o meu cachorro, Totó – respondeu Dorothy.



– E é feito de lata ou recheado de alguma coisa? – perguntou o Leão.

– Nenhum dos dois. Ele é... um... um... cachorro de carne – disse a menina.

– Ah. Animal interessante, e me parece muitíssimo pequeno, agora que estou vendo melhor. Para pensar em morder uma coisinha dessas, só mesmo um covardão como eu – continuou o Leão, entristecido.

– E por que você é covarde? – perguntou Dorothy, olhando admirada para o animal, porque ele era imenso, quase do tamanho de um cavalo.

– É um mistério – respondeu o Leão. – Imagino que nasci assim. Todos os outros animais da floresta esperavam naturalmente que eu fosse corajoso, porque em toda parte acreditam que o Leão é o Rei dos Animais. E então aprendi que, se eu rugisse bem alto, todas as outras criaturas se assustavam e saíam do meu caminho. Toda vez que eu encontrava um homem morria de medo; mas rugia para ele, e ele sempre saía correndo para o mais longe que conseguia. Se um elefante, um tigre ou um urso resolvesse me enfrentar, eu é que saíria correndo, de tão covarde que eu sou. Mas assim que eles ouvem o meu rugido tentam ficar longe, e é claro que eu prefiro assim.

– Mas não está direito. O Rei dos Animais não devia ser covarde – disse o Espantalho.

– Eu sei – respondeu o Leão, enxugando uma lágrima do olho com a ponta da cauda. – Por isso eu vivo muito triste, e a minha vida é tão infeliz. Mas sempre que eu encontro algum perigo o meu coração dispara.

– Talvez você tenha algum problema no coração – disse o Lenhador de Lata.

– Pode ser – respondeu o Leão.

– E se tiver, devia ficar feliz – continuou o Lenhador de Lata. – Porque pelo menos é a prova de que você tem um coração. Eu, pelo meu lado, não tenho; e por isso não posso ter desses problemas.

– Pois se eu não tivesse coração – disse o Leão pensativo – talvez não fosse covarde.

– E cérebro, você tem? – perguntou o Espantalho.

– Acho que sim. Nunca olhei para ver – respondeu o Leão.

– Eu vou procurar o grande Oz para lhe pedir um cérebro – lembrou o Espantalho. – Porque a minha cabeça é recheada de palha.

– E eu vou pedir um coração – disse o Lenhador de Lata.

– E eu vou pedir que ele mande Totó e eu de volta para o Kansas – completou Dorothy.

– E vocês acham que Oz podia me dar coragem? – perguntou o Leão covarde.

– Com a mesma facilidade com que vai me dar um cérebro – disse o Espantalho.

– Ou me dar um coração – disse o Lenhador de Lata.

– Ou me mandar de volta para o Kansas – disse Dorothy.

– Então, se vocês não se incomodarem, também vou com vocês – disse o Leão. – Porque não consigo suportar a minha vida sem pelo menos um pouco de coragem.

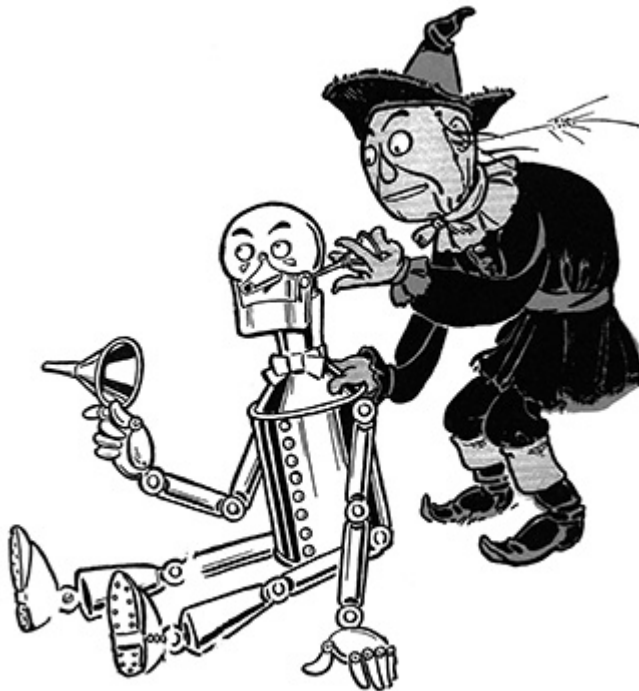
– Pois é muito bem-vindo – respondeu Dorothy – e ainda vai ajudar a espantar as outras feras selvagens. Imagino que sejam ainda mais covardes do que você, já que se assustam tão facilmente com o seu rugido.

– São mesmo – respondeu o Leão. – Mas nem por isso eu sou mais corajoso, e enquanto eu mesmo souber que sou covarde, vou ser infeliz.

E então o pequeno grupo se pôs de novo a caminho, com o Leão andando em passos majestosos ao lado de Dorothy. Num primeiro momento, Totó não gostou muito desse novo companheiro, pois não conseguia esquecer como tinha sido quase triturado pelas mandíbulas poderosas do Leão. Mas

dali a algum tempo ele foi ficando mais à vontade, e pouco depois Totó e o Leão Covarde ficaram bons amigos.

Durante o resto desse dia não houve mais nenhuma aventura para perturbar a tranquilidade da viagem. Num certo momento, o Lenhador de Lata pisou num besouro que caminhava pela estrada e matou a pobre criaturinha. E isso o deixou muito infeliz, pois sempre tomava o maior cuidado para não ferir nenhuma criatura viva. Pelo resto do caminho, ele derramou muitas lágrimas de tristeza e arrependimento. As lágrimas corriam devagar pelo seu rosto, passando pelas juntas da sua boca, que ficaram enferrujadas. Quando Dorothy lhe fez uma pergunta, o Lenhador de Lata não conseguia mexer o queixo porque suas juntas tinham enferrujado. Ele ficou muito assustado, e fez muitos gestos para Dorothy pedindo que ela cuidasse do problema, mas a menina não entendia. O Leão também ficou intrigado com aquilo tudo. Mas o Espantalho pegou a lata de óleo na cesta de Dorothy e lubrificou o queixo do Lenhador de Lata, que dali a pouco já era capaz de falar tão bem quanto antes.



– Que isso me sirva de lição – disse ele. – Preciso olhar muito bem por onde eu ando. Se matar outro besouro, ou qualquer inseto, vou chorar de novo, e as lágrimas enferrujam meu queixo, não deixando que eu fale.

A partir de então ele só dava passos muito cuidadosos, com os olhos fixos na estrada, e quando via alguma formiguinha que passava trabalhando levantava os pés para não ferir o animalzinho. O Lenhador de Lata sabia perfeitamente que não tinha um coração, e por isso mesmo tomava o maior cuidado para nunca ser cruel ou injusto com qualquer criatura. E disse:

– Vocês, que têm coração, podem sempre se guiar por ele, e nunca fazem mal aos outros. Mas eu não tenho coração, e por isso preciso tomar muito cuidado. Quando Oz me der um coração, claro que não vou precisar mais prestar tanta atenção.

A viagem em busca do Grande Oz

FORAM OBRIGADOS A DORMIR acampados aquela noite debaixo de uma árvore grande da floresta, porque não encontraram casa nenhuma por perto. A árvore servia como um bom telhado contra o orvalho, e o Lenhador de Lata cortou com seu machado uma pilha grande de lenha, que Dorothy usou para fazer uma fogueira esplêndida, capaz de esquentar seu corpo e diminuir sua solidão. Ela e Totó acabaram com o pão, e agora ela não sabia o que iria comer na manhã seguinte.

– Se você quiser – disse o Leão –, posso sair e matar um cervo na floresta para você. Você pode assar a carne dele no fogo, já que vocês têm essa coisa de preferir cozinhar o que comem, e com isso vocês poderão fazer um ótimo desjejum.

– Não, não, por favor! – implorou o Lenhador de Lata. – Eu ia chorar muito se você matasse um pobre cervo, e o meu queixo ia enferrujar de novo.

Mas o Leão enveredou pela floresta e encontrou o que comer no seu jantar sem ninguém nunca saber o que tinha sido, porque ele não tocou mais no assunto. O Espantalho achou uma árvore carregada de nozes e encheu a cesta de Dorothy com elas, para que a menina não tornasse a sentir fome tão cedo. Dorothy achou aquele gesto do Espantalho muito gentil e generoso, mas riu da maneira desengonçada como a pobre criatura colhia as nozes. Suas mãos recheadas de palha eram tão sem jeito, e as nozes tão pequenas, que ele deixava cair pelo menos a mesma quantidade de nozes que guardava. Mas para o Espantalho não fazia diferença o tempo necessário para encher a cesta, porque assim pelo menos podia ficar longe da fogueira; tinha medo de que uma simples fagulha atingisse a sua palha seca e atesse fogo ao seu corpo. Por isso ele mantinha uma boa distância das chamas, e só se aproximou de Dorothy para cobrir seu corpo de folhas secas quando ela se deitou para dormir. As folhas aqueceram a menina e tornaram mais confortável a sua cama, e ela dormiu profundamente até de manhã.

Quando o dia raiou, a menina lavou o rosto num riachinho e, pouco depois, todos retomaram o caminho para a Cidade das Esmeraldas.

O dia ia ser movimentado para os viajantes. Mal tinham andado uma hora quando viram à sua frente um fosso imenso que dividia a floresta até onde eles conseguiam enxergar, tanto para um lado quanto para o outro. Era um fosso bem largo, e quando chegaram à beira dele e olharam para dentro puderam ver que era bastante profundo, forrado de pedras de ponta cortante. Os barrancos dos dois lados eram tão íngremes que nenhum deles conseguiria chegar até embaixo, e por um momento todos acharam que a viagem tinha chegado ao fim.

– O que vamos fazer? – perguntou Dorothy em desespero.

– Não tenho a menor ideia – respondeu o Lenhador de Lata. O Leão sacudiu a juba emaranhada e ficou pensativo. Mas o Espantalho disse:

– Ninguém aqui sabe voar, isso é garantido; e nem vamos conseguir descer até o fundo desse fosso; se não conseguirmos pular por cima dele, vamos ter de parar por aqui mesmo.

– Acho que eu consigo pular por cima dele – disse o Leão Covarde, depois de calcular cuidadosamente a distância em sua cabeça.

– Então isso resolve tudo – respondeu o Espantalho. – Você pode nos carregar nas costas, cada um de uma vez.

– Pelo menos posso tentar – disse o Leão. – Quem vem primeiro?

– Eu – declarou o Espantalho. – Se você descobre que não consegue pular esse abismo, Dorothy iria morrer, e o Lenhador de Lata ficaria todo amassado nas pedras lá do fundo. Mas comigo nas suas costas não faz muita diferença, porque a mim a queda não ia machucar nem um pouco.

– Eu próprio estou com um medo horrível de cair – disse o Leão Covarde.

– Mas acho que temos de tentar. Suba nas minhas costas e vamos ver se dá certo.

O Espantalho montou no Leão, a fera se aproximou da beira do abismo e se encolheu toda.

– Por que você não pega impulso antes de pular? – perguntou o Espantalho.

– Porque não é assim que nós, os Leões, fazemos – respondeu ele.

Em seguida, dando um salto tremendo, partiu pelo ar como uma flecha e pousou a salvo do outro lado. Todos ficaram muito satisfeitos ao ver como tinha sido fácil para ele, depois o Espantalho desmontou e o Leão saltou de volta para o lado de cá.

Dorothy achou que devia ir em seguida; pegou Totó no colo e subiu nas costas do Leão, agarrando-se com força na sua juba. Dali a um momento sentiu que voava pelo ar, e em seguida, antes que tivesse tempo para pensar, já estava sã e salva do outro lado. O Leão voltou mais uma vez e pegou o Lenhador de Lata, depois ficaram todos sentados por algum tempo para lhe dar algum descanso, porque tinha ficado com o fôlego curto depois daqueles grandes saltos, e ofegava como um cachorro grande depois que corre muito.



Descobriram que daquele lado a floresta era muito cerrada, e tinha um ar sombrio e sinistro. Depois que o Leão acabou de descansar, seguiram viagem pela estrada de tijolos amarelos, pensando, cada um consigo mesmo, se conseguiriam mesmo chegar ao final daquela floresta, se voltariam a ver a luz clara do sol. E pior ainda: logo ouviram sons estranhos que vinham das profundezas da floresta, e o Leão sussurrou para eles que naquela área viviam os Kalidahs.

– O que são os Kalidahs? – perguntou a menina.

– São criaturas monstruosas, com corpos que parecem de urso e cabeças que parecem de tigre – respondeu o Leão. – Suas garras são tão compridas e afiadas que conseguiriam me cortar ao meio com a mesma facilidade que eu teria para matar o Totó. Tenho um medo tremendo dos Kalidahs.

– O que não me espanta nem um pouco – respondeu Dorothy. – Devem ser monstros horrendos.

O Leão se preparava para responder quando os amigos chegaram a um novo abismo atravessado na estrada. Dessa vez, era tão largo e tão profundo que na mesma hora o Leão viu que não conseguiria pular para o outro lado.

Então se sentaram para decidir o que iam fazer, e depois de pensar muito o Espantalho disse:

– Ali temos uma árvore bem alta, crescendo ao lado do fosso. Se o Lenhador de Lata conseguir derrubar a árvore e fazê-la cair para o lado certo, poderemos atravessar por cima dela com a maior facilidade.

– Uma ideia de primeira – disse o Leão. – Até parece que você tem miolos na cabeça, em vez de palha.

O Lenhador começou a trabalhar na mesma hora, e tão afiado era o gume do seu machado que logo cortou o tronco, de um lado ao outro. Então o Leão apoiou suas poderosas patas dianteiras na árvore e empurrou-a com toda a sua força. Aos poucos a árvore foi tombando e caiu com um barulho fortíssimo, ficando atravessada no fosso, com a copa e os galhos mais altos do outro lado.

Tinham começado a cruzar essa ponte diferente quando um rugido forte fez todos levantarem os olhos, e com horror viram correndo na direção deles duas criaturas enormes, com corpo de urso e cabeça de tigre.

– São os Kalidahs! – berrou o Leão Covarde, começando a tremer.



– Depressa! – exclamou o Espantalho. – Corram para o outro lado!

Dorothy foi a primeira a chegar, com Totó nos braços; depois veio o Lenhador de Lata, e em seguida o Espantalho. O Leão, apesar de estar certamente com muito medo, virou-se para enfrentar os Kalidahs, soltando um rugido tão alto e terrível que Dorothy deu um grito e o Espantalho caiu de costas, e até os terríveis monstros pararam de correr e olharam para ele surpresos.

Só que, vendo que eram maiores que aquele animal, e lembrando que eram dois contra um, os Kalidahs começaram a correr. O Leão atravessou pela árvore e se virou para olhar o que iam fazer em seguida. Sem parar um instante, os monstros também começaram a atravessar a árvore, e o Leão disse a Dorothy:

– Estamos perdidos, porque eles vão nos fazer em pedacinhos com aquelas garras afiadas. Mas fique atrás de mim, bem perto, que vou lutar com eles enquanto estiver vivo.

– Esperem um minuto! – exclamou o Espantalho. Vinha pensando no que deviam fazer, e então pediu ao Lenhador que baixasse o machado na ponta da árvore que tinha caído daquele lado do fosso. O Lenhador de Lata começou na mesma hora e, quando os Kalidahs já estavam bem próximos do lado deles, a árvore caiu com estrondo no fundo do abismo e os dois monstros horrendos se despedaçaram grunhindo nas pedras cortantes lá de baixo.

– Ufa! – disse o Leão Covarde, suspirando de alívio. – Estou vendo que vamos viver mais um pouco, e ainda bem, porque não estar vivo deve ser muito desconfortável. Essas criaturas me deixaram tão assustado que o meu coração ainda está disparado.

– Ah... – disse com voz triste o Lenhador de Lata. – Quem me dera ter um coração para disparar.

Esta aventura deixou os viajantes mais ansiosos do que nunca para sair logo da floresta, e andavam tão depressa que Dorothy ficou cansada e precisou seguir montada nas costas do Leão. Para grande alegria de todos, as árvores foram ficando mais espaçadas quanto mais eles avançavam, e de tarde chegaram de repente à beira de um rio muito largo que corria com águas rápidas bem à frente deles. Na outra margem, viram a estrada dos tijolos amarelos continuando por uma região muito linda, com campinas verdes salpicadas de flores coloridas e toda a estrada ladeada por árvores carregadas de frutos deliciosos. Ficaram muito contentes de ver uma região tão encantadora à sua espera.

– E como vamos atravessar o rio? – perguntou Dorothy.

– Esta é fácil – respondeu o Espantalho. – Basta o Lenhador de Lata nos construir uma jangada, para podermos navegar até o outro lado.

O Lenhador pegou seu machado e começou a derrubar árvores menores para fazer uma jangada, e enquanto isso o Espantalho encontrou na margem do rio uma árvore com ótimos frutos. E isto foi uma felicidade para Dorothy, que tinha passado o dia inteiro apenas com nozes, e comeu com gosto várias daquelas frutas maduras.

Mas fazer uma jangada leva tempo, mesmo quando a pessoa trabalha tão depressa e sem se cansar como o Lenhador de Lata, e quando a noite caiu o trabalho ainda não estava pronto. Então encontraram um lugarzinho acolhedor debaixo das árvores, onde dormiram até o meio da manhã seguinte. Dorothy sonhou com a Cidade das Esmeraldas, e com o bondoso Mágico de Oz, que logo haveria de ajudá-la a voltar para casa.

O campo das maravilhas da morte

Nosso pequeno grupo de viajantes acordou na manhã seguinte renovado e cheio de boas expectativas; Dorothy comeu como uma princesa os pêssegos e ameixas das árvores que cresciam à margem do rio. Para trás ficava a floresta que tinham cruzado em segurança, apesar de todas as dificuldades por que passaram. Mais à frente ficava uma região linda e ensolarada que parecia convidar todos para seguirem até a Cidade das Esmeraldas.

É bem verdade que ainda precisavam atravessar um rio largo para chegar àquelas paragens tão lindas. Mas a jangada estava quase pronta, e depois que o Lenhador de Lata cortou mais alguns troncos e prendeu uns aos outros com pinos de madeira, já podiam seguir viagem. Dorothy se instalou no meio da jangada, segurando Totó no colo. Quando o Leão Covarde embarcou, a jangada ficou muito inclinada, porque ele era grande e muito pesado; mas o Espantalho e o Lenhador de Lata ficaram de pé do lado oposto para acertar o equilíbrio, cada um com uma vara comprida nas mãos para empurrar a jangada na água.

A travessia começou muito bem, mas quando chegaram ao meio do rio a correnteza começou a carregar a jangada rio abaixo, cada vez mais para longe da estrada dos tijolos amarelos; e as águas ficaram tão profundas que as varas, mesmo compridas, não conseguiam mais alcançar o fundo.

– A coisa vai mal – disse o Lenhador de Lata. – Se não conseguirmos chegar do outro lado, seremos levados para o país da Bruxa Má do Oeste, que vai nos enfeitiçar e reduzir a escravos.

– E aí eu não vou conseguir meu cérebro – disse o Espantalho.

– E nem eu a minha coragem – disse o Leão Covarde.

– E nem eu o meu coração – disse o Lenhador de Lata.

– E eu nunca mais vou voltar para o Kansas – disse Dorothy.

– Precisamos mesmo chegar logo à Cidade das Esmeraldas, o mais depressa que pudermos – continuou o Espantalho.

E empurrou sua vara para baixo com tanta força que ela ficou presa na lama do fundo do rio, e antes que ele conseguisse largar a vara, ou puxá-la

de volta, a jangada seguiu viagem e o pobre Espantalho ficou agarrado à vara no meio do rio.



– Adeus! – gritou ele para os outros, que sentiram muita pena de deixar o amigo. O Lenhador de Lata começou até a chorar, mas por sorte se lembrou que poderia enferrujar, e enxugou as lágrimas com o avental de Dorothy.

Claro que a situação mais adversa era a do Espantalho.

– Agora estou pior do que quando conheci Dorothy – pensou ele. – Àquela altura, eu estava preso numa estaca no meio de um milharal, onde pelo menos podia fingir que espantava os corvos; mas um Espantalho pendurado numa vara no meio de um rio não tem a menor utilidade. Acho que nunca vou conseguir um cérebro, no final das contas!

E lá seguia a jangada rio abaixo, enquanto o pobre Espantalho ficava muito para trás. E então o Leão disse:

– Precisamos fazer alguma coisa para nos salvar. Acho que consigo nadar até a margem, puxando a jangada comigo. Basta alguém agarrar firme a ponta da minha cauda.

Então ele pulou na água e o Lenhador de Lata pegou sua cauda, ao que o Leão saiu nadando com toda a sua força na direção da margem. Foi difícil, mesmo ele sendo grande como era; mas aos poucos foram sendo puxados para fora da correnteza, e então Dorothy pegou a vara comprida do Lenhador de Lata e ajudou a empurrar a jangada para a terra firme.

Estavam todos muito cansados quando chegaram finalmente à outra margem do rio e pisaram no lindo relvado verde, e também sabiam que a correnteza havia empurrado a jangada bem para longe da estrada de tijolos amarelos que levava à Cidade das Esmeraldas.

– E o que vamos fazer agora? – perguntou o Lenhador de Lata, enquanto o Leão se deitava na relva para secar ao sol.

– Precisamos dar algum jeito de voltar para a estrada – disse Dorothy.

– O melhor plano é a gente ir andando pela beira do rio até chegar de novo na estrada – observou o Leão.

Assim, depois que descansaram, Dorothy pegou a cesta e saíram todos caminhando pela margem relvada, no rumo da estrada de que tinham sido afastados pelo rio. A paisagem ali era linda, com muitas flores, árvores frutíferas e a luz clara do sol para alegrar a todos, e se não estivessem tão tristes por causa do pobre Espantalho poderiam até ficar felizes.

Caminharam pela margem o mais rápido que podiam. Dorothy só parou uma vez para colher uma linda flor; e depois de algum tempo o Lenhador de Lata exclamou:

– Olhem ali!

Todos olharam para o meio do rio e viram o Espantalho ainda pendurado na sua vara no meio da água, com um ar muito acabrunhado e solitário.

– O que podemos fazer para salvar o nosso amigo? – perguntou Dorothy.

Tanto o Leão como o Lenhador de Lata abanaram a cabeça, porque não tinham a menor ideia. Então todos se sentaram na margem do rio e lá ficaram olhando para o Espantalho com olhos tristes e compridos até uma cegonha passar voando e, vendo o grupo, parar para descansar à beira da água.

– Quem são vocês, e aonde estão indo? – perguntou a Cegonha.

– Eu sou Dorothy – respondeu a menina. – E estes são os meus amigos: o Lenhador de Lata e o Leão Covarde. E estamos indo para a Cidade das Esmeraldas.

– O caminho não é por aqui – disse a Cegonha, enquanto retorcia o longo pescoço e examinava o estranho grupo com toda a atenção.

– Eu sei – respondeu Dorothy. – Mas é que o Espantalho ficou no caminho, e não sabemos como fazer para trazê-lo de volta.

– E onde ele está? – perguntou a Cegonha.

– Ali, no meio do rio – respondeu a menina.

– Se ele não fosse tão grande e tão pesado eu podia ir lá buscar – observou a Cegonha.

E Dorothy respondeu animada:

– Mas ele não pesa quase nada, porque é recheado de palha; e se você trazer nosso amigo de volta, vamos ficar muito, muito agradecidos para todo o sempre.

– Bem, sempre posso tentar – disse a Cegonha. – Mas se eu achar que ele é pesado demais para mim, deixo cair de novo nas águas do rio.

Então a grande ave levantou voo por sobre as águas até o meio do rio, onde o Espantalho continuava encarapitado na vara. Com as suas grandes patas, a Cegonha agarrou o Espantalho pelo braço e subiu aos ares com ele, deixando-o de volta na margem, onde Dorothy, o Leão, o Lenhador de Lata e Totó estavam à sua espera.

Quando o Espantalho se viu de novo no meio dos seus amigos, ficou tão feliz que abraçou a todos, inclusive o Leão e Totó; e quando voltaram a andar, cantarolava “Tra-la-la-la-lá” a cada passo, de tanta alegria.

– Estava com medo de ficar preso naquele rio para sempre – disse ele. – Mas a bondosa Cegonha me salvou, e se um dia eu conseguir um cérebro vou tornar a encontrar a Cegonha e fazer algum gesto de bondade em recompensa.

– Nem precisa – disse a Cegonha, que voava ao lado deles. – Eu gosto de ajudar gente em dificuldade. Mas agora preciso ir embora, porque meus filhotes estão me esperando no ninho. Espero que vocês encontrem a Cidade das Esmeraldas, e que o grande Oz possa ajudar a todos.

– Obrigada – respondeu Dorothy.

A Cegonha bondosa subiu nos ares e logo sumiu das vistas dos amigos.

Continuaram caminhando, ouvindo o canto dos pássaros multicoloridos e contemplando as lindas flores, tantas que agora atapetavam tudo em volta.

Eram grandes flores amarelas, brancas, azuis e violeta, ao lado de grandes trechos cobertos de papoulas vermelhas, de uma cor tão forte que quase ofuscavam os olhos de Dorothy.

– Não são lindas? – perguntou a garota, enquanto aspirava o aroma das flores.

– Acho que sim – respondeu o Espantalho. – Quando eu tiver um cérebro, imagino que vou gostar mais.



– Se eu tivesse um coração, sei que ia amar essas flores – acrescentou o Lenhador de Lata.

– Eu sempre gostei de flores – disse o Leão. – São tão frágeis e desamparadas. Mas na floresta nunca vi flores tão coloridas como estas.

Aos poucos, foram encontrando mais e mais papoulas vermelhas, e cada vez menos das outras flores; e dali a algum tempo se viram no meio de uma imensa campina toda florida de papoulas. Todo mundo sabe que, quando essas flores se juntam em grande quantidade, seu perfume fica tão forte que quem cheirar adormece na mesma hora; e se a pessoa adormecida não for logo levada para longe das flores, continua a dormir e dormir para sempre.

Mas Dorothy não sabia disso, e nem conseguia ficar longe das lindas flores coloridas que se espalhavam à toda volta; então seus olhos foram ficando pesados, e ela sentiu que precisava se sentar para descansar e cochilar um pouco.

Mas o Lenhador de Lata não deixou.

– Precisamos andar depressa e voltar logo para a estrada dos tijolos amarelos antes de a noite cair – disse ele. E o Espantalho concordou.

Assim, continuaram caminhando até Dorothy não aguentar mais. Seus olhos se fecharam, mesmo contra a sua vontade, ela se esqueceu de onde estava e caiu no meio das papoulas, profundamente adormecida.

– O que vamos fazer? – perguntou o Lenhador de Lata.

– Se deixarmos Dorothy aqui, ela vai morrer – disse o Leão. – E o cheiro das flores vai acabar com todos nós. Eu mesmo mal consigo ficar de olho aberto, e o cachorrinho também já está dormindo.

Era verdade; Totó tinha caído ao lado da dona. Mas o Espantalho e o Lenhador de Lata, que não eram feitos de carne e osso, não eram afetados pelo perfume das flores.

– Corra depressa – disse o Espantalho para o Leão – e saia do meio dessas flores mortíferas o mais rápido que puder. Nós carregamos a garota conosco, mas se você cair adormecido não temos como aguentar o seu peso.

Então o Leão fez que sim com a cabeça e saiu correndo o mais depressa que conseguia. Num instante, já estava fora de suas vistas.

– Vamos fazer uma cadeirinha com as mãos para carregar Dorothy – disse o Espantalho.

Então pegaram Totó, que puseram no colo da menina, depois formaram uma cadeirinha com as mãos e esticaram os braços para prender o corpo dela, carregando assim a garota pelo meio das flores.

Andaram muito tempo, e parecia que o tapete daquelas flores mortíferas nunca mais acabava. Seguiram a curva do rio, e finalmente encontraram seu amigo, o Leão, ferrado em sono profundo no meio das papoulas. Elas tinham sido fortes demais até para aquele bicho imenso, que tinha acabado por desistir, caindo a pouca distância do fim do campo de papoulas, onde a relva macia se espalhava em lindos campos verdes à frente deles.

– Não podemos fazer nada por ele – disse o Lenhador de Lata entristecido. – Ele é pesado demais para nós dois. Vamos precisar deixar o Leão dormindo aqui para sempre; pode ser que ele sonhe que finalmente encontrou a sua coragem.

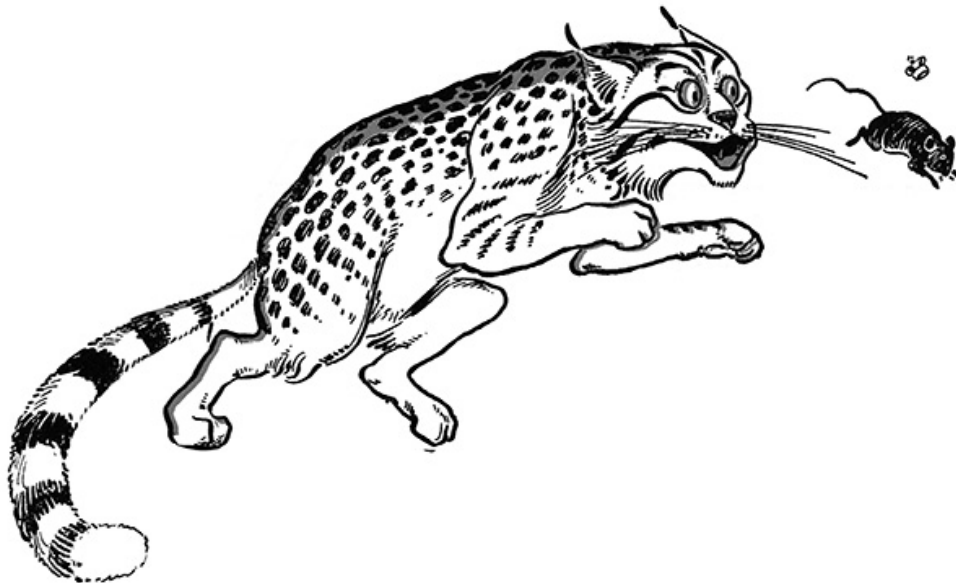
– Que tristeza – disse o Espantalho. – O Leão era um excelente companheiro, para alguém tão covarde. Mas vamos em frente.

Carregaram a menina adormecida até um lugar bonito à beira do rio, a uma distância suficiente do campo de papoulas para que parasse de respirar o veneno das flores, e ali a estenderam suavemente na relva macia e ficaram esperando que a brisa fresca a fizesse acordar.

A Ratinha dos Ratos do Campo

— AGORA DEVEMOS ESTAR bem perto da estrada dos tijolos amarelos — observou o Espantalho, ao lado da menina. — Já voltamos quase tudo que a correnteza do rio nos levou.

O Lenhador de Lata se preparava para responder quando ouviu um rugido surdo, e virando a cabeça (que funcionava lindamente com juntas e dobradiças) viu um estranho animal que vinha pulando pela relva na direção deles. Era um grande gato selvagem amarelo, e o Lenhador de Lata achou que devia estar caçando alguma coisa, porque avançava com as orelhas coladas na cabeça e a boca bem aberta, mostrando duas fileiras de dentes muito feios, enquanto seus olhos vermelhos brilhavam como bolas de fogo. Quando chegou mais perto, o Lenhador de Lata viu que, à frente daquele animal, corria uma ratinha do campo, cinzenta, e, mesmo sem ter coração, soube que era errado aquele gato selvagem tentar matar uma criatura tão bonitinha e inofensiva.



Então o Lenhador levantou o machado e, quando o gato passou, baixou com um golpe rápido, cortando na mesma hora a cabeça do animal, que

caiu aos pés dele, dividido em dois.

A ratinha do campo, agora que estava livre do inimigo, parou de correr. Aproximando-se devagar do Lenhador de Lata, disse, numa vozinha muito esganiçada:

– Ah, obrigada! Muito obrigada mesmo por salvar a minha vida!

– Nem precisa agradecer – respondeu o Lenhador de Lata. – Eu não tenho coração, sabe?, e por isso tomo o cuidado de ajudar todo mundo que possa estar precisando de um amigo, mesmo que seja só uma ratinha.

– Só uma ratinha! – gritou a criatura, indignada. – Ora, mas eu sou uma Rainha! A Rainha dos Ratos do Campo!

– É mesmo? – disse o Lenhador de Lata, e fez-lhe uma reverência.

– E por isso a sua façanha foi muito importante, além de corajosa, ao salvar a minha vida – completou a Rainha.

Nesse momento, vários ratos apareceram correndo o mais depressa que suas perninhas curtas conseguiam, e quando viram a Rainha todos exclamaram:

– Oh, Majestade, achamos que Vossa Majestade ia ser morta! Como conseguiu escapar do grande Gato Selvagem? – e todos faziam reverências tão profundas para a pequena Rainha que quase viravam de cabeça para baixo.

– Esse estranho homem de lata – respondeu ela – matou o Gato Selvagem e salvou a minha vida. Por isso, a partir de agora, vocês todos são criados dele, e devem obedecer qualquer desejo que ele tenha.

– Pois vamos obedecer! – gritaram todos os ratos num coro agudo.

E em seguida se espalharam em todas as direções, porque Totó tinha acordado do seu sono e, ao ver tantos ratos à sua volta, latiu encantado e pulou bem no meio do bando. Totó sempre adorou correr atrás de ratos quando vivia no Kansas, e não via nenhum mal naquilo.

Mas o Lenhador de Lata segurou o cachorro no colo com firmeza, e disse para os ratos:

– Podem voltar! Podem voltar! Totó não vai fazer nada!

Ao que a Rainha dos Ratos pôs a cabeça para fora de um tufo de grama e perguntou, com voz fraca:

– Tem certeza de que não vai abocanhar nenhum de nós?

– Não vou deixar – disse o Lenhador de Lata. – Por isso não tenham medo.

Um a um os ratos foram reaparecendo, e Totó não voltou a latir, apesar de tentar escapar dos braços do Lenhador de Lata. E até cogitou de lhe dar uma mordida, como se não soubesse perfeitamente que era feito de lata. Finalmente, um dos ratos maiores falou.

– Podemos fazer alguma coisa – perguntou ele – em retribuição por você ter salvado a vida da nossa Rainha?

– Não me ocorre nada – disse o Lenhador de Lata; mas o Espantalho, que vinha tentando pensar mas não conseguia, por ter a cabeça recheada de palha, disse depressa:

– Ah, vocês podem salvar nosso amigo, o Leão Covarde, que está adormecido no meio das papoulas.

– Um Leão? – gritou a pequena Rainha. – Mas ele vai nos comer!

– Ah, não – respondeu o Espantalho. – Este Leão é covarde.

– É mesmo? – perguntou ela.

– É o que ele mesmo diz – respondeu o Espantalho. – E nunca haveria de ferir um amigo nosso. Se vocês nos ajudarem a salvá-lo, garanto que ele vai tratar vocês com a maior gentileza.

– Muito bem – disse a Rainha. – Vamos acreditar no que você diz. Mas o que devemos fazer?

– São muitos os ratos que chamam a senhora de Rainha e obedeceriam qualquer ordem sua?

– Ah, sim; são milhares – respondeu ela.

– Então mande chamar todos para cá o mais depressa possível, e cada um precisa trazer um pedaço de barbante.

A Rainha virou-se para os ratos que a acompanhavam e mandou que fossem na mesma hora chamar todo o seu povo. Assim que ouviram as ordens, eles saíram correndo em todas as direções o mais depressa que podiam.

E o Espantalho disse para o Lenhador de Lata:

– Agora, você precisa ir até as árvores à beira do rio e fabricar uma carroça que agente o peso do Leão.

Na mesma hora o Lenhador de Lata se enfiou entre as árvores e começou a trabalhar; e em pouco tempo produziu uma carroça de troncos, dos quais removeu as folhas e os ramos. Prendeu os troncos uns aos outros com pinos de madeira e fabricou as quatro rodas com rodela cortadas de um tronco mais grosso. Trabalhou tão bem, e tão depressa, que no momento em que os ratos começaram a chegar a carroça já estava pronta à espera deles.

Chegavam de todos os lados e eram muitos milhares: ratos grandes, pequenos e médios; e cada um trazia na boca um pedaço de barbante. Foi mais ou menos a essa altura que Dorothy acordou de seu sono prolongado e abriu os olhos. Ficou muito espantada ao se ver estendida na relva, com milhares de ratos em volta, olhando tímidos para ela. Mas o Espantalho lhe contou a história toda e, virando-se para a ratinha de porte mais digno, disse:

– Quero lhe apresentar Sua Majestade, a Rainha.

Dorothy fez um aceno de cabeça solene e a Rainha fez uma reverência, depois do que ela e a menina ficaram bastante amigas.

O Espantalho e o Lenhador de Lata começaram a atrelar os ratos à carroça, usando os pedaços de barbante que eles tinham trazido. Uma ponta do barbante era amarrada em volta do pescoço de cada rato, e a outra presa à carroça. Claro que a carroça era mil vezes maior que qualquer dos ratinhos convocados para puxar; mas depois que todos foram atrelados conseguiram puxar seu peso com bastante facilidade. O Espantalho e o Lenhador de Lata se instalaram na carroça, que mesmo assim foi puxada bem depressa por seus estranhos cavalinhos até o lugar onde estava o Leão adormecido.

Depois de muito trabalho duro, porque o Leão era bem pesado, conseguiram deitá-lo na carroça. E então a Rainha mandou os seus súditos começarem a puxar de volta, pois temia que, se ficassem muito mais tempo no meio das papoulas, eles também acabassem dormindo.



Num primeiro momento, as criaturinhas, por mais numerosas que fossem, mal conseguiam mover a carroça com sua carga tão pesada; mas o Lenhador de Lata e o Espantalho ajudaram, ambos empurrando pela traseira, e então a carroça andou melhor. Em pouco tempo, chegaram com o Leão até o relvado verde, onde ele podia respirar de novo ar fresco, em vez do perfume venenoso das flores.

Dorothy veio ao encontro deles e agradeceu muito os ratinhos por terem salvado da morte seu companheiro de viagem. Gostava tanto do Leão que ficou muito feliz quando viu seu amigo em segurança.

Em seguida os ratos foram desatrelados da carroça e se espalharam em todas as direções, pelo meio da relva, de volta às suas casas. E a Rainha dos Ratos foi a última a ir embora.

– Se vocês voltarem a precisar de nós – disse ela – basta chamar de qualquer lugar do campo, que ouviremos e logo viremos ajudar. Até logo!

– Até logo! – responderam todos, e lá se foi a Rainha correndo, enquanto Dorothy segurava Totó com força para não deixar o cachorrinho sair atrás dela.

Depois disso ficaram sentados ao lado do Leão até ele acordar; e o Espantalho trouxe para Dorothy algumas frutas de uma árvore ali perto, que foram o jantar da menina.

O Guarda-dos-Portões

*F*OI PRECISO ALGUM TEMPO para o Leão Covarde acordar, pois ele tinha passado muitas horas deitado no meio das papoulas, respirando sua fragrância mortífera; mas quando ele abriu os olhos e desceu da carroça, ficou muito satisfeito de descobrir que ainda estava vivo. E disse, sentando-se e bocejando:

– Corri o mais depressa que podia, mas as flores foram mais fortes que eu. Como vocês me tiraram de lá?

E seus amigos contaram a história dos ratos do campo, de como tinham sido generosos e salvado o Leão da morte. O Leão Covarde riu e disse:

– Sempre achei que eu era um animal grande e assustador. Mesmo assim, coisinhas tão miúdas como essas flores quase acabaram comigo, e bichinhos pequeninos como os ratos salvaram a minha vida. Como a vida é estranha! Mas amigos, e agora? O que vamos fazer?

– Precisamos seguir em frente até tornarmos a encontrar a estrada dos tijolos amarelos – respondeu Dorothy. – Daí seguimos até a Cidade das Esmeraldas.

Assim, depois que o Leão descansou tudo que precisava e voltou a sentir-se perfeitamente bem, todos recomeçaram a viagem, aproveitando o quanto podiam a caminhada pela relva fresca e macia; e não demorou muito para chegarem à estrada de tijolos amarelos e retomarem o rumo da Cidade das Esmeraldas, onde vivia o Grande Oz.

A estrada voltou a ser lisa e bem calçada, e a paisagem dos dois lados, magnífica; os viajantes festejavam ter deixado a floresta para trás, e com ela os muitos perigos que encontraram em suas sombras sinistras. Mais uma vez viam cercas construídas ao lado da estrada; mas agora eram pintadas de verde, e, quando chegaram a uma casinha, em que evidentemente morava quem cuidava daquelas plantações, também ela era toda pintada de verde. Passaram por várias dessas casas ao longo da tarde, e às vezes apareciam pessoas na porta e olhavam para eles como se pensassem em lhes fazer perguntas; mas ninguém chegava perto e nem falava com eles por causa do

grande Leão, que lhes metia muito medo. Todos usavam roupas de um lindo verde-esmeralda, e chapéus pontudos como os dos Munchkins.

– Aqui deve ser o País de Oz – disse Dorothy – e devemos estar chegando perto da Cidade das Esmeraldas.

– Isso mesmo – respondeu o Espantalho. – Tudo aqui é verde, enquanto no País dos Munchkins a cor favorita era o azul. Mas as pessoas parecem menos simpáticas que os Munchkins, e não sei se vamos encontrar algum lugar para passar a noite.

– Eu adoraria comer alguma coisa além de frutas – disse a menina. – E imagino que Totó esteja morrendo de fome. Vamos parar na próxima casa e conversar com os moradores.

Assim, quando chegaram a uma casa de fazenda de tamanho razoável, Dorothy caminhou decidida e bateu na porta. Uma mulher abriu só uma fresta e disse:

– O que você quer, menina, e por que está andando com esse grande Leão?

– Queremos passar a noite na sua casa, se a senhora deixar – respondeu Dorothy. – E o Leão é meu amigo e companheiro de viagem, e não vai ferir ninguém por nada neste mundo.

– É manso? – perguntou a mulher, abrindo mais um pouco a porta.

– Ah, sim – respondeu Dorothy. – E também é muito covarde: provavelmente vai sentir mais medo da senhora do que a senhora sente dele.

Ao que a mulher respondeu, depois de pensar um pouco e olhar novamente para o Leão:

– Bem, já que é assim vocês podem ir entrando, que eu lhes sirvo um jantar e lhes arranjo um lugar para dormir.

Todos então entraram na casa, onde, além da mulher, moravam duas crianças e um homem. O homem tinha machucado a perna, e estava deitado num sofá de canto. Ficaram todos muito surpresos de ver um grupo tão estranho, e enquanto a mulher botava a mesa o homem perguntou:

– Aonde vocês estão indo?

– Para a Cidade das Esmeraldas – disse Dorothy. – Ver o grande Oz.

– Ah, é mesmo? – perguntou o homem. – E sabem se Oz vai receber vocês?

– Por que não? – respondeu ela.

– Dizem que ele nunca deixa ninguém chegar perto dele. Já estive muitas vezes na Cidade das Esmeraldas, que é um lugar lindo e cheio de

maravilhas; mas nunca pude me aproximar do Grande Oz, e nem sei de ninguém que tenha estado com ele.

– Ele nunca sai? – perguntou o Espantalho.

– Nunca. Passa os dias sentado na grande sala do trono do palácio, e mesmo os criados que servem Oz nunca estiveram frente a frente com ele.

– E como ele é? – quis saber a menina.

– Difícil dizer – falou o homem, pensando. – A questão é que Oz é um grande Mágico, e consegue assumir a forma que quer. Algumas pessoas dizem que ele parece um pássaro, outras que é igual a um elefante, e outras ainda que lembra um gato. Para outros ele aparece como uma linda fada, ou um duende, ou a forma que preferir. Mas quem é o Oz de verdade, quando está na forma dele mesmo, ninguém sabe dizer.

– Muito estranho – disse Dorothy. – Mas precisamos tentar, de algum modo, falar com ele, ou nossa viagem terá sido por nada.

– E por que vocês querem ver o terrível Oz? – perguntou o homem.

– Eu quero que ele me dê um cérebro – disse logo o Espantalho.

– Ah, isso Oz pode fazer com a maior facilidade – declarou o homem. – Ele tem miolos de sobra.

– E eu quero que ele me dê um coração – disse o Lenhador de Lata.

– Nenhum problema para Oz – continuou o homem. – Ele tem uma coleção imensa de corações, de todos os tamanhos e formatos.

– E eu quero que ele me dê coragem – disse o Leão Covarde.

– Oz guarda um pote imenso de coragem na sua sala do trono – disse o homem. – Coberto com um prato de ouro, para não deixar que transborde. E vai ter o maior prazer em lhe dar um pouco.

– E eu quero que ele me mande de volta para o Kansas – disse Dorothy.

– E onde fica o Kansas? – perguntou o homem, surpreso.

– Não sei – respondeu a menina, na maior tristeza. – Mas é lá que eu moro, e sei bem que é um lugar.

– Muito provavelmente. Pois bem, Oz é capaz de tudo, e imagino que pode encontrar o Kansas para você. Mas primeiro vocês precisam chegar a ele, o que não é nada fácil, pois o grande Mágico não gosta de ver ninguém, e geralmente só faz as coisas do seu jeito. Mas e você, o que quer? – continuou ele, falando com Totó. Totó só balançou a cauda; porque, estranhamente, não sabia falar.

A mulher chamou dizendo que o jantar estava pronto, então todos se reuniram em torno da mesa e Dorothy devorou um delicioso mingau de

aveia, um prato de ovos mexidos e uma cesta de ótimo pão branco, e gostou muito da refeição. O Leão comeu um pouco do mingau, mas não gostou, dizendo que era feito de aveia e aveia era comida de cavalos, não de leões. O Espantalho e o Lenhador de Lata não quiseram nada. Totó provou um pouquinho de cada coisa, e ficou muito feliz de tornar a comer um bom jantar.

Em seguida a mulher separou uma cama para Dorothy dormir, e Totó se deitou ao lado dela, enquanto o Leão guardava a porta do quarto para ela não ser perturbada. O Espantalho e o Lenhador de Lata ficaram de pé a um canto, quietos a noite inteira, apesar, claro, de nunca dormirem.

Na manhã seguinte, assim que o sol nasceu, todos saíram a caminho, e logo viram um esplêndido brilho verde no céu bem à frente.

– Deve ser a Cidade das Esmeraldas – disse Dorothy.

Enquanto andavam nessa direção, o brilho verde foi ficando cada vez mais forte, e parecia que finalmente estava chegando o fim das suas aventuras. Mas já era de tarde quando alcançaram a grande muralha que cercava a Cidade. Era alta, grossa e de um verde forte.

Diante deles, e no final da estrada dos tijolos amarelos, havia um imenso portão, todo cravejado de esmeraldas que reluziam tanto ao sol que até mesmo os olhos pintados do Espantalho ficaram ofuscados por todo aquele brilho.

Havia uma campainha ao lado do portão. Dorothy apertou o botão e ouviu lá dentro um som de sinetas de prata. Em seguida o portão se abriu lentamente, todos entraram e se viram num enorme salão com o teto em arco, cujas paredes brilhavam com incontáveis esmeraldas.

Diante deles estava um homenzinho do mesmo tamanho que os Munchkins. Estava todo vestido de verde, da cabeça aos pés, e até mesmo sua pele tinha um tom esverdeado. Ao lado dele ficava uma grande caixa verde.

Quando viu Dorothy e seus companheiros de viagem, o homem perguntou:

– O que vocês querem na Cidade das Esmeraldas?

– Viemos ver o Grande Oz – respondeu Dorothy.

O homem ficou tão espantado com essa resposta que precisou sentar-se para pensar.

– Faz muitos anos que ninguém pede para ver Oz – disse ele, balançando a cabeça de surpresa. – Ele é poderoso e terrível, e se vocês chegaram aqui

atrás de alguma coisa boba ou sem sentido para perturbar as sábias reflexões do Grande Mágico, ele pode ficar irritado e destruir vocês todos na mesma hora.

– Mas não é nenhuma bobagem sem sentido – respondeu o Espantalho. – É importante. E todos dizem que Oz é um mágico do bem.

– É mesmo – respondeu o homem verde. – E governa muito bem a Cidade das Esmeraldas, com grande sabedoria. Mas as pessoas que não são honestas, ou que vêm falar com ele só por curiosidade, ele trata da maneira mais terrível, e pouca gente pede para ver o seu rosto. Eu sou o Guarda dos Portões, e como vocês estão pedindo para ver o Grande Oz, vou levá-los ao palácio. Mas primeiro vocês precisam pôr os óculos.

– Por quê? – perguntou Dorothy.

– Por que se não usarem os óculos podem ficar cegos com o brilho e o esplendor da Cidade das Esmeraldas. Mesmo as pessoas que vivem na Cidade usam esses óculos dia e noite. E os óculos são presos às pessoas por chave para não poderem ser tirados, porque foi essa a ordem de Oz desde que a cidade foi construída, e a única chave capaz de desprender os óculos fica comigo.



Destrancou a caixa verde, e Dorothy viu que estava cheia de óculos dos mais variados tamanhos e formatos, todos com lentes verdes. O Guarda dos Portões achou um par que ficava bem em Dorothy e pôs os óculos no rosto dela. Duas alças de ouro presas à armação se encontravam na parte de trás

da cabeça e podiam ser trancadas com uma chavezinha na ponta de uma corrente que o Guarda dos Portões trazia em volta do pescoço. Depois que pôs os óculos, Dorothy não podia mais tirá-los mesmo se quisesse, mas é claro que não queria ficar cega com o brilho da Cidade das Esmeraldas, e por isso não disse nada.

Em seguida, o homem verde achou óculos para o Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão, e até para o pequeno Totó; e cada par foi devidamente trancado com a chavezinha.

Então o Guarda dos Portões pôs os seus próprios óculos e disse a todos que iria levá-los até o palácio. Pegando uma grande chave dourada pendurada num prego da parede, abriu outro portão e todos saíram atrás dele para as ruas da Cidade das Esmeraldas.

Amarra vilhosa Cidade de das Esmeraldas de Oz

MESMO COM OS OLHOS protegidos pelos óculos verdes, Dorothy e seus amigos ficaram ofuscados com o brilho da magnífica cidade. As ruas eram ladeadas de casas esplêndidas, todas construídas com mármore verde e cravejadas de esmeraldas cintilantes. Eles caminhavam por calçadas feitas do mesmo mármore verde, e nas juntas entre os blocos havia fileiras de esmeraldas bem próximas uma da outra, refulgindo à luz do sol. As vidraças das janelas eram todas de vidro verde; até mesmo o céu que cobria a cidade era esverdeado, e os raios do sol eram verdes.

Havia muitas pessoas, homens, mulheres e crianças, andando pelas ruas, todas usando roupas verdes e com a pele esverdeada. Olhavam para Dorothy e seu estranho grupo de cores variadas com olhos surpresos, e as crianças todas se escondiam correndo atrás das suas mães quando viam o Leão; mas ninguém falava com eles. Havia muitas lojas na rua, e Dorothy viu que, nelas, tudo era verde. Havia doces e pipocas verdes à venda, além de sapatos, chapéus e roupas verdes de todos os tipos. Numa delas, um homem vendia limonada verde, e quando as crianças foram pagar Dorothy viu que usavam moedas verdes.

Não se viam cavalos nem qualquer outra espécie de animal. Os homens transportavam as coisas em carrinhos verdes, que empurravam à sua frente. Todos pareciam felizes, prósperos e satisfeitos.

O Guarda dos Portões conduziu o grupo de amigos pelas ruas até chegarem a uma imensa construção que ficava no centro exato da Cidade. Era o Palácio de Oz, o Grande Mágico. Um soldado estava postado junto à porta, usando uniforme verde e uma longa barba verde.

– Estes aqui são estrangeiros – disse o Guarda dos Portões ao soldado. – Querem ver o Grande Oz.

– Entrem – respondeu o soldado. – Vou avisar que estão aqui.

Passaram pelos portões do palácio e foram conduzidos a um imenso salão forrado de tapete verde e com lindos móveis verdes cravejados de

esmeraldas. O soldado fez com que todos limpassem os pés num capacho verde antes de entrarem no salão, e depois que se sentaram disse a eles, no tom mais delicado:

– Podem ficar à vontade enquanto vou até a porta da Sala do Trono, dizer a Oz que vocês chegaram.

Esperaram bastante até o soldado voltar. Quando ele finalmente reapareceu, Dorothy perguntou:

– O senhor esteve com Oz?

– Ah, não – retrucou o soldado. – Nunca vi o Mágico. Mas falei com ele, que estava sentado atrás do seu biombo, e transmiti o seu pedido. Ele diz que vai lhes dar uma audiência, se vocês quiserem: mas cada um de vocês precisa entrar sozinho para estar com ele, e ele só irá admitir um por dia. Portanto, como vão precisar ficar vários dias no palácio, eu farei com que sejam levados aos quartos onde poderão descansar da viagem com todo o conforto.

– Obrigada – disse a menina. – É muita gentileza de Oz.

O soldado soprou um apito verde, e na mesma hora uma jovem, usando um lindo vestido de seda verde, entrou no salão. Tinha belos cabelos verdes e olhos verdes, e fez uma grande reverência na frente de Dorothy enquanto dizia:

– Venha comigo que vou lhe mostrar o seu quarto.

Então Dorothy se despediu de todos os amigos menos Totó e, pegando o cachorrinho no colo, seguiu a moça verde por sete corredores, subindo sete lances de escada até chegarem a um quarto na frente do palácio. Era o quartinho mais bonito do mundo, com uma cama confortável e macia forrada com lençóis de seda verde e uma colcha de veludo verde. Havia um pequeno chafariz no meio do quarto, jorrando um fino jato de perfume verde que se erguia no ar, caindo em seguida numa bacia de mármore verde lindamente esculpida. Belas flores verdes enfeitavam as janelas, além de uma prateleira com uma fileira de pequenos livros verdes. Quando Dorothy teve tempo de abrir esses livros, descobriu que todos traziam diferentes gravuras verdes que a fizeram rir, pois eram muito engraçadas.



Num guarda-roupa havia vários vestidos verdes, feitos de seda e veludo; e todos eram do tamanho exato de Dorothy.

– Fique inteiramente à vontade – disse a moça verde. – E se quiser alguma coisa, toque a campainha. Oz vai mandar chamá-la amanhã de manhã.

Deixou Dorothy no quarto e voltou ao encontro dos outros. Levou cada um deles para um quarto, e todos se viram hospedados numa parte especialmente agradável do palácio. Claro que toda essa delicadeza era desnecessária no caso do Espantalho, que, quando se viu no seu quarto, ficou estupidamente parado num ponto, logo depois da porta, à espera do dia seguinte. Deitar-se não o deixaria mais descansado, e não tinha mesmo como fechar os olhos; assim, passou a noite inteira olhando fixo para uma aranhazinha que tecia sua teia num canto do quarto, como se nem estivesse num dos quartos mais magníficos do mundo. O Lenhador de Lata deitou na cama pela força do hábito, pois ainda se lembrava do tempo em que era feito de carne, mas, incapaz de dormir, passou a noite movendo cada uma das suas juntas para cuidar de manter todas em perfeitas condições de funcionamento. O Leão teria preferido um leito de folhas secas na floresta, e não gostou de se ver fechado num quarto, mas teve o juízo de não se

incomodar com isso: pulou na cama, se enroscou como um gato e dentro de um minuto já estava ronronando, ferrado no sono.

Na manhã seguinte, depois do café, a moça verde veio buscar Dorothy, e vestiu a menina com um dos vestidos mais bonitos do armário – feito de cetim verde com brocados. Dorothy pôs um avental verde e amarrou uma fita verde em torno no pescoço de Totó, e foram para a Sala do Trono do Grande Oz.

Primeiro chegaram a um salão onde se reuniam vários fidalgos e damas da corte, todos usando trajes riquíssimos. Eram pessoas que não tinham nada a fazer além de passar o dia inteiro conversando, mas vinham toda manhã esperar do lado de fora da Sala do Trono, apesar de nunca serem autorizados a ver o Grande Oz. Quando Dorothy entrou, olharam para ela curiosos, e um deles murmurou:

– Você vai mesmo olhar o rosto do Terrível Oz?

– Claro – respondeu a menina. – Se ele quiser me receber.

– Ah, ele irá receber você – disse o soldado que tinha levado o recado dela ao Mágico. – Mas ele não gosta que ninguém peça para vê-lo. A verdade é que, num primeiro momento, ele ficou irritado, e disse para eu mandar você de volta para o lugar de onde tinha vindo. Então ele me perguntou como você era, e quando eu falei dos seus Sapatos de Prata ele ficou muito interessado. Depois eu falei da marca na sua testa, e aí ele decidiu que iria recebê-la.

Nesse momento uma campainha tocou, e a moça verde disse a Dorothy, abrindo uma portinha:

– É o sinal. Você deve entrar sozinha na Sala do Trono.

Dorothy passou pela porta sem medo. E se viu num lugar deslumbrante. Era um salão imenso e redondo com um teto alto em forma de arco, e tanto as paredes quanto o teto e o chão estavam cravejados de grandes esmeraldas muito próximas umas das outras. No centro do teto resplandecia uma luz grande, forte como a do sol, que fazia as esmeraldas brilharem com uma cintilação maravilhosa.

O que mais interessou Dorothy, porém, foi o grande trono de mármore verde que se erguia no meio do salão. Tinha a forma de uma cadeira e refulgia com milhares de pedras preciosas, como todo o resto. No centro da cadeira havia uma Cabeça imensa, sem corpo que lhe servisse de apoio e nem braços ou pernas. E essa Cabeça não tinha cabelo, mas olhos, um nariz e uma boca, e era maior que a do maior dos gigantes.

Quando Dorothy olhou para a Cabeça com medo e espanto, os olhos se viraram devagar e a fitaram, firmes e agudos. Então a boca se mexeu, e Dorothy ouviu uma voz que dizia:

– Sou Oz, Grande e Terrível. Quem é você, e por que me procura?

Não era uma voz tão horrenda quanto ela esperava ouvir saindo da enorme Cabeça; então ela tomou coragem e respondeu.

– Sou Dorothy, Pequena e Humilde. E venho em busca de ajuda.

Os olhos fitaram a menina, pensativos, por um minuto inteiro. E então a voz disse:

– Onde você conseguiu os Sapatos de Prata?

– Com a Bruxa Má do Leste, quando minha casa caiu em cima dela e ela morreu – respondeu Dorothy.

– E onde conseguiu essa marca na sua testa? – continuou a voz.

– Foi lá que a Bruxa Boa do Norte me beijou quando se despediu de mim e disse que eu viesse ver o senhor – respondeu a menina.

Mais uma vez os olhos examinaram Dorothy fixamente, e viram que estava dizendo a verdade. E então Oz perguntou:

– O que você quer de mim?

– Que me mande de volta para o Kansas, onde estão minha tia Em e meu tio Henry – respondeu Dorothy animada. – Não gosto do seu país, apesar de achar muito lindo. E imagino que tia Em deve estar muito preocupada comigo, por estar fora de casa há tanto tempo.

Os olhos piscaram três vezes, e então se viraram para o teto, depois para o chão, girando de um modo tão estranho que pareciam ver todos os cantos do salão. E finalmente tornaram a se fixar em Dorothy.

– E por que eu devia ajudar você? – perguntou Oz.

– Porque o senhor é forte e eu sou fraca; porque o senhor é um Grande Mágico e eu sou apenas uma menina indefesa – respondeu ela.

– Mas você teve forças para matar a Bruxa do Leste – disse Oz.

– Foi sem querer – respondeu Dorothy com simplicidade. – Não pela minha vontade.

E a Cabeça respondeu:

– Pois bem, vou lhe dar a minha resposta. Você só pode me pedir que mande você de volta para o Kansas se fizer uma coisa para mim em troca. No meu país, todo mundo precisa pagar pelo que recebe. Se você quer que eu use o meu poder mágico para mandar você de volta para casa, antes precisa fazer uma coisa para mim. Se você me ajudar, eu ajudo você.

- E o que eu preciso fazer? – perguntou a menina.
- Matar a Bruxa Má do Oeste – respondeu Oz.
- Mas eu não posso! – exclamou Dorothy, muito surpresa.
- Você matou a Bruxa do Leste e está usando os Sapatos de Prata, que possuem um incrível poder mágico. Só restou uma Bruxa Má em todo o país, e quando você me contar que ela está morta eu mando você de volta para o Kansas: mas não antes disso.

A menina começou a chorar de tão desapontada; os grandes olhos da Cabeça piscaram e tornaram a olhar ansiosos para ela, como se o Grande Oz sentisse que fazer o que ele pedia só dependia da vontade dela.



- Eu nunca matei ninguém por minha vontade – soluçou ela. – E, mesmo que eu quisesse, como é que ia matar uma Bruxa Má? Se o senhor, que é Grande e Terrível, não conseguiu, como é que espera que eu vá conseguir?

– Isso eu não sei – respondeu a Cabeça. – Mas minha resposta é esta, e até a Bruxa Má morrer você não poderá voltar a ver a sua tia e o seu tio. Basta lembrar que a bruxa é má, muitíssimo má, e que precisa ser morta. Agora vá logo, e não venha me procurar de novo antes de cumprir a sua tarefa.

Dorothy saiu abatida da Sala do Trono e voltou para onde o Leão, o Espantalho e o Lenhador de Lata estavam esperando para saber o que Oz tinha dito.

– Não tenho nenhuma esperança – disse ela, em tom triste. – Oz só aceita me mandar de volta para casa depois que eu matar a Bruxa Má do Oeste, coisa que eu nunca vou conseguir.

Seus amigos ficaram com pena, mas não podiam fazer nada para ajudar Dorothy. Então ela voltou para o quarto, deitou-se na cama e chorou até adormecer.

Na manhã seguinte, o soldado com a barba verde se dirigiu ao Espantalho e disse:

– Venha comigo, porque Oz mandou buscá-lo.

O Espantalho seguiu o soldado, e foi admitido à grande Sala do Trono, onde viu, sentado no trono das esmeraldas, uma linda mulher. Estava vestida de gaze de seda verde, e trazia uma coroa de pedras preciosas sobre seus longos cachos verdes. Dos seus ombros saíam duas asas, de cores lindas e tão leves que se agitavam ao menor sopro de ar.

Depois que o Espantalho fez uma reverência, a melhor que lhe permitia seu enchimento de palha, diante dessa linda criatura, ela olhou para ele com uma expressão de doçura, e disse:

– Sou Oz, Grande e Terrível. Quem é você, e por que me procura?

O Espantalho, que esperava ver a Cabeça imensa de que Dorothy lhe tinha falado, estava muito surpreso; mas respondeu com toda a bravura:

– Sou um simples Espantalho, recheado de palha. Por isso não tenho cérebro, e vim para lhe pedir que enchesse a minha cabeça de miolos, em vez de palha, para eu poder ser igual a qualquer outro homem que vive nos seus domínios.

– E por que eu devo atender o seu pedido? – perguntou a linda mulher.

– Porque o senhor é sábio e poderoso, e não há mais ninguém que possa me ajudar – respondeu o Espantalho.

– Eu nunca atendo um pedido sem receber nada em troca – disse Oz. – Mas posso lhe prometer o seguinte: se você matar para mim a Bruxa Má do

Oeste, eu lhe concedo um belo cérebro, tão bom que você ficará sendo o homem mais inteligente de toda a Terra de Oz.

– Achei que já tinha pedido a Dorothy para matar a Bruxa – disse o Espantalho, surpreso.

– Realmente. Para mim, tanto faz quem mate a Bruxa. Mas enquanto ela estiver viva eu não vou atender o seu pedido. Agora vá, e só volte a me procurar quando tiver feito por merecer o cérebro que deseja tanto.

O Espantalho voltou um tanto desanimado para junto dos seus amigos, e contou o que Oz tinha dito. Dorothy ficou surpresa ao descobrir que o Grande Mágico não era uma Cabeça, como ela tinha visto, mas uma linda mulher.

– O que eu sei – disse o Espantalho – é que ela não tem mais coração que o Lenhador de Lata.

Na manhã seguinte, o soldado da barba verde veio procurar o Lenhador de Lata.

– Oz me mandou buscá-lo. Venha comigo.

O Lenhador de Lata seguiu o soldado e chegou à grande Sala do Trono. Não sabia se iria encontrar Oz na forma de uma linda mulher ou de uma Cabeça, mas esperava que fosse a linda mulher. E pensou:

– Se for a Cabeça, tenho certeza que não ganho um coração: nenhuma Cabeça tem coração, e por isso mesmo não pode sentir o meu problema. Mas, se for a linda mulher, vou implorar que me dê um coração, porque dizem que todas as mulheres têm o coração mole.

Mas quando o Lenhador de Lata entrou na Sala do Trono, não viu a Cabeça e nem a Mulher, pois Oz tinha assumido a forma de um Monstro terrível. Era quase do tamanho de um elefante, e o trono verde nem parecia ser capaz de aguentar seu peso. O Monstro tinha uma cabeça que lembrava a de um rinoceronte, só que com cinco olhos. Cinco braços compridos se estendiam do seu corpo, assim como cinco pernas finas e compridas. Era todo coberto de pelos, e não se pode imaginar uma criatura mais horrenda. Felizmente o Lenhador de Lata ainda não tinha coração a essa altura, porque se tivesse ele havia de disparar e bater muito forte de terror. Mas, sendo só de lata, o Lenhador não sentiu medo nenhum, apesar de ficar muito decepcionado.

– Sou Oz, Grande e Terrível – disse o Monstro, numa voz que era um grande rugido. – Quem é você, e por que me procura?

– Sou um lenhador, e feito de lata. Por isso eu não tenho coração, e não sou capaz de amar. Peço que me dê um coração para eu poder ser como os outros homens.

– E por que eu devo atender o que me pede?

– Porque estou pedindo, e só o senhor pode me dar o que eu desejo – respondeu o Lenhador de Lata.

Oz rugiu baixinho ao ouvir essa resposta, mas disse, em tom grosseiro:

– Se você quer mesmo um coração, primeiro precisa merecer.

– Como? – perguntou o Lenhador de Lata.

– Ajude Dorothy a matar a Bruxa Má do Oeste – respondeu o Monstro. – Depois que a Bruxa morrer, volte aqui e então lhe darei o coração maior e mais amoroso de todo o País de Oz.

E assim o Lenhador de Lata foi obrigado a voltar abatido para junto dos seus amigos, a quem falou do Monstro terrível que tinha visto. Todos ficaram pensando em quantas formas o Mágico podia assumir, e o Leão disse:

– Se ele me aparecer como um Monstro, vou dar o rugido mais alto que eu puder, e o medo dele vai ser tanto que sei que vai me dar o que eu pedir. Se for a linda mulher, vou fingir que dou um bote e ataco, e ela vai se sentir obrigada a fazer o que eu quero. E se for a Cabeça enorme, vai ficar à minha mercê, porque vou fazer essa Cabeça rolar pelo salão até ela prometer fazer o que estamos pedindo. Então não desanimem, meus amigos, porque tudo vai acabar bem.

Na manhã seguinte, o soldado com as barbas verdes levou o Leão até a grande Sala do Trono, e disse que entrasse para ver o Grande Oz.

O Leão na mesma hora entrou pela porta e, olhando em volta, viu, para sua surpresa, que diante do trono estava uma Bola de Fogo, tão assustadora e brilhante que ele mal conseguia olhar para ela. Sua primeira impressão foi que Oz, por acidente, se tivesse incendiado e ardesse em chamas. Mas, quando tentou chegar mais perto, sentiu um calor tão intenso que chamuscou os seus bigodes, e ele recuou tremendo para um ponto mais próximo da porta.

Então uma voz grave e pausada se ergueu da Bola de Fogo, e disse as seguintes palavras:

– Sou Oz, Grande e Terrível. Quem é você, e por que me procura?

E o Leão respondeu:

– Sou um Leão Covarde, tenho medo de tudo. Vim lhe pedir que me dê coragem, para eu poder ser o Rei dos Animais de verdade, como me chamam os homens.

– E por que eu devia lhe dar coragem? – perguntou Oz.

– Porque de todos os magos você é o maior, e o único que pode atender o meu pedido – respondeu o Leão.

A Bola de Fogo ardeu violentamente por algum tempo, e a voz disse:

– No momento em que você me trouxe uma prova de que a Bruxa Má está morta eu lhe darei coragem. Mas enquanto a Bruxa estiver viva, você vai continuar covarde.

O Leão ficou furioso com essas palavras, mas não disse nada em resposta, e enquanto olhava calado para a Bola de Fogo esta foi ficando tão quente que ele enfiou o rabo entre as pernas e saiu do salão. Ficou satisfeito de ver seus amigos à sua espera, e contou para eles como tinha sido seu terrível encontro com o Mágico.

– O que vamos fazer agora? – perguntou Dorothy entristecida.

– Só temos uma coisa a fazer – respondeu o Leão. – Ir até a terra dos Winkies, encontrar a Bruxa Má e acabar com ela!

– Mas e se a gente não conseguir? – perguntou a menina.

– Então eu nunca vou ter coragem – declarou o Leão.

– E eu nunca vou ter cérebro – acrescentou o Espantalho.

– E eu nunca vou ter coração – disse o Lenhador de Lata.

– E eu nunca mais vou ver a tia Em e o tio Henry – lamentou Dorothy, começando a chorar.

– Cuidado! – disse a moça verde. – As lágrimas vão cair e manchar o seu vestido de seda verde.

Então Dorothy enxugou os olhos e disse:

– Acho que a gente precisa tentar. Mas eu sei que não quero matar ninguém, nem mesmo para tornar a ver a tia Em.

– Eu vou com você. Mas sou covarde demais para matar a Bruxa – disse o Leão.

– E eu também – declarou o Espantalho. – Mas não vou ajudar muito, porque sou muito burro.

– E nem é por coração mole que não consigo matar bruxa nenhuma, porque nem coração eu tenho – comentou o Lenhador de Lata. – Mas se vocês forem, é claro que vou com vocês.

Então ficou decidido que começariam a viagem na manhã seguinte, e o Lenhador de Lata afiou o seu machado com uma pedra de amolar toda verde e lubrificou muito bem todas as suas juntas. O Espantalho se recheou com palha nova, e Dorothy retocou a tinta dos seus olhos para ele enxergar melhor. A moça verde, que foi muito boa com eles, encheu a cesta de Dorothy com coisas boas de comer, e amarrou uma sinetinha em volta do pescoço de Totó com uma fita verde.

Foram para a cama bem cedo e dormiram profundamente até o amanhecer, quando foram despertados pelo canto de um galo verde, que vivia no pátio traseiro do palácio, e o cacarejo de uma galinha que tinha posto um ovo verde.

Em Busca da Bruxa Má

O SOLDADO DE BARBA VERDE caminhou com o grupo pelas ruas da Cidade das Esmeraldas até eles chegarem ao alojamento onde morava o Guarda dos Portões. O guarda destrancou os óculos de todos, colocou de volta na caixa grande, e depois abriu educadamente a porta para os nossos amigos.

– Qual é a estrada que leva para a Bruxa Má do Oeste? – perguntou Dorothy.

– Não existe estrada para lá – respondeu o Guarda dos Portões. – Ninguém nunca pensa em ir para aquele lado.

– Como, então, podemos encontrar a Bruxa? – perguntou a menina.

– É fácil – respondeu o homem. – Quando ela souber que vocês entraram na Terra dos Winkies, irá encontrar vocês e transformá-los em escravos dela.

– Talvez não – disse o Espantalho –, porque a nossa ideia é destruir a Bruxa.

– Ah, isso é muito diferente – disse o Guarda dos Portões. – Ninguém jamais destruiu a Bruxa antes, e por isso achei, naturalmente, que ela iria transformar vocês em escravos, como fez com todos os outros. Mas tomem cuidado, porque ela é malvada e feroz, e pode não concordar com essa destruição. Andem sempre para o Oeste, onde o sol se põe, e não têm como deixar de dar com ela.

Agradeceram ao Guarda dos Portões e se despediram dele, tomando o rumo oeste, caminhando por campos de relva macia salpicada aqui e ali de margaridas e botões-de-ouro. Dorothy ainda usava o belo vestido de seda verde que tinha posto no palácio, mas agora, para sua grande surpresa, descobriu que não era mais verde, mas todo branco. A fita em torno do pescoço de Totó também perdeu a cor verde e ficou branca como o vestido de Dorothy.

A Cidade das Esmeraldas logo ficou muito para trás. À medida que avançavam, o terreno ia ficando mais acidentado e ondulado, pois não havia fazendas nem casas nesse País do Oeste, e o solo não era cultivado.

Durante a tarde o sol ardeu bem quente em seus rostos, pois não havia árvores para fazer sombra; tanto que, mesmo antes de anoitecer, Dorothy, Totó e o Leão estavam cansados, se deitaram na relva e adormeceram, guardados pelo Lenhador de Lata e pelo Espantalho.

A Bruxa Má do Oeste podia ter um olho só, mas ele era poderoso como um telescópio e enxergava tudo. Assim, sentada na porta do seu castelo, ela olhou ao redor e viu Dorothy dormindo estendida no chão, cercada por seus amigos. Estavam bem distantes, mas a Bruxa Má ficou furiosa ao vê-los em seus domínios; e tocou um apito de prata que trazia em redor do pescoço.

Na mesma hora, chegou correndo de todas as direções um bando de lobos imensos. Tinham o pescoço longo, olhos ferozes e dentes afiados.

– Encontrem essas pessoas – disse a Bruxa. – E façam todas em pedaços.

– Não quer escravizar ninguém? – perguntou o chefe dos lobos.

– Não – respondeu ela. – Um é feito de lata, outro de palha. Uma é uma garota, e outro um Leão. Nenhum deles presta para trabalhar, então pode despedaçar todos eles.

– Muito bem – disse o lobo, e saiu correndo a toda velocidade, seguido pelos outros.

Foi uma sorte o Espantalho e o Lenhador de Lata estarem acordados e terem escutado que os lobos se aproximavam.

– A luta é minha – disse o Lenhador. – Fiquem atrás de mim que eu enfrento os lobos quando forem chegando.

Agarrou seu machado, que tinha afiado ao máximo, e, quando o chefe dos lobos chegou, o Lenhador de Lata golpeou seu pescoço e separou a cabeça do corpo, matando a fera imediatamente. Assim que levantou de novo o machado outro lobo apareceu, e também foi morto pelo gume afiado da arma do Lenhador de Lata. Eram quarenta lobos, e quarenta vezes o Lenhador levantou o machado e matou um lobo. No final, estavam todos mortos e empilhados diante do Lenhador.

Então ele baixou o machado e sentou ao lado do Espantalho, que disse:

– Foi uma ótima luta, amigo.



E esperaram Dorothy acordar no dia seguinte. A menina ficou bastante assustada quando viu a pilha de lobos peludos, mas o Lenhador de Lata lhe explicou o que tinha acontecido. Ela agradeceu o amigo por ter salvado a vida deles e sentou para tomar o café da manhã antes de continuarem a sua viagem.

Naquela mesma manhã, a Bruxa Má veio até a porta do seu castelo e olhou em volta com o olho que enxergava tudo. Viu todos os seus lobos mortos, e os estrangeiros ainda viajando pelas suas terras. Ficou mais furiosa ainda do que antes, e tocou duas vezes o apito de prata.

Na mesma hora um bando imenso de corvos ferozes chegou voando de toda parte, tantos que até cobriam o céu. E a Bruxa Má disse ao Rei dos Corvos:

– Vá agora mesmo voando até esses estrangeiros, arranque os seus olhos com o bico e depois reduza todos a pedacinhos.

Os corvos ferozes saíram voando juntos em busca de Dorothy e seus companheiros de viagem. Quando a menina viu as aves se aproximando, ficou com medo. Mas o Espantalho lhe disse:

– Esta batalha é minha. Deite-se no chão atrás de mim que não vai sofrer nada.

Todos se deitaram no chão, menos o Espantalho, que, de pé, esticou os braços. Quando os corvos o viram ficaram com medo, como sempre ficam diante de um espantalho, e não se atreveram a chegar mais perto. Mas o Rei dos Corvos disse:

– É só um boneco recheado na forma de um homem. Vou arrancar os olhos dele com o bico.

E o Rei dos Corvos atacou o Espantalho, que agarrou a ave pela cabeça e torceu seu pescoço, matando-a. Então outro corvo voou para cima dele e o Espantalho torceu seu pescoço também. Eram quarenta corvos, e quarenta vezes o Espantalho torceu um pescoço, até finalmente estarem todos mortos a seus pés. Então ele disse a seus companheiros que se levantassem, e novamente continuaram sua viagem.

Quando a Bruxa Má olhou de novo e viu todos os seus corvos mortos e empilhados no chão, ficou realmente furiosa e soprou três vezes seu apito de prata.

Na mesma hora ouviu-se um grande zumbido no ar, e um enxame de abelhas negras veio voando na direção dela.

– Procurem os estrangeiros, e matem todos de ferroada! – ordenou a Bruxa, e as abelhas se viraram e saíram voando o mais depressa que podiam até chegarem onde Dorothy e seus amigos estavam caminhando.

Mas o Lenhador de Lata tinha visto a chegada do enxame, e o Espantalho já tinha resolvido o que ia fazer.

– Tirem a minha palha e espalhem toda por cima da menina, do cachorro e do leão – disse ele para o Lenhador. – Assim as abelhas não vão conseguir picar nenhum deles.

Foi o que Lenhador de Lata fez. Dorothy se deitou ao lado do Leão, com Totó nos braços, e ficaram os três todos cobertos pela palha.

As abelhas chegaram e só encontraram o Lenhador de Lata para picar, então mergulharam sobre ele e quebraram seus ferrões na lata, sem nem arranhar seu corpo. E como as abelhas não conseguem mais viver depois que perdem o ferrão, foi o fim das abelhas negras, que caíram todas amontoadas em volta do Lenhador de Lata, como uma pilha de carvão em pedacinhos.

Em seguida Dorothy e o Leão se levantaram, e a menina ajudou o Lenhador de Lata a tornar a rechear o Espantalho com a sua palha, até ele voltar à mesma forma de sempre. Então recomeçaram sua viagem mais uma vez.

A Bruxa Má ficou tão enfurecida quando viu suas abelhas negras amontoadas como carvão em pedacinhos que bateu o pé e rangeu os dentes. Então chamou uma dúzia dos seus escravos, que eram os Winkies, e entregou lanças afiadas a eles, ordenando que atacassem os estrangeiros.

Os Winkies não eram um povo corajoso, mas precisavam obedecer às suas ordens. Então saíram andando até chegarem a Dorothy. Mas aí o Leão soltou um rugido terrível e saltou na direção deles, e os pobres Winkies ficaram tão assustados que correram de volta para a Bruxa o mais depressa que podiam.

Quando chegaram ao castelo, a Bruxa Má deu-lhes uma surra de correia e mandou-os de volta para o trabalho, antes de sentar para decidir o que faria em seguida. Não entendia como cada um dos seus planos para destruir aqueles estranhos tinha fracassado; mas era uma Bruxa poderosa, além de má, e logo resolveu o que iria fazer.

No seu armário, ela guardava um gorro todo de ouro, enfeitado com uma fileira de diamantes e rubis. E o Gorro de Ouro era encantado. Seu dono podia apelar três vezes para os Macacos Alados: a qualquer ordem, eles

obedeceriam. Mas essas estranhas criaturas só podiam ser chamadas em três ocasiões, e a Bruxa Má já tinha usado duas vezes o poder do Gorro. A primeira foi quando escravizou os Winkies, e se transformou em rainha do país deles, o que só conseguiu com a ajuda dos Macacos Alados. A segunda, quando lutou contra o próprio Grande Oz, que expulsou do País do Oeste, também com a ajuda dos Macacos Alados. E só podia usar mais uma vez o Gorro de Ouro, e por isso resolveu recorrer a ele somente quando todos os seus outros poderes tivessem se esgotado. Mas agora que tinha perdido seus lobos ferozes, seus corvos selvagens e suas abelhas negras, e seus escravos tinham sido espantados pelo Leão Covarde, ela viu que só lhe restava um modo de destruir Dorothy e seus amigos.



Então a Bruxa Má pegou o Gorro de Ouro no armário e pôs na cabeça.

Em seguida, ficou apoiada só no pé esquerdo e disse, bem devagar:

– Ep-pe, pep-pe, kak-ke!

Depois se equilibrou só em cima do pé direito, e disse:



– Hil-lo, hol-lo, hel-lo!

Finalmente, plantou os dois pés no chão e gritou, com uma voz bem forte:

– Ziz-zy, Zuz-zy, Zik!

E então o feitiço começou a funcionar. O céu escureceu, e um som de trovoadas encheu os ares. Ouviu-se o farfalhar de muitas asas; muita algazarra e muitos risos; e o sol surgiu da sombra mostrando a Bruxa Má cercada por uma verdadeira multidão de macacos dotados de imensas e poderosas asas no alto das costas.

Um deles, muito maior que os demais, parecia ser o chefe. Voou para mais perto da Bruxa e disse:

– A senhora nos chamou pela terceira e última vez. Quais são as suas ordens?

– Vão até os estrangeiros que invadiram as minhas terras e destruíam todos, menos o Leão – disse a Bruxa Má. – Tragam o Leão para mim, pois meu plano é colocar-lhe arreios, como se fosse um cavalo, e pôr o bicho para trabalhar.

– Suas ordens serão obedecidas – disse o chefe, e então, com muita algazarra e barulho, os Macacos Alados saíram voando até o ponto onde estavam Dorothy e os seus amigos.

Parte dos Macacos agarrou o Lenhador de Lata e saiu voando com ele até chegar a uma região coberta de pedras pontudas. E lá soltaram o pobre Lenhador de Lata, que caiu de uma altura imensa até bater nas pedras, ficando tão amassado e retorcido que não conseguia se mexer e nem mesmo dar um gemido.

Outro grupo de Macacos agarrou o Espantalho e, com os dedos compridos, puxou para fora toda a palha que recheava as suas roupas e sua cabeça. Depois embrulharam seu chapéu, suas botas e suas roupas num pacote que atiraram nos galhos mais altos de uma árvore imensa.

Os outros Macacos jogaram cordas grossas em cima do Leão e o amarraram com várias voltas em torno do corpo, da cabeça e das patas, deixando a fera totalmente incapaz de morder, arranhar ou resistir. Em seguida, levantaram voo com ele e o levaram até o castelo da Bruxa, onde o Leão foi deixado num pátio pequeno rodeado por uma cerca alta de ferro, de modo que não tinha como escapar.

Mas com Dorothy eles não fizeram nada. Ela ficou parada, com Totó nos braços, acompanhando o triste destino dos seus companheiros e pensando que logo chegaria também a sua vez. O chefe dos Macacos Alados voou na direção dela, com os braços longos e peludos estendidos e um sorriso terrível no rosto horrendo; mas foi só ver a marca do beijo da Bruxa Boa na testa da menina que parou na mesma hora, fazendo sinal aos outros para que não tocassem nela, e disse:

– Não podemos fazer nada contra essa menina porque ela é protegida pelo Poder do Bem, que é maior que o Poder do Mal. Só podemos ir com ela até o castelo da Bruxa Má, e deixá-la lá mesmo.

Então, com todo cuidado e delicadeza, levantaram voo com Dorothy nos braços e a carregaram em pouco tempo pelo ar até o castelo, onde deixaram a menina na escada diante da porta da frente. E então o chefe disse à Bruxa:

– Obedecemos até onde era possível. O Lenhador de Lata e o Espantalho foram destruídos, e o Leão está amarrado no pátio do seu castelo. Não nos atrevemos a fazer mal nenhum à menina, nem ao cachorro no colo dela. O seu poder sobre nós chegou ao fim, e nunca mais você vai nos ver.

Em seguida todos os Macacos Alados, com muitas risadas, algazarra e barulho, levantaram voo no ar e logo desapareceram.

A Bruxa Má ficou surpresa e preocupada quando viu a marca na testa de Dorothy, porque sabia que nem os Macacos Alados e nem ela própria poderiam fazer qualquer mal àquela garota. Olhou para os pés de Dorothy e, vendo os Sapatos de Prata, começou a tremer de medo, pois sabia que eles eram mágicos, e poderosos. Num primeiro momento, a Bruxa teve a tentação de correr para longe de Dorothy; mas olhou por acaso nos olhos da menina e viu como era simples a alma por trás deles, e que a menina não sabia do poder incrível que os Sapatos de Prata lhe davam. Então a Bruxa Má riu para si mesma, e pensou: “Ainda posso transformar essa menina em escrava, porque ela não sabe como usar o seu poder.” E então disse a Dorothy, em tom duro e severo:

– Venha comigo. E preste muita atenção a tudo que eu lhe digo, porque senão eu dou cabo de você, como fiz com o Lenhador de Lata e o Espantalho.

Dorothy acompanhou a Bruxa por muitos dos belos aposentos do castelo até chegarem à cozinha, onde a Bruxa mandou Dorothy lavar louças e panelas, esfregar o chão e alimentar o fogo de lenha para não apagar.

Dorothy, humildemente, foi trabalhar, decidida a fazer o melhor possível, pois tinha ficado contente de ver que a Bruxa decidiu não acabar com ela.

Com a menina entregue ao trabalho duro, a Bruxa resolveu ir até o pátio tentar prender o Leão com arreios de cavalo. Seria divertido, imaginava ela, obrigar a fera a puxar sua carruagem sempre que quisesse sair. Mas assim que ela abriu a porta o Leão deu um forte rugido e saltou na direção dela com um ar tão feroz que a Bruxa ficou com medo, saiu correndo e tornou a fechar a porta, dizendo através das barras:

– Se eu não consigo prender você aos arreios, pelo menos posso deixá-lo morrer de fome. Você não vai ganhar nada para comer até aceitar fazer o que eu quero.

Depois disso ela não levou mais comida para o Leão aprisionado; mas sempre que dava meio-dia vinha até a porta, e perguntava:

– Está pronto para usar arreios, como um cavalo?

E o Leão respondia:

– Não, e se você vier para esse pátio eu vou mordê-la.

O Leão não precisava obedecer a Bruxa porque toda noite, assim que ela ia dormir, Dorothy levava comida da despensa para o Leão. Depois que ele comia, ficava deitado em sua cama de palha, e Dorothy se deitava ao lado dele e apoiava a cabeça em sua juba macia e emaranhada, enquanto conversavam sobre os seus problemas e tentavam planejar algum modo de fugir. Mas não encontravam jeito de escapar do castelo, que era guardado o tempo todo por Winkies amarelos, escravos da Bruxa Má e amedrontados demais para não fazerem o que ela mandava.

A menina precisava trabalhar muito o dia inteiro, e várias vezes a Bruxa ameaçava bater nela com a velha sombrinha que sempre trazia nas mãos. Mas a verdade é que não tinha coragem de bater em Dorothy, por causa da marca que ela trazia na testa. A menina não sabia disso, e vivia cheia de medo do que podia acontecer a ela ou a Totó. Uma vez a Bruxa deu uma pancada com a sua sombrinha e o corajoso cachorrinho atacou de volta e mordeu sua perna. A Bruxa não sangrou no lugar da mordida, porque era tão má que muitos anos antes o sangue já tinha secado nas suas veias.

A vida de Dorothy ficou muito triste, especialmente depois que ela entendeu que agora seria mais difícil do que nunca voltar para o Kansas e a tia Em. Às vezes ela passava horas e horas chorando, com Totó sentado aos seus pés e olhando para ela, ganindo muito triste para mostrar como sofria com a dor da sua pequena dona. Para Totó não fazia diferença estar no Kansas ou na Terra de Oz, contanto que estivesse com Dorothy. Mas ele sabia do sofrimento da menina, e por isso também ficava abatido.

O que a Bruxa Má mais queria era roubar os Sapatos de Prata que a menina usava sempre. Suas Abelhas, seus Corvos e seus Lobos tinham sido destruídos, e ela tinha esgotado o poder do Gorro de Ouro. Mas se pelo menos conseguisse pegar os Sapatos de Prata, eles lhe dariam um poder maior que tudo que tinha perdido. Vigiava Dorothy com todo o cuidado, para ver se em algum momento a menina tirava os seus Sapatos, pensando que poderia roubá-los. Mas a menina gostava tanto deles que nunca os tirava dos pés, só de noite e na hora do banho. A Bruxa morria de medo do escuro, e por isso não se atrevia a entrar no quarto de Dorothy durante a noite, e seu medo da água era maior ainda que o medo do escuro, e nunca chegava perto quando Dorothy tomava banho. A verdade é que a velha

Bruxa nunca tocava na água, e nem deixava a água tocar nela de maneira nenhuma.

Mas a malvada criatura era muito astuta, e finalmente imaginou um jeito de conseguir o que queria. Pôs uma barra de ferro no meio do chão da cozinha, e com suas artes mágicas tornou a barra invisível para os olhos humanos. Assim, quando Dorothy passou, tropeçou na barra, que não enxergava, e caiu estendida. Não se machucou muito, mas na sua queda perdeu um dos Sapatos de Prata, e antes que pudesse recuperar o pé de sapato a Bruxa veio, pegou e o calçou no seu pé muito magro.

A malvada ficou muito satisfeita com o sucesso do seu plano, porque enquanto usasse um pé dos Sapatos tinha metade do seu poder mágico, e Dorothy não podia usá-lo contra ela, mesmo que soubesse como.

A menina, vendo que tinha perdido um dos seus lindos Sapatos, ficou com raiva e disse à Bruxa:

– Devolva o meu Sapato!

– Não devolvo – respondeu a Bruxa. – Agora é meu, e não seu.

– Você é muito malvada! – gritou Dorothy. – Não tem direito de tomar um dos meus Sapatos!

– Mas mesmo assim vou usar – disse a Bruxa, rindo dela. – E algum dia dou um jeito de pegar também o outro.

E isso deixou Dorothy tão furiosa que ela pegou o balde de água que estava a seu lado e despejou em cima da Bruxa, molhando a horrível criatura da cabeça aos pés.

Na mesma hora a malvada deu um grito forte de medo. E então, diante do olhar admirado de Dorothy, a Bruxa começou a encolher e a desaparecer.

– Está vendo o que você fez? – gritou ela. – Daqui a um minuto vou estar toda derretida.

– Me desculpe! – disse Dorothy, que estava realmente assustada de ver a Bruxa se dissolvendo diante dela como se fosse feita de açúcar mascavo.

– Você não sabia que a água acaba comigo? – perguntou a Bruxa, numa voz queixosa e desesperada.

– Claro que não – respondeu Dorothy. – Como eu iria saber?

– Bom, daqui a poucos minutos acabo de derreter e você será a dona do castelo. Eu sempre fui muito má, mas nunca imaginei que uma garotinha como você iria acabar comigo e com as minhas maldades. Pronto: agora eu fui!

Com essas palavras a Bruxa se desfez numa massa marrom, aguada e sem forma, e começou a se espalhar pelas tábuas do piso da cozinha. Vendo que tinha realmente derretido para sempre, Dorothy encheu mais um balde de água, que jogou em cima daquela sujeira. E em seguida varreu tudo para fora da porta. Depois de pegar o Sapato de Prata, tudo que restava da velha bruxa, ela o limpou e secou com um pano e voltou a calçar no pé. Então, finalmente livre para fazer o que quisesse, correu para o pátio e contou ao Leão que a Bruxa Má do Oeste tinha sido destruída, e que não eram mais prisioneiros naquela terra estrangeira.



A salvação

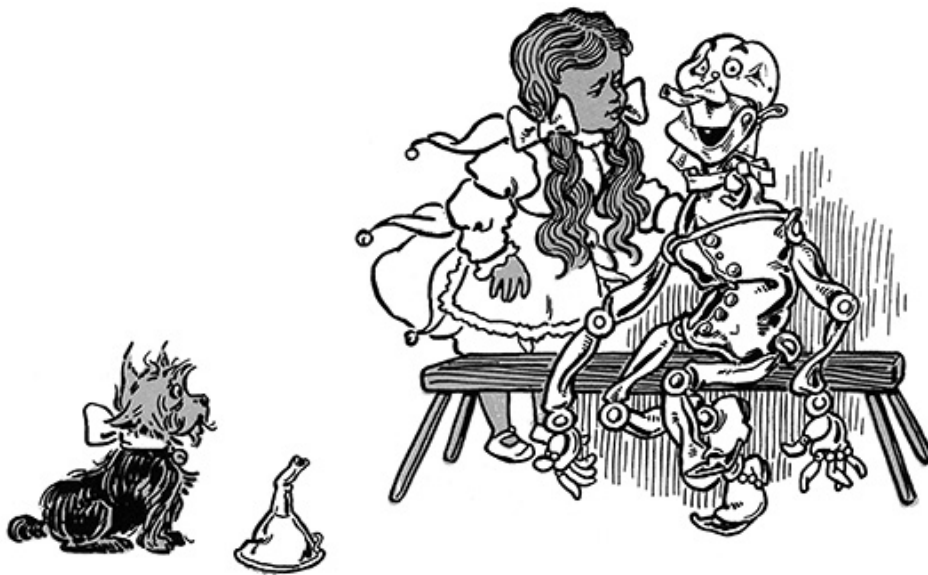
LEÃO COVARDE FICOU MUITO SATISFEITO ao ouvir que a Bruxa Má tinha sido dissolvida por um balde de água, e na mesma hora Dorothy destrancou os portões de sua prisão e libertou o amigo. Entraram juntos no castelo, onde a primeira providência de Dorothy foi reunir todos os Winkies e dizer-lhes que não eram mais escravos.

O regozijo foi grande entre os Winkies, pois fazia anos que vinham trabalhando duro para a Bruxa Má, que sempre tratava todos com grande crueldade. Decidiram que aquele dia seria feriado, dessa vez e em todos os anos seguintes, e passaram o tempo todo comendo e dançando para festejar. E o Leão disse:

– Se os nossos amigos, o Espantalho e o Lenhador de Lata, estivessem aqui, eu estaria muito feliz.

– Você não acha que podemos ir salvar os dois? – perguntou a menina, ansiosa.

– Sempre podemos tentar – respondeu o Leão.



Chamaram os Winkies amarelos e perguntaram se eles ajudariam a salvar seus amigos. Os Winkies responderam que teriam o maior prazer em fazer

tudo que pudessem por Dorothy, que tinha libertado seu povo da escravidão. Então ela escolheu os Winkies que tinham um jeito de ser mais sabidos, e partiu com eles. Viajaram o dia todo e mais parte do dia seguinte antes de chegarem à planície onde o Lenhador de Lata se encontrava, todo amassado e retorcido. Seu machado estava ali perto, mas a lâmina tinha enferrujado e o cabo estava solto.

Os Winkies levantaram o Lenhador nos braços com grande cuidado, para carregá-lo de volta até o castelo. Pelo caminho, Dorothy derramou algumas lágrimas diante do destino do velho amigo, e o Leão tinha um ar tristonho e penalizado. Quando chegaram ao castelo, ela disse aos Winkies:

– Entre vocês existem latoeiros?

– Oh sim, e muitos deles são bons – responderam.

– Então tragam esses homens aqui – disse ela. E quando os latoeiros chegaram, trazendo suas ferramentas em cestas, ela perguntou:

– Vocês conseguem tirar esses amassados do Lenhador de Lata, devolver a forma que ele tinha antes e soldar as partes que estiverem partidas?

Os latoeiros examinaram o Lenhador em detalhe, depois afirmaram acreditar que saberiam consertá-lo com perfeição, a tal ponto que ele voltaria a ser exatamente como era. Começaram então a trabalhar numa das salas amarelas do castelo, e se atarefaram por três dias e quatro noites, martelando, torcendo, vergando, soldando, polindo e desamassando as pernas, o corpo e a cabeça do Lenhador de Lata até ele recuperar a velha forma, com as juntas funcionando tão bem quanto antes. É bem verdade que agora trazia vários remendos, mas os latoeiros fizeram um ótimo trabalho e, como o Lenhador não era nada vaidoso, não se incomodou nem um pouco de ostentar aqueles consertos.

Quando, finalmente, ele entrou no quarto de Dorothy e agradeceu a menina por salvá-lo, ficou tão comovido que chorou lágrimas de alegria, e Dorothy precisou enxugar cada uma delas com o avental para as suas juntas não enferrujarem. Ao mesmo tempo, ela própria chorou muitas lágrimas grossas de felicidade por ter voltado a encontrar o velho amigo, lágrimas que não precisava conter. Quanto ao Leão, enxugou os olhos tantas vezes com a ponta da cauda que ela ficou molhada, e ele se viu obrigado a ir até o pátio para ficar com o rabo estendido ao sol até secar.

– Se pelo menos o Espantalho estivesse de novo com a gente! – disse o Lenhador de Lata quando Dorothy acabou de lhe contar o que tinha acontecido. – Ah, como eu ficaria feliz!

– Precisamos tentar encontrar o nosso amigo – disse a menina.

Chamou novamente os Winkies para ajudar, e caminharam o dia todo e mais parte do dia seguinte até chegarem à árvore alta em cujos galhos de cima os Macacos Alados tinham atirado as roupas do Espantalho.

Era uma árvore imensa, e o tronco era tão liso que ninguém conseguiria subir até a copa; mas o Lenhador disse na mesma hora:

– Vou derrubar a árvore, e então poderemos pegar as roupas do Espantalho.

Pouco antes, enquanto os latoeiros trabalhavam consertando o próprio Lenhador, outro dos Winkies, que era ourives, tinha feito um cabo de ouro puro e encaixado no machado do Lenhador, para substituir o cabo quebrado de madeira. Outros tinham limpado a lâmina até tirar toda a ferrugem, e agora ela brilhava como prata polida.



Assim que acabou de falar, o Lenhador começou a manejar seu machado, e em pouco tempo a árvore desabou com muito barulho. Então as roupas do Espantalho caíram no chão.

Dorothy pegou as roupas e mandou que os Winkies carregassem de volta para o castelo, onde foram recheadas com palha nova e limpa. E pronto! Lá estava o Espantalho, tão bom como antes, agradecendo muitas e muitas vezes por ter sido salvo.

Agora que todos voltaram a estar juntos, Dorothy e seus amigos passaram alguns dias felizes no Castelo Amarelo, onde encontraram tudo de que precisavam para o seu conforto. Mas um dia a menina se lembrou da tia Em, e disse:

- Precisamos voltar até Oz, e cobrar suas promessas.
- Isso mesmo – disse o Lenhador. – Finalmente vou ganhar meu coração.
- E eu vou ganhar o meu cérebro – acrescentou alegre o Espantalho.
- E eu, a minha coragem – disse o Leão, pensativo.
- E eu vou voltar para o Kansas – exclamou Dorothy, batendo palmas. – Ah, vamos amanhã mesmo para a Cidade das Esmeraldas!

E decidiram sair de viagem. No dia seguinte, reuniram os Winkies e fizeram suas despedidas. Os Winkies não queriam que eles fossem embora, e gostavam tanto do Lenhador de Lata que imploraram que ele ficasse lá, governando as terras amarelas do Oeste. Vendo que os amigos estavam mesmo decididos a partir, os Winkies deram uma coleira de ouro ao Leão e outra a Totó; a Dorothy presentearam uma linda pulseira cravejada de diamantes; e ao Espantalho deram uma bengala de ouro, para ele não tropeçar no caminho. Ao Lenhador de Lata, ofereceram uma lata de óleo toda feita de prata, adornada de ouro e cravejada de pedras preciosas.

Em retribuição, cada um dos viajantes disse algumas belas palavras para os Winkies, e trocaram apertos de mão com eles até ficarem com dor no braço.

Dorothy foi até o armário da Bruxa para encher sua cesta de comida para a viagem, e viu o Gorro de Ouro. Experimentou na sua cabeça e descobriu que o gorro era do seu tamanho exato. Não sabia do poder mágico do Gorro de Ouro, mas viu que era bonito, e por isso decidiu que ia usá-lo e deixar a touca que usava para se proteger do sol guardada na cesta.

E então, devidamente preparados para a viagem, partiram de volta para a Cidade das Esmeraldas. Os Winkies gritaram três vivas e lhes desejaram uma ótima viagem.

Os Macacos Alados

VOCÊ LEMBRA QUE NÃO HAVIA ESTRADA, nem mesmo uma trilha, que fosse do castelo da Bruxa Má à Cidade das Esmeraldas. Quando os quatro viajantes saíram à procura da Bruxa, ela tinha visto quando eles se aproximavam e mandado os Macacos Alados trazerem o Leão e Dorothy para o castelo. Pois foi muito mais difícil encontrar o caminho de volta através dos imensos campos de botões-de-ouro e margaridas amarelas do que sendo carregados pelos ares por cima deles. Sabiam, claro, que precisavam seguir para o leste, rumo ao sol nascente; e partiram na direção certa. Mas ao meio-dia, quando o sol estava a pino bem acima das suas cabeças, não sabiam mais de que lado ficava o leste e de que lado era o oeste, e acabaram se perdendo na vastidão daqueles campos. Continuaram andando mesmo assim, e à noite a lua apareceu muito brilhante. Então se deitaram em meio às perfumadas flores amarelas e dormiram profundamente até a manhã seguinte – todos, menos o Espantalho e o Lenhador de Lata.

Na manhã seguinte o sol estava encoberto pelas nuvens, mas ainda assim partiram, como se tivessem certeza do rumo que seguiam. E Dorothy disse:

– Se caminharmos bastante, em algum momento vamos chegar a algum lugar, eu tenho certeza.

Mas um dia passava atrás do outro, e nada aparecia diante deles além dos campos amarelos. E o Espantalho começou a resmungar:

– Acho que nos perdemos – disse ele. – E se não tornarmos a encontrar o caminho, a tempo de chegar na Cidade das Esmeraldas, nunca mais vou ganhar o meu cérebro.

– Nem eu meu coração – declarou o Lenhador de Lata. – Eu mal posso esperar para chegar a Oz, e vocês hão de concordar que essa viagem está durando além da conta.

– Vocês precisam entender – disse o Leão, com um ganido – que eu não tenho coragem para continuar caminhando perdido para todo o sempre, sem nunca chegar a lugar nenhum.

E então Dorothy desanimou. Sentou-se na grama, olhou para os seus companheiros, que também se sentaram e olharam para ela, e Totó descobriu que, pela primeira vez na vida, estava cansado demais para perseguir uma borboleta que passou voando perto da sua cabeça; pôs a língua para fora, ofegante, e olhou para Dorothy como se lhe perguntasse o que fariam em seguida.

– E se nós chamássemos os Ratos do Campo? – sugeriu ela. – Talvez pudessem nos dizer onde fica a Cidade das Esmeraldas.

– Claro que sim! – disse o Espantalho. – Por que não pensamos nisso antes?

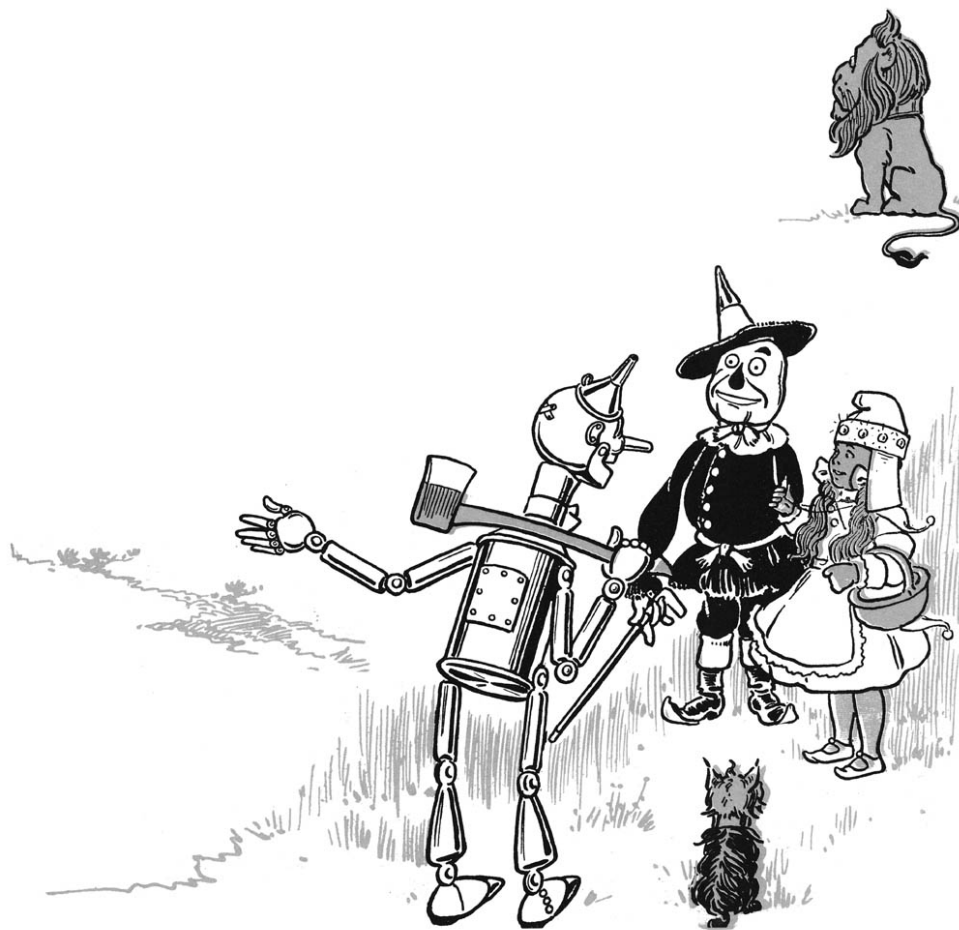
Dorothy soprou o apitinho que a Rainha dos Ratos lhe tinha dado, e que sempre carregava preso ao pescoço. Dali a poucos minutos ouviram o tropel das minúsculas patinhas, e muitos ratos cinzentos apareceram correndo. Entre eles vinha a própria Rainha, que perguntou, em sua vozinha guinchada:

– O que eu posso fazer pelos meus amigos?

– Nós nos perdemos – respondeu Dorothy. – Sabe nos dizer onde fica a Cidade das Esmeraldas?

– Claro – respondeu a Rainha. – Mas é muito longe daqui, porque vocês passaram esse tempo todo andando direto para o outro lado. – Então ela viu o Gorro de Ouro de Dorothy, e perguntou: – Por que você não usa o poder mágico do Gorro e chama os Macacos Alados? Eles podem carregar vocês até a Cidade de Oz em menos de uma hora.

– Eu não sabia disso – respondeu Dorothy, muito surpresa. – Qual é esse poder mágico?



– Está escrito dentro do Gorro de Ouro – respondeu a Rainha dos Ratos. – Mas se você for chamar os Macacos Alados, espere primeiro nós irmos embora, porque eles gostam de fazer maldades e acham muito engraçado nos aborrecer.

– E a mim eles não vão incomodar? – perguntou a menina, ansiosa.

– Ah, não. Eles são obrigados a obedecer quem usa o Gorro de Ouro. Adeus! – e a Rainha dos Ratos desapareceu correndo, com todos os outros ratos atrás dela.

Dorothy olhou na parte de dentro do Gorro de Ouro e viu algumas palavras escritas no forro. Então devia ser aquela a tal mágica, e a menina leu as instruções com todo o cuidado antes de pôr o Gorro de volta na cabeça.

– Ep-pe, pep-pe, kak-ke! – disse ela, equilibrada no pé esquerdo.

– O que você disse? – perguntou o Espantalho, que não sabia o que ela estava fazendo.



– Hil-lo, hol-lo, hel-lo! – continuou Dorothy, dessa vez equilibrada no pé direito.

– Alô! – respondeu calmamente o Lenhador de Lata.

– Ziz-zy, zuz-zy, zik! – disse Dorothy, que agora estava com os dois pés plantados no chão.

Eram as últimas palavras mágicas. Depois delas, ouviram muita algazarra e bater de asas, e o bando dos Macacos Alados apareceu voando. O Rei se curvou diante de Dorothy, e disse:

– Quais são as suas ordens?

– Queremos ir para a Cidade das Esmeraldas – respondeu a menina. – E nos perdemos no caminho.

– Nós carregamos vocês – respondeu o Rei, e assim que acabou de falar dois dos Macacos pegaram Dorothy nos braços e saíram voando com ela. Outros pegaram o Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão; um Macaco Alado menor pegou Totó e, mesmo com o cachorrinho tentando mordê-lo, saiu voando atrás dos outros.

No começo, o Espantalho e o Lenhador de Lata ficaram bastante assustados, pois se lembravam de como tinham sido tratados da outra vez pelos Macacos Alados; mas logo viram que agora eles não queriam seu mal, e fizeram o resto da viagem pelo ar com grande alegria, e se divertiram muito apreciando do alto os belos jardins e florestas.

Dorothy viajava com conforto no meio de dois dos maiores Macacos, um deles o próprio Rei. Tinham feito uma cadeirinha com os braços, e tomavam o maior cuidado para não machucar a menina.

– Por que vocês precisam obedecer ao poder mágico do Gorro de Ouro? – perguntou ela.

– É uma história comprida – respondeu o Rei, rindo. – Mas como temos uma viagem demorada pela frente, posso passar o tempo contando para você, se quiser.

– Escutarei com o máximo prazer – respondeu ela.

– Antigamente nós éramos um povo livre – começou o Rei dos Macacos. – Vivíamos felizes na grande floresta, voando de árvore em árvore, comendo nozes e frutas e fazendo o que nos dava na telha, sem que ninguém nos desse ordens. Pode ser que alguns de nós fizessem um pouco de arte de vez em quando, descendo em terra para puxar a cauda dos animais sem asas, perseguindo passarinhos e jogando nozes nas pessoas que passeavam pela floresta. Mas vivíamos despreocupados, felizes, nos divertindo, e aproveitávamos cada minuto do dia. Isso aconteceu muitos anos atrás, bem antes de Oz descer das nuvens para governar este país.

“Na época, bem ao Norte, vivia uma linda princesa que também era uma feiticeira poderosa. Todo o seu poder mágico era usado para proteger o povo, e nunca se soube que ela tenha feito nenhum mal a qualquer pessoa do bem. Seu nome era Gayelette, e ela vivia num belo palácio construído com imensos blocos de rubi. Todo mundo gostava dela, que vivia triste por nunca ter encontrado ninguém para amar, pois todos os homens eram estúpidos e feios demais para se casar com uma mulher tão linda e ajuizada. Mas acontece que finalmente encontrou um menino bonito, forte, muito sensato para a idade que tinha, e Gayelette resolveu que quando ele se transformasse num homem ia ser o seu marido. Então levou o garoto para o seu palácio de rubi e usou todos os seus poderes mágicos para fazer dele o homem mais forte, bondoso e adorável que qualquer mulher pudesse querer como marido. Quando ficou adulto, dizem que Quelala, como ele se chamava, era o homem mais sábio e bondoso de todo o país, com uma beleza masculina tão grande que Gayelette era apaixonada por ele e se apressou em tomar todas as providências para o casamento.

“Nesse tempo, meu avô era o Rei dos Macacos Voadores que viviam na floresta perto do palácio de Gayelette, e o velho preferia pregar uma boa peça até mesmo a comer um bom jantar. Um dia, pouco antes do casamento, meu avô estava passando com seu bando quando viu Quelala caminhando pela beira do rio. Usava lindas roupas de seda cor-de-rosa e veludo roxo, e meu avô achou que devia mostrar a ele o que era capaz de fazer. Deu a ordem e o bando desceu e agarrou Quelala, carregando o rapaz nos braços até o meio do rio, onde o deixaram cair na água.

“– Agora saia nadando, meu rapaz – gritou o meu avô. – E vamos ver se a água não mancha as suas roupas.

“Quelala era ajuizado e começou a nadar, pois todo o conforto em que vivia não tinha feito dele um preguiçoso. Riu quando voltou à superfície da água, e foi nadando até a margem. Mas quando Gayelette veio correndo, ver o que havia, descobriu que a seda e o veludo de suas roupas tinham sido estragados pelas águas do rio.

“A princesa ficou furiosa, e sabia, claro, quem tinha feito aquilo. Mandou que trouxessem todos os Macacos Alados à sua presença, e primeiro disse que ia mandar amarrarem as suas asas para dar a eles o mesmo tratamento que tinham dado a Quelala, e jogar um de cada vez no rio. Mas meu avô implorou como pôde, pois sabia que os Macacos iriam se afogar no rio com as asas amarradas, e Quelala também saiu em defesa deles, de maneira que Gayelette finalmente resolveu poupar todos, com a condição de que os Macacos Alados, a partir de então, sempre atendessem a três desejos de cada dono do Gorro de Ouro. O Gorro tinha sido criado como um presente de casamento para Quelala, e dizem que custou metade do reino da princesa. Claro que meu avô e os outros Macacos concordaram na mesma hora com a condição, e é por isso que somos três vezes escravos de quem estiver de posse do Gorro de Ouro, seja quem for.”

– E o que aconteceu com eles? – perguntou Dorothy, muito interessada na história.

– Quelala foi o primeiro dono do Gorro de Ouro – respondeu o Macaco. – E foi o primeiro a nos mandar cumprir os seus desejos. Como sua noiva não suportava nos ver, nos chamou na floresta depois de se casar com ela e nos mandou ficarmos sempre num lugar onde ela nunca mais pusesse os olhos num Macaco Alado, o que atendemos com todo o prazer, pois tínhamos medo dela.

“E foi só isso que tivemos de fazer até o Gorro de Ouro cair nas mãos da Bruxa Má do Oeste, que nos obrigou a escravizar os Winkies e, mais tarde, expulsar o próprio Oz do País do Oeste. Mas agora o Gorro de Ouro é seu, e você tem o direito de nos pedir para cumprir três desejos.”

Quando o Rei dos Macacos terminou a história, Dorothy olhou para baixo e viu as muralhas verdes e cintilantes da Cidade das Esmeraldas um pouco mais à frente. Perguntou-se qual seria a velocidade do voo dos Macacos, mas ficou feliz de terem terminado a viagem. As estranhas criaturas pousaram cuidadosamente os viajantes no chão em frente aos portões da

Cidade; o Rei se curvou diante de Dorothy, e depois saiu depressa batendo as asas, seguido pelo seu bando.

– A viagem foi boa – disse a menina.

– Foi, e um fim rápido para os nossos problemas – respondeu o Leão. – Que sorte você ter trazido esse Gorro maravilhoso!

O segredo de Oz e Ferrigel

OS QUATRO VIAJANTES se dirigiram ao portão principal da Cidade das Esmeraldas, e tocaram a sineta. Depois que tocaram várias vezes, o portão foi aberto pelo mesmo Guarda dos Portões que tinham conhecido da outra vez.

– O quê? Vocês estão de volta? – perguntou ele, surpreso.

– E você não está vendo? – respondeu o Espantalho.

– Mas achei que vocês estavam indo para a casa da Bruxa Má do Oeste.

– E fomos até a casa dela – disse o Espantalho.

– E ela deixou vocês saírem? – perguntou o homem, muito admirado.

– Não podia fazer nada, porque estava derretida – explicou o Espantalho.

– Derretida? Ora, esta sem dúvida é uma boa notícia! – disse o Guarda. – E quem derreteu a Bruxa?

– Dorothy – respondeu o Leão, muito sério.

– Minha nossa! – exclamou o Guarda, e fez uma reverência muito profunda diante da menina.

Em seguida levou todos para a sua salinha e cobriu seus olhos com os óculos que depois prendeu com sua chave, exatamente como da outra vez. Então atravessaram o portão e entraram na Cidade das Esmeraldas, e depois que o Guarda do Portão contou que eles tinham derretido a Bruxa Má do Oeste todos se aglomeraram em torno dos viajantes e seguiram o grupo num enorme cortejo até o Palácio de Oz.

O soldado das barbas verdes ainda estava de sentinela diante da porta, mas deixou os amigos entrarem na mesma hora, e mais uma vez eles foram recebidos pela linda moça verde, que imediatamente levou cada um para o mesmo quarto de antes, onde poderiam descansar até o Grande Oz estar pronto para recebê-los.

O soldado levou diretamente para Oz a notícia de que Dorothy e os outros viajantes tinham voltado depois de destruir a Bruxa Má; mas Oz não respondeu. Achavam que o Grande Mágico mandaria chamá-los na mesma hora, mas ele não chamou. Não mandou dizer nada a eles, nem no dia seguinte, nem no outro e nem no outro. A espera era cansativa e

desgastante, e eles acabaram ficando aborrecidos de serem tratados daquela maneira tão desagradável por Oz, que afinal tinha feito todos eles passarem por tantas dificuldades e até pela escravidão. Por fim, então, o Espantalho pediu à moça verde que levasse um recado para Oz, dizendo que se ele não recebesse os amigos imediatamente eles iriam convocar a ajuda dos Macacos Alados, para ver se ele cumpria ou não suas promessas. Quando o Mágico recebeu esse recado, ficou com tanto medo que mandou avisar aos viajantes que eles iriam ser recebidos na Sala do Trono às nove horas e quatro minutos da manhã seguinte. Já tinha enfrentado os Macacos Alados no País do Oeste, e não tinha vontade nenhuma de lutar de novo com eles.



Os quatro viajantes passaram a noite sem dormir, cada um pensando no que Oz lhes tinha prometido. Dorothy só adormeceu bem tarde, e sonhou que estava no Kansas, onde a tia Em lhe dizia como estava feliz por ter de volta a sua garotinha.

Pontualmente às nove da manhã seguinte, o soldado das barbas verdes veio procurar os viajantes, e quatro minutos depois todos entraram na Sala do Trono do Grande Oz.

Claro que cada um deles esperava ver o Mágico na forma que tinha assumido antes, e todos ficaram muito surpresos quando olharam em volta e não viram ninguém no salão. Ficaram perto da porta e bem juntinhos uns

dos outros, porque o silêncio da sala vazia era mais assustador que qualquer das formas que Oz tinha assumido.

Em seguiram ouviram uma Voz que parecia vir de algum ponto perto do alto da grande cúpula do teto, e a voz disse, em tom solene:

– Sou Oz, Grande e Terrível. Por que vocês me procuram?

Olharam por todo o salão, e então, sem ter encontrado ninguém, Dorothy perguntou:

– Onde o senhor está?

– Estou em toda parte – respondeu a Voz. – Mas sou invisível aos olhos dos mortais. Agora vou me instalar no meu trono, para que vocês possam conversar comigo.

E realmente a Voz nesse momento parecia sair do próprio trono; eles se aproximaram dele e ficaram em fila enquanto Dorothy dizia:

– Viemos cobrar sua promessa, ó grande Oz.

– Que promessa? – perguntou Oz.

– O senhor prometeu me mandar de volta para o Kansas depois que a Bruxa Má fosse destruída – disse a menina.

– E prometeu me dar um cérebro – disse o Espantalho.

– E prometeu me dar um coração – disse o Lenhador de Lata.

– E prometeu me dar coragem – disse o Leão Covarde.

– A Bruxa Má foi realmente destruída? – perguntou a Voz, e Dorothy achou que ela estava um pouco trêmula.

– Foi – respondeu a menina. – E derretida por mim, com um balde de água.

– Minha nossa – disse a Voz. – Tão de repente! Bem, venham me procurar amanhã, preciso de tempo para pensar no assunto.

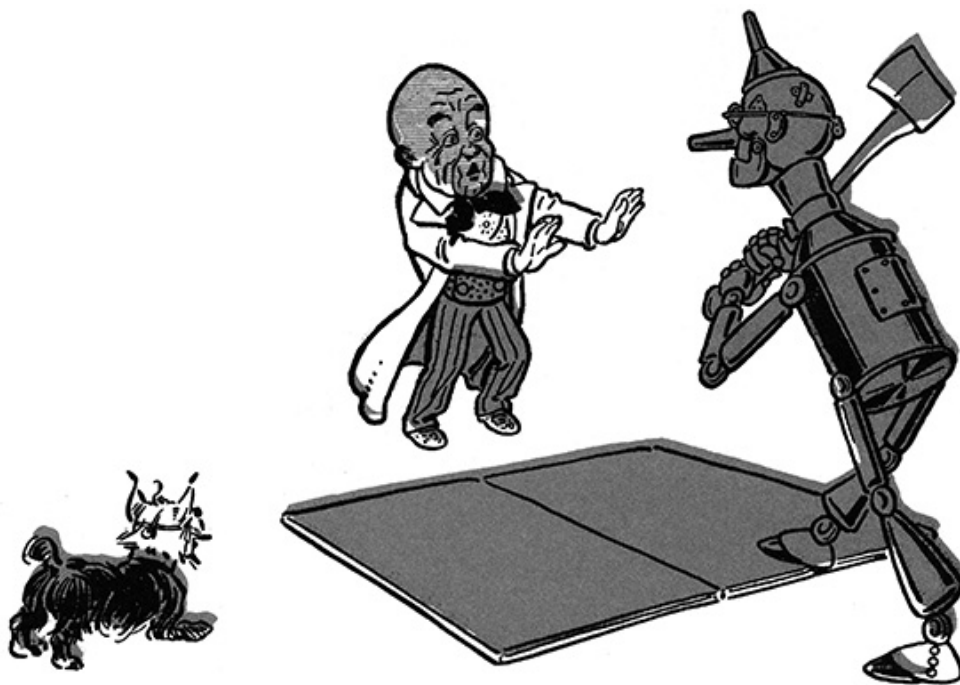
– Pois já teve tempo de sobra – respondeu o Lenhador de Lata, irritado.

– Não vamos esperar nem mais um dia! – disse o Espantalho.

– O senhor precisa cumprir as promessas que nos fez! – exclamou Dorothy.

O Leão achou que podia ser o caso de assustar o Mágico, e então soltou um rugido longo e muito alto, tão feroz e assustador que Totó pulou para longe alarmado e tropeçou no biombo que ficava num dos cantos do salão. Quando o biombo caiu, num estrondo, eles olharam naquela direção e ficaram muito admirados. Porque viram de pé, bem no lugar que o biombo escondia, um velhinho miúdo, careca e com o rosto todo enrugado, que

parecia tão surpreso quanto eles. O Lenhador de Lata, erguendo o machado, correu para o homenzinho, gritando:



– Quem é você?

– Sou Oz, Grande e Terrível – disse o homenzinho com voz trêmula. – Mas não me acerte com esse machado, por favor! Eu faço qualquer coisa que vocês me pedirem.

Nossos amigos olharam para ele, surpresos e admirados.

– Eu achava que Oz era uma Cabeça imensa – disse Dorothy.

– Eu achava que Oz era uma Linda Dama – disse o Espantalho.

– Eu achava que Oz era um Monstro Terrível – disse o Lenhador de Lata.

– Eu achava que Oz era uma Bola de Fogo – exclamou o Leão.

– Não, estão todos errados – disse o homenzinho em tom humilde. – Eu só estava fazendo de conta.

– Fazendo de conta! – exclamou Dorothy. – Você não é um Grande Mágico.

– Fale baixo, querida – disse ele. – Não fale tão alto, ou vão ouvir o que diz; e vai ser a minha ruína. Todo mundo acha que eu sou um Grande Mágico.

– E não é? – perguntou ela.

– Nem um pouco, querida; sou um simples homem comum.

– Mais do que isso – disse o Espantalho, em tom contrariado. – Você é um farsante.

– Exatamente! – declarou o homenzinho, esfregando as mãos como que satisfeito. – Eu sou uma farsa.

– Mas que coisa terrível! – disse o Lenhador de Lata. – E agora, como eu consigo meu coração?

– Ou eu a minha coragem? – perguntou o Leão.

– Ou eu o meu cérebro? – lamentou o Espantalho, enxugando as lágrimas dos olhos com a manga do paletó.

E Oz respondeu:

– Meus caros amigos, não vamos perder tempo falando dessas bobagens. Pensem em mim, nos problemas terríveis que ser descoberto pode criar para mim.

– Ninguém mais sabe que você é um impostor? – perguntou Dorothy.

– Não, só quem sabe são vocês quatro, e eu próprio – respondeu Oz. – Enganei todo mundo por tanto tempo que achei que nunca iriam descobrir a verdade. Foi um grande erro receber vocês na Sala do Trono. Geralmente eu não recebo nem os meus súditos, e assim eles continuam a acreditar que eu sou uma criatura terrível.

– Mas não estou entendendo – disse Dorothy, perplexa. – Como foi que você apareceu para mim como uma Cabeça gigantesca?

– É só um dos meus truques – respondeu Oz. – Venha até aqui, por favor, que eu lhe mostro.

Caminhou até uma pequena câmara no fundo da Sala do Trono, seguido por todos. Apontou para um canto, em que se via a Grande Cabeça, feita de várias camadas de papel e com um rosto cuidadosamente pintado.

– Eu pendurava essa cabeça no teto com um arame – disse Oz. – Ficava por trás do biombo e puxava um fio, que fazia os olhos se moverem e a boca abrir.

– Mas e a voz? – insistiu ela.

– Ah, eu sou ventríloquo – respondeu o homenzinho – e sei projetar o som da minha voz para onde eu quiser. Por isso você achava que ela vinha da Cabeça. E aqui estão outras coisas que usei para enganar vocês.

Mostrou ao Espantalho o vestido e a máscara que tinha usado para fingir que era a Linda Dama; e o Lenhador de Lata viu que o seu Monstro Terrível não passava de um monte de peles costuradas umas nas outras, com uma armação para manter tudo no lugar. Quanto à Bola de Fogo, também era um

acessório, pendurado do teto pelo falso Mágico. Na verdade, a bola era de algodão, mas quando se derramava óleo em cima dela a bola ardia em chamas violentas.

– Francamente! – disse o Espantalho. – Você devia ter vergonha de tanta mentira.

– E eu tenho, tenho de verdade – respondeu o homenzinho em tom muito triste. – Mas era a única coisa que eu podia fazer. Sentem-se, por favor, tenho muitas cadeiras; e vou lhes contar a minha história.

Todos se sentaram e ficaram ouvindo enquanto ele começava a contar:

– Nasci em Omaha...

– Ora, nem fica muito longe do Kansas! – exclamou Dorothy.

– Não, mas fica ainda mais longe daqui – disse ele, sacudindo a cabeça com tristeza. – Quando eu cresci fui ser ventríloquo, muito bem treinado por um grande mestre. Sei imitar qualquer tipo de animal ou ave – e miou tão igual a um gatinho que Totó levantou as orelhas e saiu procurando pelo bichano. E em seguida continuou: – Depois de algum tempo, me cansei desse trabalho, e virei balonista.

– O que é isso? – perguntou Dorothy.

– Um homem que voa de balão nos dias de circo, para atrair muita gente e fazer com que comprem entradas – explicou ele.

– Ah – disse ela. – Já sei.

– Pois bem, um dia levantei voo no meu balão, mas as cordas se emaranharam e não consegui mais descer. O balão subiu mais alto que as nuvens do céu, tão alto que entrou numa corrente de ar que o levou por muitos e muitos quilômetros. Passei um dia e uma noite viajando pelos ares, e na manhã do segundo dia acordei e descobri que o balão flutuava acima de uma terra estranha e muito linda.

“O balão foi descendo aos poucos, e não sofri nenhum ferimento. Mas me encontrava no meio de pessoas desconhecidas que, ao me verem descendo das nuvens, acharam que eu só podia ser um Grande Mágico. Claro que eu deixei que continuassem a acreditar nisso, porque ficaram com medo de mim e prometeram fazer tudo que eu quisesse.

“Só para me divertir, e manter as pessoas ocupadas, mandei que construíssem esta Cidade e o meu palácio; e aceitaram de boa vontade as minhas ordens, que cumpriram com perfeição. E então pensei: como a terra aqui é verde e tão bela, vou lhe dar o nome de Cidade das Esmeraldas, e

para tornar o nome mais adequado obriguei todas as pessoas a usarem óculos verdes, para verem tudo com essa cor.”

– Mas tudo aqui não é verde? – perguntou Dorothy.

– Não mais que em qualquer outra cidade – respondeu Oz. – Só que, usando óculos verdes, claro que você vê tudo verde. A Cidade das Esmeraldas foi construída muitos e muitos anos atrás, pois eu ainda era um jovem quando o balão me trouxe para cá e hoje sou muito velho. Mas meu povo usa óculos verdes há tanto tempo que a maioria deles acredita realmente que a cidade é de esmeraldas, e o lugar é sem dúvida uma beleza, rico em joias e em metais preciosos, e todas as coisas de que uma pessoa precisa para ser feliz. Fui bom para o meu povo, e eles gostam de mim; mas desde que este Palácio foi construído eu me fechei aqui e não aceito receber nenhum dos meus súditos.



“Um dos meus grandes medos era das Bruxas, porque apesar de eu não ter nenhum poder mágico logo descobri que as Bruxas eram realmente capazes de feitiçarias. Havia quatro neste país, governando as pessoas que viviam no Norte e no Sul, no Leste e no Oeste. Felizmente, as Bruxas do Norte e do Sul eram boas, e eu sabia que nunca me fariam nenhum mal. Mas as Bruxas do Leste e do Oeste eram muitíssimo más e, se não achassem que eu era mais poderoso do que elas próprias, acabariam me destruindo sem a menor piedade. E assim eu vivi com grande medo delas por anos e anos, e vocês podem imaginar como fiquei satisfeito quando ouvi dizer que a casa de Dorothy tinha caído em cima da Bruxa Má do Leste. Quando vocês me procuraram, eu estava disposto a prometer qualquer coisa para me livrar da outra Bruxa; mas agora que ela derreteu, com muita vergonha, devo confessar que não tenho meios de cumprir minhas promessas.”

– Acho que você é uma pessoa horrível – disse Dorothy.

– Ah, não, minha querida. Na verdade sou um homem muito bom, mas admito que sou um péssimo Mágico.

– E não vai me dar meu cérebro? – perguntou o Espantalho.

– Você não precisa. A cada dia você aprende uma coisa nova. Um bebê tem cérebro mas não sabe muita coisa. A experiência é a única coisa que

traz o conhecimento, e quanto mais tempo você passa na terra, mais experiência você acumula.

E o Espantalho respondeu:

– Pode ser verdade, mas vou ficar muito infeliz se você não puder me dar um cérebro.

O falso Mágico olhou para ele com todo o cuidado, e disse, com um suspiro:

– Bem, não sou grande coisa como Mágico, como já disse. Mas se você voltar amanhã de manhã eu recheio a sua cabeça com miolos. Só não posso dizer como você vai usar o seu novo cérebro: você vai ter de descobrir por sua conta.

– Ah, obrigado, obrigado! – exclamou o Espantalho. – Vou encontrar a maneira certa de usar meu cérebro, não se preocupe.

– E a minha coragem? – perguntou o Leão, ansioso.

– Eu sei que você tem muita coragem – respondeu Oz. – Só precisa é de confiança em si mesmo. Não existe criatura viva que não sinta medo quando se vê diante do perigo. A verdadeira coragem consiste em enfrentar o perigo mesmo com medo, e esse tipo de coragem você tem de sobra.

– Pode ser, mas ainda assim morro de medo – disse o Leão. – E vou ficar muito infeliz se você não me der o tipo de coragem que faz a pessoa esquecer que está com medo.

– Muito bem. Então lhe darei esse tipo de coragem amanhã – respondeu Oz.

– E o meu coração? – perguntou o Lenhador de Lata.

Oz respondeu:

– Ora, acho um engano você querer um coração. Ele só traz infelicidade para a maioria das pessoas. Se você soubesse como tem sorte por não possuir um coração...

– Deve ser questão de opinião – disse o Lenhador de Lata. – Por mim, eu aceitaria suportar toda essa infelicidade sem dar um pio, se você me desse um coração.

– Pois muito bem – respondeu Oz em tom humilde. – Volte a me procurar amanhã que eu lhe dou um coração. Faço o papel de Mágico há tantos anos que posso continuar a representar mais um pouco.

– E eu? – perguntou Dorothy. – Como consigo voltar para o Kansas?

– Sobre isso vamos ter de pensar – respondeu o homenzinho. – Se você me der dois ou três dias para refletir, vou tentar encontrar um meio de levá-

la até o outro lado do deserto. Enquanto isso, vocês continuarão a ser tratados como meus hóspedes, e enquanto morarem no Palácio serão atendidos pelo meu pessoal, que irá satisfazer os seus mínimos desejos. Só peço uma coisa em troca da minha ajuda, por menor que ela seja: vocês precisam guardar o meu segredo, e não contar a ninguém que é tudo uma farsa.

Concordaram que não contariam nada do que tinham descoberto, e voltaram para os seus quartos bastante animados. Mesmo Dorothy tinha a esperança de que “O Grande e Terrível Impostor”, como passou a chamar Oz, encontrasse algum modo de mandá-la de volta para o Kansas; se ele conseguisse, a menina estava mais que disposta a perdoar-lhe tudo.

Os poderes mágicos do Grande Impostor

NA MANHÃ SEGUINTE, o Espantalho disse aos amigos:

– Podem me dar os parabéns. Vou ver Oz e finalmente ganhar o meu cérebro. Quando voltar, vou ser igual aos outros homens.

– Eu sempre gostei de você do jeito que era mesmo – disse Dorothy, simplesmente.

– Muita bondade sua, gostar de um Espantalho – respondeu ele. – Mas você há de pensar mais em mim depois que ouvir as ótimas ideias que vão aparecer no meu cérebro novo – em seguida, despediu-se de todos com voz animada e foi até a Sala do Trono, onde bateu baixinho na porta.

– Pode entrar – respondeu Oz.

O Espantalho entrou e encontrou o homenzinho sentado junto à janela, mergulhado em seus pensamentos.

– Eu vim pelo meu cérebro – disse o Espantalho, um pouco encabulado.

– Ah, sim; sente-se nessa cadeira, por favor – respondeu Oz. – Desculpe eu ter de tirar a sua cabeça, mas preciso disso para poder pôr o seu cérebro no lugar certo.

– Nenhum problema – disse o Espantalho. – Pode tirar minha cabeça o quanto quiser, contanto que me devolva melhor do que antes.

Então o Mágico tirou a cabeça do Espantalho e puxou para fora toda a palha do recheio. Depois disso, entrou na salinha dos fundos e pegou uma boa quantidade de farelo de trigo, que misturou com vários alfinetes e agulhas. Depois de sacudir bem a mistura, encheu o alto da cabeça do Espantalho com ela e preencheu o espaço restante com palha, para manter a mistura no lugar. Depois de tornar a prender a cabeça do Espantalho no corpo, o Mágico lhe disse:

– A partir de agora você vai ser um grande homem, porque eu lhe dei um cérebro novinho em folha.

O Espantalho ficou satisfeito e orgulhoso com a realização do seu maior desejo e, agradecendo muito a Oz, saiu ao encontro dos seus amigos.

Dorothy olhou para ele, curiosa. O alto da sua cabeça estava inchado com o cérebro novo.

– Como você está se sentindo? – perguntou ela.

– Bastante inteligente – respondeu ele animado. – Depois que eu me acostumar com o meu cérebro vou saber tudo.

– E por que essas agulhas e alfinetes brotando da sua cabeça? – perguntou o Lenhador de Lata.

– São a prova de que ele tem um raciocínio agudo – observou o Leão.

– Bom, vou falar com Oz para receber o meu coração – disse o Lenhador de Lata. Foi até a Sala do Trono e bateu na porta.

– Pode entrar – disse Oz.

O Lenhador entrou e disse:

– Vim receber o meu coração.

– Muito bem – respondeu o homenzinho. – Mas vou precisar abrir um buraco no seu peito, para colocar o coração no lugar certo. Espero que você não sinta dor.

– Ah, não – respondeu o Lenhador de Lata. – Eu não sinto nada.

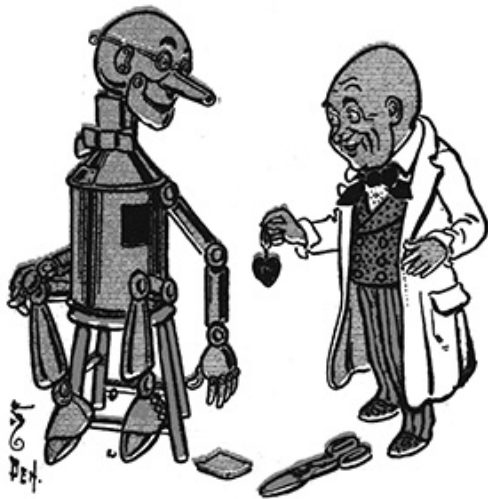
Então Oz pegou um par de tesouras de latoeiro e cortou um buraco quadrado do lado esquerdo do peito do Lenhador de Lata. Em seguida, dirigiu-se a uma cômoda e lá pegou um lindo coração, feito de seda pura e recheado de serragem.

– Não é uma beleza? – perguntou ele.

– É sim! – respondeu o Lenhador de Lata, muito satisfeito. – Mas é um coração bondoso?

– Ah, muito! – respondeu Oz. Acomodou o coração no peito do Lenhador de Lata e depois fechou o seu peito com o quadrado de lata, que soldou de volta no lugar de onde foi cortado.

– Pronto – disse ele. – Agora você tem um coração que deixaria qualquer homem muito orgulhoso. Desculpe ter precisado fazer um remendo, mas não havia outro jeito.



- Nem se preocupe com o remendo – exclamou feliz o Lenhador de Lata.
 - Fico muito agradecido, e nunca me esquecerei da sua bondade.
 - Nem precisa dizer nada – respondeu Oz.
- Então o Lenhador de Lata voltou para perto dos seus amigos, que lhe desejaram toda a felicidade do mundo a partir daquele grande presente.
- Agora foi o Leão que tomou o caminho da Sala do Trono e bateu na porta.
- Pode entrar – disse Oz.
 - Eu vim receber a minha coragem – anunciou o Leão, entrando na sala.
 - Muito bem – respondeu o homenzinho. – Vou pegar para você.
- Foi até um armário e, estendendo a mão para uma prateleira alta, pegou um frasco verde quadrado, derramando o seu conteúdo num prato verde com frisos de ouro, lindamente lavrado. Pondo o prato diante do Leão Covarde, que cheirou o líquido com ar de quem não tinha gostado, o Mágico disse:
- Beba.
 - O que é? – perguntou o Leão.

E Oz respondeu:

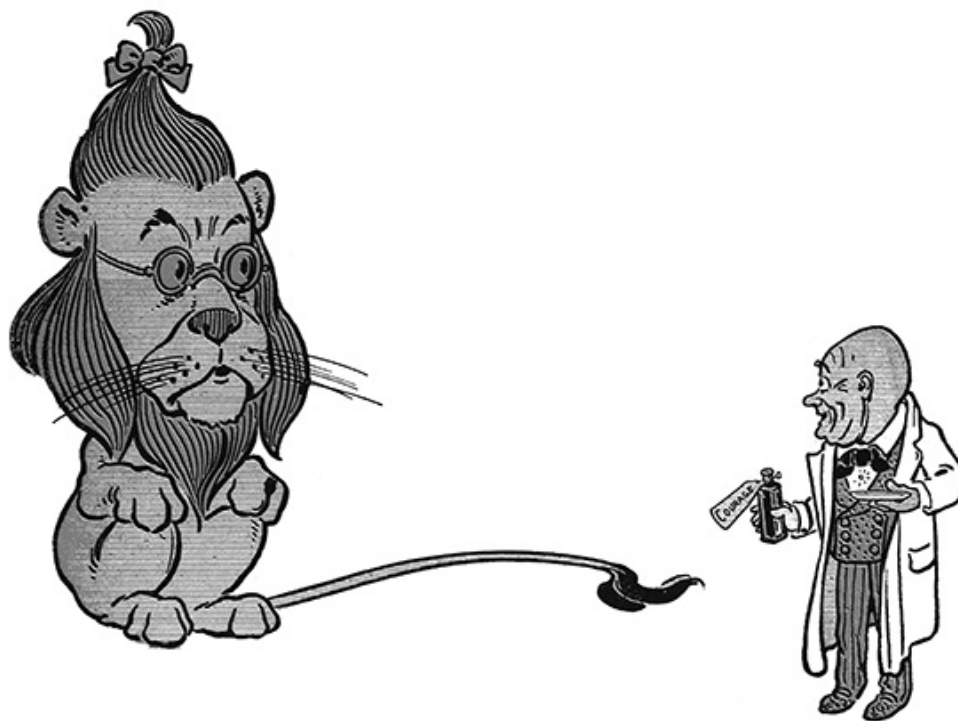
– Bem, se estivesse dentro de você seria a sua coragem. Você sabe, é claro, que a coragem está sempre dentro das pessoas, e então isto só pode ser chamado de coragem depois que você engolir. E por isso deve tomar tudo o quanto antes.

O Leão não hesitou mais, e bebeu até esvaziar o prato.

– Como está se sentindo agora? – perguntou Oz.

– Cheio de coragem – respondeu o Leão, que retornou muito alegre para junto dos seus amigos e lhes contou a feliz novidade.

Oz, sozinho, sorriu ao lembrar do seu sucesso em dar ao Espantalho, ao Lenhador de Lata e ao Leão exatamente o que eles achavam que queriam.



– Como é que eu poderia deixar de ser um farsante? – pensou ele. – Essas pessoas me pedem coisas que todo mundo sabe que são impossíveis. Foi fácil satisfazer o Espantalho, o Leão e o Lenhador de Lata, porque eles imaginam que eu posso fazer qualquer coisa. Mas preciso de mais que a imaginação para levar Dorothy de volta ao Kansas, e não sei mesmo como isso poderia ser feito.

Como o Leão leva Dorothy

DOROTHY PASSOU MAIS TRÊS DIAS sem notícias de Oz. Foram dias tristes para a menina, mesmo na companhia dos seus amigos tão felizes e satisfeitos. O Espantalho falava dos lindos pensamentos que andavam pela sua cabeça; mas não contava quais eram, porque sabia que ninguém mais poderia entendê-los. Quando o Lenhador de Lata caminhava de um lado para o outro, sentia seu coração se chocando contra o peito; e dizia a Dorothy que tinha descoberto que era um coração ainda mais bondoso e carinhoso do que o antigo, de quando era feito de carne. O Leão declarava que não tinha medo de nada no mundo, e que se disporia a enfrentar todo um exército de homens ou uma dúzia dos terríveis e ferozes Kalidahs.

Assim, todos os membros do grupo estavam satisfeitos, menos Dorothy, que mais do que nunca ansiava em voltar para o Kansas.

No quarto dia, para sua grande alegria, Oz mandou chamá-la e, quando ela entrou na Sala do Trono, disse, em tom satisfeito:

– Sente-se, minha querida; acho que encontrei a maneira de levar você embora deste lugar.

– De volta para o Kansas? – perguntou ela, ansiosa.

– Bem, quanto ao Kansas não tenho certeza – disse Oz. – Não tenho a menor ideia de onde fica. Mas a primeira coisa a fazer é atravessar o deserto, e depois deve ser fácil encontrar o caminho de casa.

– Mas como eu vou atravessar o deserto? – perguntou ela.

– Bem, vou lhe contar o que planejei – disse o homenzinho. – Quando cheguei a este país, foi num balão. E você também chegou pelo ar, carregada por um ciclone. Então acho que a melhor maneira de cruzar o deserto será pelo ar. Está muito além dos meus poderes criar um ciclone; mas andei pensando muito, e acho que consigo fabricar um balão.

– Como? – perguntou Dorothy.

– Um balão – respondeu Oz – é feito de seda, coberta de cola para não deixar o gás escapar. Tenho muita seda no Palácio, de modo que não vai ser





difícil fabricar o balão. Mas em nenhum lugar desse país existe gás para encher o balão e fazê-lo subir nos ares.

– Se não tem como subir – observou Dorothy – não vai nos servir de nada.

– Verdade – respondeu Oz. – Mas existe outra maneira de fazer o balão levantar voo: enchê-lo de ar quente. O ar quente não é tão bom quanto o gás, porque se o ar esfriar o balão começa a descer no deserto, e aí nós estamos perdidos.

– Nós? – perguntou a menina. – Você vai comigo?

– Ora, claro que sim – respondeu Oz. – Já cansei de tanta mentira. Se eu deixar este Palácio, meu povo logo vai descobrir que eu não sou Mágico coisa nenhuma, e então vão ficar aborrecidos comigo por ter enganado todos eles. Então preciso fazer todos passarem o dia inteiro trancados em casa, o que acaba sendo muito cansativo. Prefiro voltar para o Kansas com você, e trabalhar de novo num circo.

– Pois eu vou ficar feliz com a sua companhia – disse Dorothy.

– Obrigado – respondeu ele. – Agora, se você quiser me ajudar a costurar a seda, podemos começar a trabalhar no nosso balão.

Então Dorothy pegou agulha e linha e, tão depressa quanto Oz cortava as tiras de seda na forma certa, ia costurando umas nas outras. A primeira faixa era de seda verde-clara, a segunda verde-escura e depois uma faixa verde-esmeralda, pois Oz tinha resolvido fazer o balão em vários tons da cor que dominava à volta deles. Levaram três dias para costurar todas as tiras, mas quando terminaram tinham um bojo imenso de seda verde, com mais de cinco metros de altura.

Em seguida, Oz cobriu a parte de dentro da seda com uma camada fina de cola, para não deixar o ar vazar para fora, depois do que anunciou que o balão estava pronto.

– Mas precisamos fazer uma cesta para nós – disse ele. Então mandou o soldado de barbas verdes ir buscar uma cesta grande de roupas, que amarrou com muitas cordas à parte de baixo do balão.

Quando tudo ficou pronto, Oz avisou a seu povo que ia fazer uma visita a um grande irmão Mágico que morava acima das nuvens. A notícia se espalhou depressa pela cidade, e todos vieram contemplar aquela magnífica visão.

Oz mandou que o balão fosse carregado para a frente do Palácio, e todos ficaram olhando para ele com muita curiosidade. O Lenhador de Lata tinha cortado uma grande pilha de lenha, com a qual fez uma fogueira, e Oz manteve a boca do balão na direção do fogo, para que o ar quente que subia das chamas fosse todo para dentro do invólucro de seda. Aos poucos o balão foi se enchendo e se erguendo no ar, até finalmente sua cesta mal encostar no solo.

Então Oz entrou na cesta e disse a todos em voz bem alta:

– Agora vou sair de viagem para fazer uma visita. Na minha ausência, o Espantalho é quem vai governar o país. Vocês devem obedecer às ordens dele como se fossem minhas.



A essa altura, o balão puxava com força a corda que o segurava no chão, pois o ar dentro dele estava bem quente, e isso deixava seu peso tão menor que o do ar do lado de fora que o balão forcejava para sair voando pelos céus.

– Vamos, Dorothy! – exclamou o Mágico. – Depressa, ou o balão vai voar para longe.

– Não estou achando Totó em lugar nenhum – respondeu Dorothy, que não queria deixar seu cãozinho para trás. Totó tinha corrido para o meio da multidão atrás de um gato, e Dorothy finalmente encontrou o cachorrinho. Pegou-o nos braços e correu de volta para o balão.

Estava a poucos passos, e Oz estendeu os braços para ajudá-la a subir na cesta, quando – crraac! – as cordas se romperam e o balão saiu voando pelos ares sem ela.

– Volte! – gritou ela. – Eu também quero ir!

– Não tenho como voltar, querida – gritou Oz da cesta. – Adeus!

– Adeus! – gritaram os presentes, e os olhos de todos se ergueram para onde o Mágico levantava voo a bordo da cesta, cada vez mais alto nos céus.

E foi a última vez que alguma pessoa viu Oz, o Mágico Maravilhoso – mesmo que, pelo que sabemos, ele possa ter chegado em segurança a Omaha, onde estará neste exato momento. Mas todos lembravam dele com carinho, e diziam uns aos outros:

– Oz foi sempre nosso amigo. Quando esteve aqui, construiu para nós essa magnífica Cidade das Esmeraldas, e agora que se foi deixou o Espantalho Sábio para nos governar.

Ainda assim, passaram vários dias tristes com a partida do Grande Mágico, e nada lhes trazia consolo.

Rumo a Oz

*D*OROTHY CHOROU AMARGAMENTE com o fim da sua esperança de voltar para o Kansas; mas, sempre que pensava melhor, achava bom não ter saído voando num balão. Ficou triste também por ter perdido Oz, assim como os seus companheiros.

O Lenhador de Lata se aproximou dela e disse:

– Na verdade, seria uma ingratidão eu não ficar triste de me despedir do homem que me deu meu adorável coração. Vou chorar um pouco a partida de Oz, se você tiver a bondade de enxugar as minhas lágrimas, para eu não enferrujar.

– Com todo o prazer – disse ela, e na mesma hora pegou uma toalha. Então o Lenhador de Lata passou vários minutos chorando, enquanto ela acompanhava com todo cuidado as suas lágrimas, que enxugava uma a uma com a toalha. Depois que ele terminou, agradeceu muito a Dorothy e se lubrificou inteiro com sua lata de óleo cravejada de pedras preciosas, para prevenir qualquer acidente.

O Espantalho era agora quem governava a Cidade das Esmeraldas e, embora não fosse mágico nem feiticeiro, o povo sentia orgulho dele, dizendo:

– Nenhuma outra cidade do mundo é governada por um homem recheado de palha.

Até onde qualquer um sabia, estavam certos.

Na manhã seguinte à partida do balão com Oz a bordo, os quatro viajantes se encontraram na Sala do Trono para discutir a situação. O Espantalho sentou-se no grande trono e os outros, respeitosamente, ficaram em pé à sua frente.

– Até que nos demos bem – disse o novo governante. – Este Palácio e a Cidade das Esmeraldas nos pertencem, e podemos fazer o que quisermos. Quando penso que pouco tempo atrás eu estava pendurado num poste, no milharal de um fazendeiro, e que agora estou governando esta linda Cidade, fico muito satisfeito com a minha sorte.

– Eu também – disse o Lenhador de Lata – estou bem contente com meu coração novo; e, na verdade, era só isso que eu desejava no mundo.

– Pelo meu lado, fico satisfeito de saber que sou tão corajoso quanto qualquer animal que já existiu, ou até mais – disse o Leão, com modéstia.

E o Espantalho completou:

– Se Dorothy ficasse feliz de viver na Cidade das Esmeraldas, todos poderíamos estar contentes juntos.

– Mas eu não quero viver aqui – exclamou Dorothy. – Quero ir para o Kansas, e morar com a tia Em e o tio Henry.

– E então, o que podemos fazer? – perguntou o Lenhador.

O Espantalho decidiu que iria pensar, e pensou com tanta determinação que os alfinetes e as agulhas começaram a apontar para fora do seu cérebro. E, finalmente, ele disse:

– Por que não chamar os Macacos Alados, e pedir que eles carreguem você até o outro lado do deserto?

– Nunca tinha pensado nisso! – disse Dorothy, muito satisfeita. – É a ideia perfeita. Vou agora mesmo buscar o Gorro de Ouro.

Quando chegou com o Gorro à Sala do Trono, disse as palavras mágicas e dali a pouco o bando dos Macacos Alados entrou voando por uma janela aberta e se postou à frente dela.

– É a segunda vez que você nos chama – disse o Rei dos Macacos, curvando-se diante da menina. – Qual é o seu desejo?

– Quero que vocês me levem voando para o Kansas – respondeu Dorothy.

Mas o Rei dos Macacos abanou a cabeça.

– Não temos como obedecer – disse ele. – Vivemos só nestas terras, e não podemos sair daqui. Nunca apareceu um Macaco Alado no Kansas, e imagino que nunca vá aparecer, porque não é o lugar deles. Teremos o maior prazer em atender a seus desejos quando estiverem ao nosso alcance, mas não temos como atravessar o deserto. Adeus.



E com mais uma reverência o Macaco Alado abriu suas asas e saiu voando pela janela, seguido pelo seu bando.

Dorothy quase começou a chorar de decepção.

– Gastei os poderes do Gorro de Ouro para nada – disse ela. – Os Macacos Alados não podem me ajudar.

– É uma pena mesmo! – disse o Lenhador de coração mole.

O Espantalho estava pensando de novo, e sua cabeça foi inchando de maneira tão horrível que Dorothy ficou com medo que explodisse.

– Vamos chamar o soldado das barbas verdes – disse ele – e perguntar o que ele acha.

Então chamaram o soldado e ele entrou timidamente na Sala do Trono, pois enquanto Oz estava vivo nunca tinha permissão de passar da porta.

– Esta menina – disse o Espantalho ao soldado – precisa atravessar o deserto. Como ela pode fazer?

– Não sei dizer – respondeu o soldado. – Ninguém nunca cruzou o deserto, além do próprio Oz.

– Ninguém pode me ajudar? – perguntou Dorothy, ansiosa.

– Glinda, talvez – sugeriu o soldado.

– Quem é Glinda? – perguntou o Espantalho.

– A Bruxa do Sul. É a mais poderosa das Bruxas e governa os Quadlings. Além disso, o seu castelo fica à beira do deserto, então pode ser que ela conheça um caminho para o outro lado.

– Glinda é uma bruxa boa, não é? – perguntou a menina.

– Os Quadlings dizem que sim – respondeu o soldado. – E ela trata todo mundo bem. Ouvi dizer que é uma linda mulher, que sabe a maneira de continuar jovem apesar dos muitos anos que já viveu.

– E como eu chego ao castelo onde ela mora? – perguntou Dorothy.

– A estrada segue direto para o sul – respondeu o soldado. – Dizem que tem muitos perigos para os viajantes. As florestas têm feras selvagens, e uma raça de homens esquisitos que não gostam que estrangeiros passem pelas suas terras. Por isso, nenhum Quadling nunca veio até a Cidade das Esmeraldas.

O soldado se afastou, e o Espantalho disse:

– Parece que, mesmo com todos os perigos, a melhor coisa que Dorothy tem a fazer é viajar para o País do Sul e pedir a ajuda de Glinda. Porque, é claro, se Dorothy ficar aqui, nunca vai conseguir voltar para o Kansas.



– Você deve ter andado pensando de novo – observou o Lenhador de Lata.

– Foi – respondeu o Espantalho.

– Eu vou com Dorothy – declarou o Leão. – Estou cansado da sua cidade, com saudade das matas e dos campos. Você sabe que na verdade sou um animal selvagem. Além disso, Dorothy precisa de proteção.

– É verdade – concordou o Lenhador de Lata. – Meu machado pode ser útil para ela. Por isso, também irei com ela para a Terra do Sul.

– E quando partimos? – perguntou o Espantalho.

– E você vem também? – perguntaram todos, admirados.

– Claro. Se não fosse por Dorothy, eu nunca teria um cérebro. Ela me tirou do poste no milharal e me trouxe até a Cidade das Esmeraldas. Tudo que consegui eu devo a ela, e nunca sairei do lado dela até ela conseguir voltar para o Kansas de uma vez por todas.

– Obrigada – agradeceu Dorothy. – É muita bondade de vocês. Mas eu queria partir o mais depressa possível.

– Saímos amanhã de manhã – respondeu o Espantalho. – Então agora vamos nos preparar, porque vai ser uma longa viagem.



Ata ca dos pela s árvores que luto m

NA MANHÃ SEGUINTE, Dorothy deu um beijo de despedida na linda moça verde, e todos trocaram apertos de mão com o soldado das barbas verdes, que caminhou com eles até o portão. Quando o Guarda dos Portões viu novamente o grupo, pensou que podiam estar deixando sua linda cidade para se meterem em novas encencas. Mas na mesma hora destrancou os óculos de todos, que tornou a guardar na caixa verde, e desejou a todos uma ótima viagem.

– Você é quem nos governa agora – disse ao Espantalho. – Por isso, precisa voltar para nós o mais cedo possível.

– Volto mesmo, assim que puder – respondeu o Espantalho. – Mas primeiro preciso ajudar Dorothy a voltar para casa.

E quando se despediu do bom Guarda dos Portões, Dorothy lhe disse:

– Fui muito bem tratada na sua linda cidade, e todos foram muito bondosos comigo. Nem sei lhe dizer o quanto eu sou agradecida.

– Nem precisa, querida – respondeu ele. – Preferíamos que você ficasse conosco, mas se o que você quer é voltar para o Kansas, espero que encontre o jeito de fazer a viagem.

Em seguida, abriu a porta da muralha exterior e os amigos começaram sua nova travessia.

O sol brilhava com força quando os quatro viraram o rosto na direção do País do Sul. Estavam todos animados, rindo e conversando muito. Dorothy sentia de novo a esperança de ir para casa, e o Espantalho e o Lenhador de Lata estavam contentes por poder ajudá-la. Quanto ao Leão, encantado, farejou o ar fresco e abanou a cauda de um lado para o outro, de tão alegre por se encontrar novamente em campo aberto, enquanto Totó corria dando voltas em torno deles atrás das borboletas e das mariposas, latindo alegremente o tempo todo.

– A vida na cidade não combina comigo – observou o Leão, enquanto avançavam a passos rápidos. – Emagreci depois de ter ido morar lá, e agora mal posso esperar uma oportunidade de mostrar aos outros animais como eu me tornei um bicho corajoso.

Viraram-se e olharam pela última vez para a Cidade das Esmeraldas. Só viam um aglomerado de torres e campanários do outro lado das muralhas verdes e, bem mais altas do que eles, as agulhas e a cúpula do Palácio de Oz.

– Oz nem era um Mágico tão ruim, no fim das contas – disse o Lenhador de Lata, sentindo seu coração chacoalhar dentro do peito.

– Ele conseguiu me dar um cérebro, e ainda por cima um cérebro muito aguçado – disse o Espantalho.

– Se Oz tivesse tomado uma dose da mesma coragem que me deu, viraria um homem sem medo – completou o Leão.

Dorothy não dizia nada. Oz não tinha cumprido a promessa feita a ela, mas bem que tinha tentado, e por isso ela perdoava o Mágico. Como ele disse, era um bom homem, apesar de mau mágico.

No primeiro dia de viagem, atravessaram os campos verdes e de flores coloridas que se estendiam em todas as direções em torno da Cidade das Esmeraldas. Dormiram essa noite na relva, cobertos apenas pelas estrelas, e descansaram muito bem.

Ao amanhecer, seguiram viagem até chegar a uma floresta muito cerrada. Não havia maneira de contornar aquelas matas, que pareciam se estender para a direita e para a esquerda até onde a vista alcançava. Além disso, eles não se atreviam a mudar de direção, por medo de se perderem. Por isso, procuraram o lugar por onde seria mais fácil atravessar a floresta.

O Espantalho, que caminhava à frente do grupo, descobriu finalmente uma árvore imensa com galhos tão espalhados que deixava lugar para o grupo passar por baixo. Caminhou na direção da árvore, mas no instante em que chegou debaixo dos primeiros galhos eles abaixaram e se enrolaram em volta dele. No momento seguinte, foi levantado do chão e atirado de cabeça no meio dos seus companheiros de viagem.

O Espantalho não se machucou, mas ficou muito surpreso, e parecia tonto quando Dorothy o ajudou a se levantar.

– Ali estou vendo outro espaço entre as árvores – disse o Leão.

– Deixem eu tentar primeiro – disse o Espantalho. – Não me machuco se for jogado longe.

Caminhou na direção de outra árvore enquanto falava, mas os ramos desta também o agarraram e o jogaram novamente de volta.

– Que coisa estranha! – exclamou Dorothy. – O que vamos fazer?

– Parece que as árvores resolveram lutar conosco e interromper a nossa viagem – disse o Leão.

– Acho que é a minha vez de tentar – disse o Lenhador de Lata, e, pondo o machado no ombro, caminhou na direção da primeira árvore que tinha tratado o Espantalho de maneira tão bruta. Quando um galho grande se moveu para se enrolar em volta dele, o Lenhador de Lata deu uma machadada tão forte que cortou o galho ao meio. Na mesma hora a árvore começou a sacudir todos os ramos, como se estivesse sentindo dor, e o Lenhador de Lata passou em segurança por baixo dela.



– Venham! – gritou ele para os outros. – Depressa!

Todos saíram correndo e passaram por baixo da árvore sem sofrer nada, menos Totó, que foi agarrado por um ramo fino e sacudido até começar a uivar. Mas o Lenhador cortou o ramo com seu machado e libertou o cachorrinho.

As outras árvores da floresta nem tentaram impedir o avanço deles. Então concluíram que só a primeira fila de árvores conseguia curvar os seus

galhos, e que eram como as sentinelas da floresta, usando o seu poder mágico para impedir a entrada de desconhecidos.

Os quatro viajantes caminharam com facilidade pelo meio das árvores até chegar à outra margem da floresta. E então, muito surpresos, viram à frente deles uma muralha alta que parecia feita de porcelana branca. Era lisa, como a superfície de um prato, e mais alta que as suas cabeças.

– O que fazemos agora? – perguntou Dorothy.

E o Lenhador de Lata respondeu:

– Vou construir uma escada, porque certamente vamos precisar passar por cima do muro.

O delicia do País de Louca

ENQUANTO O LENHADOR DE LATA fabricava uma escada com madeira que buscava na floresta, Dorothy se deitou e dormiu, pois estava cansada de andar tanto. O Leão também se enrodilhou para dormir, e Totó se deitou ao lado dele.

O Espantalho ficou vendo o Lenhador de Lata trabalhar, e disse a ele:

– Não posso imaginar por que esse muro está aqui, nem do que ele é feito.

– Deixe o seu cérebro descansar e nem se preocupe com o muro – respondeu o Lenhador de Lata. – Depois que passarmos por cima dele, vamos saber o que há do outro lado.

Dali a pouco a escada ficou pronta. Tinha um jeito tosco, mas o Lenhador de Lata garantiu que era forte e iria cumprir seu objetivo. O Espantalho despertou Dorothy, o Leão e Totó, e disse a eles que a escada estava pronta. O Espantalho foi o primeiro a subir, mas era tão desajeitado que Dorothy precisava seguir bem atrás para não deixar que ele caísse. Quando sua cabeça passou por cima do muro, o Espantalho disse:

– Minha nossa!

– Ande logo! – disse Dorothy.

O Espantalho subiu mais e se sentou no alto do muro, e Dorothy levantou a cabeça e exclamou:

– Minha nossa! – exatamente igual ao Espantalho.

Então Totó subiu e começou imediatamente a latir, mas Dorothy mandou que ficasse quieto.

O Leão foi o próximo a subir a ladeira, e o Lenhador de Lata veio por último. Mas todos os dois gritaram “Minha nossa!” assim que conseguiram olhar por cima do muro. Quando todos estavam sentados em fila no alto do muro, olharam para baixo e viram uma cena muito estranha.

À frente deles se estendia uma vasta região em que o solo era liso, reluzente e branco como o fundo de uma travessa de louça. Espalhadas por ele, havia muitas casas, todas feitas de porcelana e pintadas das cores mais vivas. As casas eram todas bem pequenas, e a maior delas mal chegava à cintura de Dorothy. Ao lado, havia pequenos celeiros rodeados por cercas

de louça, reunindo grupos de vacas, carneiros, cavalos, porcos e galinhas, todos feitos de porcelana.

Mas o mais diferente de tudo eram as pessoas que viviam naquela terra estranha. Eram camponesas que tiravam leite das vacas, ou pastorinhas com vestidos de cores vivas e aventais de bordas douradas; e princesas com lindos trajes prateados, dourados e púrpura; e pastores usando suspensórios e calças curtas com listras cor-de-rosa, amarelas e azuis, e fivelas de ouro nos sapatos; e príncipes com coroas na cabeça, cravejadas de pedras preciosas, usando mantos de arminho e calções de seda; e palhaços engraçados com roupas enfeitadas por muitas rendas, com manchas vermelhas pintadas nos rostos e chapéus compridos e pontudos. E, o mais estranho de tudo, essas pessoas eram todas feitas de porcelana, inclusive as suas roupas, e eram tão pequenas que a maior delas não passava da altura do joelho de Dorothy.

Ninguém sequer olhou para os viajantes num primeiro momento, a não ser um cachorrinho minúsculo de louça com uma cabeça grande demais, que chegou ao pé do muro e começou a latir para eles com uma voz fininha, saindo depois na corrida.

– E como vamos descer? – perguntou Dorothy.

A escada era tão pesada que não tinham como puxá-la para o alto do muro, e então o Espantalho despencou do muro e os outros pularam em cima dele para não machucarem os pés no chão duro. Claro que fizeram o possível para não cair em cima da sua cabeça e ferir os pés com os alfinetes. Quando todos estavam a salvo no chão, pegaram o Espantalho, cujo corpo estava bastante achatado, e bateram a palha para ele recuperar a forma certa.

– Precisamos atravessar esse lugar estranho para chegarmos ao outro lado – disse Dorothy. – Não vale a pena avançarmos em qualquer rumo que não seja direto para o sul.

Começaram a caminhar pelo país do povo de louça, e a primeira coisa que encontraram foi uma camponesa de porcelana ordenhando uma vaca de louça. Quando chegaram perto, a vaca de repente soltou um coice e derrubou o banquinho, o balde e até a própria camponesa, que caíram todos com muito estardalhaço no chão de porcelana.

Dorothy ficou chocada ao ver que a perna da vaca se partiu e que o balde se espatifou em vários pedacinhos, enquanto a pobre camponesa ficou com uma rachadura no cotovelo esquerdo.

– Pronto! – gritou a camponesa com raiva. – Viram o que foram arranjar? Agora minha vaca quebrou a perna, preciso levá-la à oficina de conserto e mandar colar. Que história é essa de aparecer aqui de repente, assustando a minha vaca?

– Sinto muito – respondeu Dorothy. – Por favor, nos perdoe.

Mas a bela camponesa ficou aborrecida demais para dar qualquer resposta. Pegou a perna da vaca, muito contrariada, e saiu dali puxando o animal, que ia mancando com as três pernas que lhe sobraram. Enquanto se afastava, a camponesa lançou muitos olhares de reprovação por cima do ombro aos desajeitados estrangeiros, segurando o cotovelo trincado bem perto do corpo.

Dorothy ficou muito triste com esse acidente.

– Precisamos tomar bastante cuidado por aqui – disse o Lenhador de Lata de coração bondoso. – Senão podemos ferir essas pessoinhas, que nunca vão conseguir se refazer.

Um pouco mais além, Dorothy encontrou uma jovem princesa lindamente trajada, que parou de chofre ao ver os desconhecidos e começou a correr deles.

Dorothy queria ver a princesa melhor, e saiu correndo atrás dela. Mas a moça de porcelana gritou:

– Não corra atrás de mim! Não corra atrás de mim!

Tinha uma vozinha tão assustada que Dorothy parou e disse:

– Por que não?

E a princesa respondeu, parando também, a uma distância segura:

– Porque se eu correr posso cair e me quebrar toda.

– Mas não teria conserto? – perguntou a menina.

– Ah, sim; mas depois de colados nunca mais voltamos a ser bonitos como antes – respondeu a princesa.

– Imagino que não – disse Dorothy.

– Aquele ali é o sr. Coringa, um dos nossos palhaços – continuou a moça de porcelana. – Está sempre tentando se equilibrar de cabeça para baixo. Já se quebrou tantas vezes que está remendado em mais de cem lugares, e ficou bastante feio. Está chegando, e vocês vão poder ver de perto.

E realmente um palhaço alegre veio caminhando na direção deles, e Dorothy viu que, apesar das belas roupas coloridas, vermelhas, amarelas e verdes, estava coberto de rachaduras que corriam em todas as direções, mostrando claramente que tinha sido colado em muitos lugares.

O sr. Coringa enfiou as mãos nos bolsos e, depois de inchar as bochechas e acenar maliciosamente para eles, disse:

– Minha dama, quanto espanto!

Por que é que mira tanto

Este seu pobre palhaço?

E está muito esticada,
mais reta e empertigada

Que uma barra de aço!

– Ora, cale a boca! – disse a princesa. – Não está vendo que são estrangeiros, e precisam ser tratados com respeito?

– Bom, pois era respeito, só que do meu jeito! – declarou o sr. Coringa, e imediatamente se equilibrou de cabeça para baixo.

– Não se incomode com o sr. Coringa – disse a princesa a Dorothy. – Rachou tanto a cabeça que ficou com a mente meio avariada.

– Ah, não me incomode nem um pouco – disse Dorothy. – Mas você é tão linda – continuou – que estou começando a adorar você. Não quer voltar para o Kansas comigo e ir morar nas prateleiras da tia Em? Podia viajar na minha cesta.

– Mas isso me deixaria muito infeliz – respondeu a princesa de louça. – Aqui no nosso país vivemos contentes, e podemos conversar e andar para todo lado. Mas sempre que um de nós é levado embora, nossas juntas se endurecem na mesma hora, e só conseguimos ficar parados, fazendo bela figura. Claro que não esperam outra coisa de nós quando nos põem numa prateleira, num armário ou em cima de uma mesa, mas as nossas vidas são muito mais interessantes aqui na nossa terra.

– Por nada nesse mundo eu queria ver você infeliz! – exclamou Dorothy. – Então, adeus!

– Adeus – respondeu a princesa.

Continuaram a atravessar a terra da porcelana com o maior cuidado. Os bichinhos e as pessoas saíam do caminho dos viajantes, com medo que aqueles estranhos acabassem por quebrar alguém, e depois de mais ou menos uma hora eles chegaram ao outro lado, dando com mais um muro de louça.

Mas não era tão alto quanto o primeiro, e subindo nas costas do Leão todos conseguiram chegar ao topo. Em seguida o Leão se encolheu sobre as patas e pulou até o alto do muro; mas no momento em que saltou esbarrou com a cauda numa igrejinha de louça, que se desfez em pedacinhos.



– Que pena! – disse Dorothy. – Mas acho que tivemos sorte de não causar mais prejuízos a essas pessoas do que quebrar a perna de uma vaca e uma igreja. São tão frágeis!

– É mesmo – disse o Espantalho. – E ainda bem que sou feito de palha e não quebro com facilidade. Existem coisas piores no mundo do que ser um espantalho.

O Leão se torna Rei dos Animais

DEPOIS DE DESCEREM DO MURO DE LOUÇA, os viajantes se viram numa região desagradável, cheia de charcos e pântanos e coberta de uma relva alta e cerrada. Era difícil avançar sem cair em algum lamaçal, porque a relva era tão fechada que escondia sua localização. Ainda assim, escolhendo o caminho com cuidado, os viajantes conseguiram avançar em segurança até chegarem a um terreno mais firme. Mas ali a área era mais selvagem do que qualquer outra, e ao final de uma caminhada longa e penosa pelo meio daquelas macegas, chegaram a mais uma floresta, onde as árvores eram as maiores e mais antigas de todas que tinham visto.

– Esta floresta é um lugar encantador – declarou o Leão, correndo os olhos em volta com alegria. – Nunca vi um lugar mais lindo.

– Achei um pouco sombrio – disse o Espantalho.

– Nem um pouco – respondeu o Leão. – É aqui que eu devia passar a minha vida. Vejam como o chão tem um forro macio de folhas secas, e como é cheiroso e verde o musgo que cresce no tronco dessas velhas árvores. Não pode existir lugar melhor para um animal selvagem viver.

– Talvez essa floresta já seja cheia de feras – disse Dorothy.

– Imagino que sim – respondeu o Leão. – Mas não estou vendo nenhuma delas por aqui.

Caminharam pela floresta até ficar escuro demais para avançar. Dorothy, Totó e o Leão se deitaram para dormir, enquanto o Lenhador de Lata e o Espantalho, como sempre, ficavam de sentinela.

Quando amanheceu, começaram a jornada. Antes de chegarem muito longe, ouviram um som surdo, como o rugido de muitos animais selvagens. Totó ganiu um pouco, mas nenhum dos outros ficou com medo. Continuaram andando pela trilha bem pisoteada até chegarem a uma clareira na mata, onde se reuniam centenas de animais de todos os tipos. Havia tigres, elefantes, ursos, lobos, raposas e todos os outros da história natural, e por um momento Dorothy ficou assustada. Mas o Leão explicou que os animais estavam participando de uma reunião, e que pelos grunhidos e rosnados calculava que havia algum problema.

Assim que acabou de falar vários dos animais o viram chegando, e na mesma hora toda a assembleia se calou, como que por mágica. O maior dos tigres se dirigiu ao Leão e fez uma reverência, dizendo:

– Bem-vindo, ó rei dos animais! Chegou bem na hora para enfrentar nosso inimigo e voltar a trazer a paz para todos os animais da floresta.

– Qual é o problema? – perguntou o Leão com voz calma.

E o tigre respondeu:

– Fomos todos ameaçados por um inimigo feroz que se mudou para essa floresta. É um monstro terrível, parecendo uma aranha imensa, com um corpo do tamanho de um elefante e pernas compridas como troncos de árvore. Tem oito dessas pernas compridíssimas e, enquanto caminha pela floresta, esse monstro pode agarrar um animal com uma das pernas e levar até a boca, comendo como uma aranha devora uma mosca. Nenhum de nós está a salvo com essa criatura horrenda por aí, e convocamos essa reunião para decidir como nos proteger. Aí você apareceu.

O Leão pensou por um instante.

– Existe algum outro leão nessa floresta? – perguntou ele.

– Não; havia alguns, mas o monstro já comeu todos. Além disso, nenhum deles era tão grande ou corajoso quanto você.

– E se eu der cabo do inimigo, vocês me obedecem e me reconhecem como Rei da Floresta? – quis saber o Leão.

– Reconhecemos, com a maior satisfação – respondeu o tigre, o que os outros animais apoiaram com um grande rugido:

– Reconhecemos!

– E onde está agora essa aranha gigantesca? – perguntou o Leão.

– Logo ali, no meio daqueles carvalhos – disse o tigre, apontando com a pata dianteira.

– Então tomem conta desses meus bons amigos – disse o Leão – enquanto vou enfrentar o monstro.

Despediu-se dos seus camaradas e marchou orgulhoso para combater o inimigo.

A aranha imensa estava dormindo quando o Leão a encontrou, e era tão feia que o Leão torceu o nariz de repulsa. Suas pernas eram mesmo do comprimento que o tigre tinha dito, e seu corpo era coberto de grossos pelos negros. Tinha uma boca enorme, com uma fileira de dentes afiados medindo um palmo e meio cada um; mas sua cabeça se juntava ao corpo robusto por um pescoço fino como uma cintura de vespa. Isto deu uma ideia ao Leão

sobre a melhor maneira de atacar a criatura, e como sabia que era mais fácil atacá-la antes que acordasse, deu um grande salto e caiu direto nas costas do monstro. Então, com um único golpe da sua forte pata, armada de garras afiadas, separou a cabeça do corpo da aranha. Pulando de volta para o chão, ficou olhando enquanto as pernas compridas paravam de se agitar, e finalmente concluiu que o monstro estava bem morto.

O Leão voltou para a clareira onde os animais da floresta estavam esperando a sua volta e disse, com grande orgulho:

– Não precisam mais ter medo desse inimigo.

Então todos os animais se curvaram diante do Leão, que reconheceram como Rei, e ele prometeu voltar e vir reinar sobre eles assim que Dorothy estivesse a caminho, de volta para o Kansas.



O País dos Quadlings

OS QUATRO VIAJANTES atravessaram em segurança o resto da floresta e, quando deixaram a sombra da mata, viram diante deles uma encosta bem inclinada, coberta de cima a baixo de grandes rochedos.

– Vai ser uma escalada difícil – disse o Espantalho. – Mesmo assim, precisamos chegar ao outro lado dessa montanha.

Saiu andando na frente, seguido pelos outros. E tinham quase chegado ao primeiro rochedo quando ouviram uma voz rouca avisando:

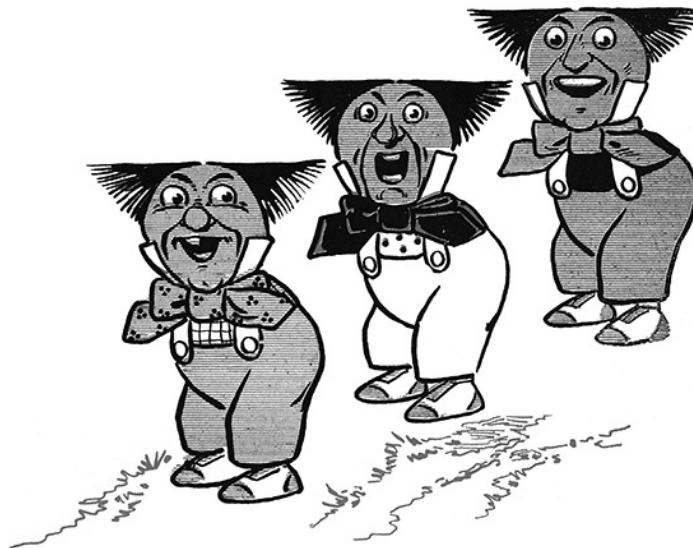
– Não avancem mais!

– Quem é você? – perguntou o Espantalho. Então uma cabeça apareceu por trás do rochedo e a mesma voz disse:

– Essa montanha é nossa, e não deixamos ninguém passar.

– Mas precisamos passar – disse o Espantalho. – Estamos indo para o País dos Quadlings.

– Por aqui não passam! – respondeu a voz, e de trás do rochedo surgiu o homem mais estranho que os viajantes já tinham visto.



Era baixo e corpulento, e tinha uma cabeça enorme, chata no topo e sustentada por um pescoço grosso e todo enrugado. Mas não tinha braços e,

vendo isto, o Espantalho não imaginou que uma criatura tão desarmada pudesse impedi-los de subir a montanha. E disse:

– Sinto muito não obedecer às suas ordens, mas precisamos passar pela sua montanha, concorde você ou não – e, com bravura, deu um passo à frente.

Com a rapidez de um raio, a cabeça do homem se precipitou para a frente e o pescoço se esticou até o topo da sua cabeça chata atingir o Espantalho na altura da barriga e derrubá-lo rolando no chão encosta abaixo. Quase tão depressa quanto atacou, a cabeça voltou para o corpo, e o homem deu um riso desagradável enquanto dizia:

– Não é tão fácil quanto você pensa!

Um coro de risadas zombeteiras se ergueu dos outros rochedos, e Dorothy viu centenas de Cabeças-de-Martelo sem braços por toda a encosta, um atrás de cada pedra.

O Leão ficou furioso com as risadas provocadas pelo fracasso do Espantalho, e soltando um rugido forte que ecoou como um trovão começou a correr encosta acima.

Novamente uma cabeça se projetou com velocidade e o grande Leão desceu rolando a encosta como se tivesse sido atingido por uma bala de canhão.

Dorothy correu para ajudar o Espantalho a ficar de pé, e o Leão se aproximou dela, cheio de dores e manchas roxas, e disse:

– Não adianta lutar contra pessoas com cabeças que atacam assim, pois ninguém pode enfrentá-las.

– E então, o que podemos fazer? – perguntou ela.

– Chame os Macacos Alados – sugeriu o Lenhador de Lata. – Você ainda tem o direito de chamá-los mais uma vez.

– Muito bem – respondeu ela e, pondo na cabeça o Gorro de Ouro, disse as palavras mágicas. Os Macacos chegaram depressa, como sempre, e dali a poucos instantes estavam todos à sua frente.

– Quais são as suas ordens? – perguntou o Rei dos Macacos, fazendo uma reverência diante dela.

– Que nos levem para o País dos Quadlings, do outro lado da montanha – respondeu a menina.

– Assim será – disse o Rei, e na mesma hora os Macacos Alados pegaram os quatro viajantes e mais Totó nos braços e saíram voando com eles. Quando passaram por cima da montanha, os Cabeças-de-Martelo gritaram

de ódio, e projetaram suas cabeças bem alto no ar, mas não conseguiram alcançar os Macacos Alados, que carregaram Dorothy e seus companheiros em segurança por cima da montanha e os pousaram no chão no lindo País dos Quadlings.

– Foi a última vez que você podia nos chamar – disse o chefe a Dorothy. – Então adeus, e boa sorte para vocês.

– Adeus, e muito obrigada – respondeu a garota.

Os Macacos bateram as asas e desapareceram num piscar de olhos.

O País dos Quadlings parecia rico e feliz. Era um campo atrás do outro plantado de trigo maduro, com estradas bem cuidadas passando pelo meio deles e lindos riachos murmurantes atravessados por pontes bem construídas. As cercas, as casas e as pontes eram todas pintadas de vermelho forte, assim como eram amarelas no País dos Winkies e azuis no País dos Munchkins. Os próprios Quadlings, que eram baixos e gordos, com um ar rechonchudo e bem-humorado, se vestiam todos de vermelho, cor que se destacava com clareza contra o verde da relva e o amarelo do trigo maduro.

Os Macacos tinham deixado os quatro amigos perto da sede de uma fazenda, e os viajantes bateram à porta da casa. A porta foi aberta pela mulher do fazendeiro, e quando Dorothy lhe pediu alguma coisa para comer a mulher preparou um ótimo jantar para todos, com três tipos de bolo, quatro de biscoito e uma tigela de leite para Totó.



– O Castelo de Glinda fica muito longe? – perguntou a menina.

– Nem tanto – respondeu a mulher do fazendeiro. – Peguem a estrada para o sul e logo chegarão lá.

Agradecendo à boa mulher, retomaram a viagem, caminhando pelos campos e atravessando as belas pontes, até verem à sua frente um belíssimo castelo. Diante das portas havia três belas jovens vestindo uniformes vermelhos com enfeites e alamares dourados; e, assim que Dorothy chegou perto, uma delas disse:

– O que veio fazer nas terras do Sul?

– Ver a Bruxa Boa que reina aqui – respondeu ela. – Podem me levar até ela?

– Digam os seus nomes que vou perguntar a Glinda se ela recebe vocês.

Eles disseram os nomes e a moça-soldado entrou no castelo. Depois de alguns momentos, voltou para dizer que Dorothy e os outros iam ser recebidos sem demora.

A Bruxa Boa concede o desejo de Dorothy

ANTES DE IREM VER GLINDA, porém, os amigos foram levados para outra sala do castelo, onde Dorothy lavou o rosto e penteou o cabelo, o Leão sacudiu a poeira da juba, o Espantalho bateu sua palha para assumir sua melhor forma e o Lenhador poliu sua lata e pôs óleo nas juntas.

Quando estavam todos apresentáveis, seguiram a moça-soldado até um salão imenso onde a Bruxa Glinda estava sentada num trono de rubis.

Ela era linda e jovem. Seus cabelos eram de um vermelho forte e caíam em cachos abundantes pelos ombros. Seu vestido era todo branco; mas os olhos eram azuis, e contemplavam a menina com grande doçura.

– O que posso fazer por você, minha criança? – perguntou ela.

Dorothy contou toda sua história à Bruxa; como tinha sido trazida pelo ciclone para a Terra de Oz, como tinha encontrado os seus companheiros, e sobre as maravilhosas aventuras que tinham vivido.

– E agora, o meu maior desejo é voltar para o Kansas – disse Dorothy. – Minha tia Em deve estar pensando que alguma coisa horrível aconteceu comigo, e vai ter de vestir luto. E se a colheita não for melhor esse ano que no ano passado, eu sei que tio Henry não vai ter dinheiro para o pano.

Glinda debruçou-se para a frente e beijou o doce rosto da menina.

– Que coração amoroso, o seu – disse ela. – Tenho certeza de que vou saber lhe dizer algum modo de voltar para o Kansas – e acrescentou: – Mas, para isso, você precisa me dar o Gorro de Ouro.

– Com todo o prazer! – exclamou Dorothy. – Porque agora não me serve mais de nada, e quando eu lhe der você poderá comandar os Macacos Alados em três ocasiões.

– E acho que só vou precisar dos serviços deles essas três vezes – respondeu Glinda, sorrindo.

Dorothy então lhe entregou o Gorro de Ouro, e a Bruxa disse ao Espantalho:

– O que você vai fazer, depois que Dorothy for embora?

– Vou voltar para a Cidade das Esmeraldas – respondeu ele. – Oz me passou o governo da cidade, e o povo de lá gosta de mim. A única coisa que me preocupa é como atravessar de volta a montanha dos Cabeças-de-Martelo.

– Usando o Gorro de Ouro, vou mandar os Macacos Alados levarem você de volta até os portões da Cidade das Esmeraldas – disse Glinda. – Seria uma pena deixar o povo de lá sem um governante tão maravilhoso.

– Sou mesmo maravilhoso? – perguntou o Espantalho.

– Fora do comum – respondeu Glinda.

E, virando-se para o Lenhador de Lata, ela perguntou:

– E o que vai ser feito de você, depois que Dorothy deixar o nosso país?

Ele se apoiou no seu machado e passou alguns instantes pensando. Depois disse:

– Os Winkies foram muito gentis comigo, e queriam que eu ficasse no governo de lá depois que a Bruxa Má morreu. Gosto muito dos Winkies, e se conseguir voltar para o País do Oeste tudo que eu quero é governar os Winkies para todo o sempre.

– Minha segunda ordem para os Macacos Alados – disse Glinda – será que levem você em segurança até o País dos Winkies. Seu cérebro pode não ser tão grande quanto o do Espantalho, mas na verdade você é mais brilhante do que ele, quando está bem polido. Tenho certeza de que vai governar os Winkies muito bem, e com sabedoria.

Em seguida a Bruxa olhou para o Leão imenso e descabelado, e perguntou:

– Depois que Dorothy voltar para a casa dela, o que vai ser de você?

E o Leão respondeu:

– Do outro lado da montanha dos Cabeças-de-Martelo fica uma floresta grande e antiga, e todos os animais que vivem lá me nomearam seu Rei. Se eu pudesse voltar até essa floresta, passaria o resto dos meus dias lá muito feliz.

– Minha terceira ordem para os Macacos Alados – disse Glinda – vai ser levar você até a sua floresta. E então, depois de usar todos os poderes mágicos do Gorro de Ouro, vou dá-lo para o Rei dos Macacos, e libertar seu povo para sempre.

O Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão agradeceram muito à Bruxa Boa pela sua gentileza, e Dorothy exclamou:

– Você realmente, além de linda, é muito bondosa! Mas ainda não me disse como eu vou voltar para o Kansas.

– Os seus Sapatos de Prata vão levar você até o outro lado do deserto – respondeu Glinda. – Se você conhecesse o poder mágico deles, podia ter voltado para a sua tia Em desde o primeiro dia que chegou aqui.

– Mas aí eu não teria o meu esplêndido cérebro! – exclamou o Espantalho. – E poderia ter passado a minha vida inteira naquele milharal.

– E eu ficaria sem o meu adorável coração – disse o Lenhador de Lata. – Parado na floresta, enferrujando até o fim do mundo.

– E eu teria continuado a ser covarde até morrer – declarou o Leão. – E nenhum dos animais da floresta teria nada de bom a dizer sobre mim.



– Tudo isso é verdade, e fico feliz de ter podido ajudar os meus bons amigos – disse Dorothy. – Mas agora que eles todos já conseguiram o que mais queriam, e cada um ainda ganhou um reino para governar, acho que quero voltar para o Kansas.

– Os Sapatos de Prata – disse a Bruxa Boa – têm poderes maravilhosos. E uma das coisas mais curiosas é que podem levar a pessoa para qualquer lugar no mundo em três passos, e cada passo só dura uma piscadela de olho.

Você só precisa bater os calcanhares dos Sapatos três vezes, e dizer a eles aonde você quer ir.

– Se é assim, vou pedir que me levem de volta para o Kansas agora mesmo – disse a menina com grande alegria.

Abraçou o pescoço do Leão e lhe deu um beijo, acariciando docemente a sua cabeçorra. Em seguida deu um beijo no Lenhador de Lata, que chorava de um modo muito arriscado para as suas juntas. Mas abraçou com força o corpo macio e recheado do Espantalho em vez de beijar seu rosto pintado, e descobriu que ela própria estava chorando com a triste despedida dos seus queridos companheiros.

Glinda, a Bruxa Boa, desceu do trono de rubis para dar um beijo de despedida na menina, e Dorothy agradeceu a bondade que havia demonstrado para com seus amigos e ela própria.

Em seguida Dorothy pegou Totó solenemente no colo e, depois de um último adeus, bateu três vezes os calcanhares dos seus sapatos, dizendo:

– Me levem para a casa, para a tia Em!

NO MESMO INSTANTE ela rodopiava pelo ar, tão depressa que só ouvia ou sentia o sopro do vento nos seus ouvidos.

Os Sapatos de Prata só precisaram de três passos, e então ela parou tão bruscamente que rolou na relva várias vezes antes de descobrir onde estava.

Mas depois de algum tempo ela sentou e olhou à toda volta.

– Minha nossa! – disse a menina.

Pois estava sentada na pradaria do Kansas, e bem à frente dela estava a casa nova que o tio Henry tinha construído depois que o ciclone levou embora a antiga. Tio Henry estava ordenhando as vacas no celeiro, e Totó pulou do colo dela e saiu correndo naquela direção, latindo na maior felicidade.

Dorothy se levantou e descobriu que estava só de meias – os Sapatos de Prata tinham caído durante o voo pelo ar, e se perderam para sempre no deserto.



De volta em casa

A TIA EM TINHA ACABADO de sair da casa para regar os repolhos quando levantou os olhos e viu Dorothy correndo na direção dela.

– Minha querida criança! – exclamou ela, envolvendo a menina nos braços e cobrindo o seu rosto de beijos. – De onde você está vindo?

– Da Terra de Oz – respondeu Dorothy com toda a seriedade. – E Totó também voltou comigo. E ah, tia Em, como estou feliz por ter voltado para casa!



CLÁSSICOS ZAHAR
em EDIÇÃO BOLSO DE LUXO

textos integrais

O Mágico de Oz

L. Frank Baum

Alice

Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho

Lewis Carroll

As aventuras de Sherlock Holmes

O cão dos Baskerville

Arthur Conan Doyle

O conde de Monte Cristo

Os três mosqueteiros

Alexandre Dumas

Contos de fadas

Perrault, Grimm, Andersen & outros

20 mil léguas submarinas*

Jules Verne

Títulos disponíveis também em Edição Comentada e Ilustrada.

* Em preparação

Título original:

The Wonderful Wizard of Oz

Copyright desta edição © 2013:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º

22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Juliana Romeiro | Revisão: Suelen Lopes, Joana Milli

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Edição digital: janeiro 2013

ISBN: 978-85-378-1033-0